

Vivendo com a Nobreza. Arqueologia dos Palácios e Casas Nobres na Lisboa Moderna

TÂNIA CASIMIRO*, CARLOS BOAVIDA**

1. Introdução

Tradicionalmente, o conceito de palácio sugere uma casa de grandes dimensões cujo proprietário pertence a um grupo com poder económico e/ou social. Esta caracterização fica, contudo, muito aquém daquilo que um palácio representa, nas suas vertentes arquitetónica, artística, cultural, social e simbólica.

Ainda que a existência de palácios em Lisboa possa recuar à Idade Média, o objetivo deste artigo é debater como este tipo de casas marcou presença na Lisboa moderna, sensivelmente entre os inícios do século XVI e os meados do século XVIII. As datas não são aleatórias. O início corresponde ao momento em que o rei D. Manuel I deslocou a sua residência oficial para o Paço da Ribeira, provocando assim alterações estruturais na organização da própria cidade, que deixou então de estar centrada num modelo medieval de alcáçova, onde o poder político e administrativo estava sediado intramuralhas, na zona mais alta e nobre da urbe. No seguimento desta situação, a partir de meados do século XVI, a frente ribeirinha recebeu inúmeros palácios, tais como o dos Corte-Real, dos Aveiro e dos Távora, entre outros, reflexo dessa dinâmica urbana no que diz respeito à edificação de novas estruturas palatinas. O final desta análise é o inevitável ano de 1755, não por ter assinalado o fim da arquitetura palaciana, mas porque alguns dos maiores e mais marcantes palácios que existiam na cidade de Lisboa colapsaram ou ficaram de tal forma danificados que deixaram de cumprir a função inicial para a qual haviam sido criados. Muitos deles foram reconstruídos e outros ergueram-se depois do cataclismo, tendo a nossa investigação identificado mais de 200 edifícios referidos como paços, casas nobres, palácios ou palacetes na zona de Lisboa, entre os séculos XV e XX, não contando com os que existiam nas chamadas quintas de recreio. Não foram igualmente contabilizados todos aqueles dos quais não há memória histórica escrita, embora tendo em conta as suas características não existam dúvidas que corresponderiam a estruturas desta tipologia.

São vários os estudos monográficos sobre palácios de Lisboa, abordando de forma geral a sua história e os seus detalhes arquitetónicos e artísticos (Neves, 1941; Costa, 1958, 1959/1960, 1962; Sequeira, 1961; Côte-Real, 1983; Portuguesa, 1983; Ataíde, 1984; Pinto, 1985; Saraiva, 1985; Matos, 1987; Sampaio, 1988; Alcântara, 1996; Miguel, 1998; Teixeira, 2002; Trigo, 2002; Carita, 2007; Galvão-Telles, 2014; Flor et al., 2014a);

* História, Territórios e Comunidades/Centro de Ecologia Funcional — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. *E-mail*: tmcasimiro@fcsh.unl.pt

** Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa; Associação dos Arqueólogos Portugueses. *E-mail*: cmpboavida@gmail.com

Texto concluído no final de 2021 e revisto pontualmente no início de 2023.

no entanto, são escassos os trabalhos de síntese sobre esta temática (Andrade, 1945; Araújo, 1946/1952; Gil, 2005; Mello, 2018; Freese, 2019). O propósito deste artigo é debater a importância dos palácios de Época Moderna na cidade de Lisboa, numa perspetiva arqueológica. Não apenas a sua importância paisagística e a inegável preponderância urbana, objeto de destaque em diversas vistas da cidade, mas igualmente como a sua presença condicionou o próprio desenvolvimento da cidade. Estes espaços foram residência, muitas vezes oficial, dos grupos mais distintos da população, levando a que uma grande parte dos que sobreviveram ficassem conhecidos pelo nome das famílias que os habitaram, sendo quase impossível contornar nomes como os dos palácios Corte-Real, Marialva ou Cadaval. Muitos destes edifícios, nomeadamente os mais conhecidos, eram propriedade de famílias nobres, enquanto outros eram pertença de proprietários endinheirados. Estas estruturas, por vezes de grandes dimensões, que não passavam despercebidas na paisagem urbana, também não foram alheias na formação das mentalidades, sobretudo em termos de desigualdade.

As fontes para o estudo dos palácios em Lisboa são de várias ordens, nomeadamente documental (escrita, iconográfica e cartográfica), mas também por via de escavações arqueológicas. Não é propósito deste artigo a produção de uma lista exaustiva de todos os palácios que existiam em Lisboa e a descrição das suas características, mas sim o debate em torno do que define um palácio. Para esse efeito foram tidos em conta dezenas destes edifícios, mas não de forma exaustiva, pois, embora a amostra seja significativa (cerca de duas centenas no centro histórico de Lisboa), não esgota o significativo número daqueles



Fig. 1 — Vista geral do Palácio dos Condes de Figueira, no Largo Rodrigo de Freitas, junto à esquina do qual ficava uma das portas da Muralha Fernandina, o Arco de Santo André (do lado esquerdo da imagem) (foto do autor).

que existiam, especialmente se consideramos a zona da grande Lisboa. O propósito deste trabalho é fazer a síntese possível, com base nas evidências arqueológicas disponíveis, de que tipo de narrativas podem ser construídas em torno destes edifícios. Numa perspetiva histórica, artística e de divulgação, existem alguns trabalhos incontornáveis sobre os palácios de Lisboa. Ainda que as obras de síntese sejam sempre as mais escassas (Franco, 2016), estudos pontuais sobre as características destes edifícios, tais como sobre a sua história ou a sua arquitetura, são de mais fácil acesso (Miguel, 2012; Coutinho, 2016; Reis, 2019).

Várias leituras teóricas seriam possíveis na análise que se pretende. Contudo, para o efeito deste trabalho decidiu-se analisar estes espaços através de duas perspetivas. A primeira terá como base uma discussão sobre a importância dos palácios na paisagem urbana e a possibilidade de reconstrução da mesma através das evidências documentais, iconográficas e artísticas. A segunda relaciona-se com a ocupação quotidiana destes espaços e como os mesmos podem ser analisados numa perspetiva de *household archaeology*, onde as dinâmicas das relações entre pessoas, animais, artefactos, arquitetura são o mais importante. Um artigo desta dimensão não permite explorar como todos os sítios arqueológicos em Lisboa poderão ser analisados nesta perspetiva, mas se atendermos à definição de *household* dada por Wilk e Rathje têm de ser tidos em conta vários elementos «(1) sociais: unidade demográfica, incluindo o número de relações entre os seus membros; (2) materiais: o espaço, a vivência, áreas de atividade e propriedade; e (3) comportamentais: as atividades que os espaços e os agentes desenvolvem» (tradução dos autores) (Wilk & Rathje, 1982, p. 618), então a abordagem a estes edifícios numa perspetiva de *household* permite-nos compreender não apenas as relações de domesticidade e dependência no seu interior, mas igualmente o impacto cultural da sua localização e arquitetura.

2. Os Palácios na Paisagem Arqueológica Urbana Lisboaeta

Como se reconstrói a paisagem urbana em Lisboa antes do terramoto de 1755, em que a importância dos palácios seja aferida e problematizada? A tentativa de reconstrução das paisagens é uma prática recorrente na arqueologia, mesmo através da iconografia e de reconstituições textuais. Ainda que existam autores que defendem que «studying landscapes through (...) texts, maps, photographs, paintings can provide only a relatively superficial and abstracted knowledge. There is no substitute for personal experience» (Tilley, 2008, p. 272), os autores do presente texto não partilham desta opinião, sobretudo porque a experiência pessoal numa paisagem que desapareceu em 1755 não seria senão parcialmente possível. Existem diversas representações da cidade de Lisboa, umas mais conhecidas que as outras, que tornam possível essa reconstrução, sobretudo através da arquitetura, mas também a forma como o espaço é percecionado numa perspetiva do próprio corpo, permitindo questionar como os lisboetas sentiam o espaço e conceptualizavam a existência de um palácio. Estes estariam no seu quotidiano, sendo considerados como algo integrante da paisagem, pelo qual milhares de pessoas passavam todos os

dias, criando parte do enquadramento de uma vida normal onde a existência de um edifício de enormes dimensões faria parte da forma como o espaço era mentalmente concebido e vivido (Lefebvre & Levich, 1987).

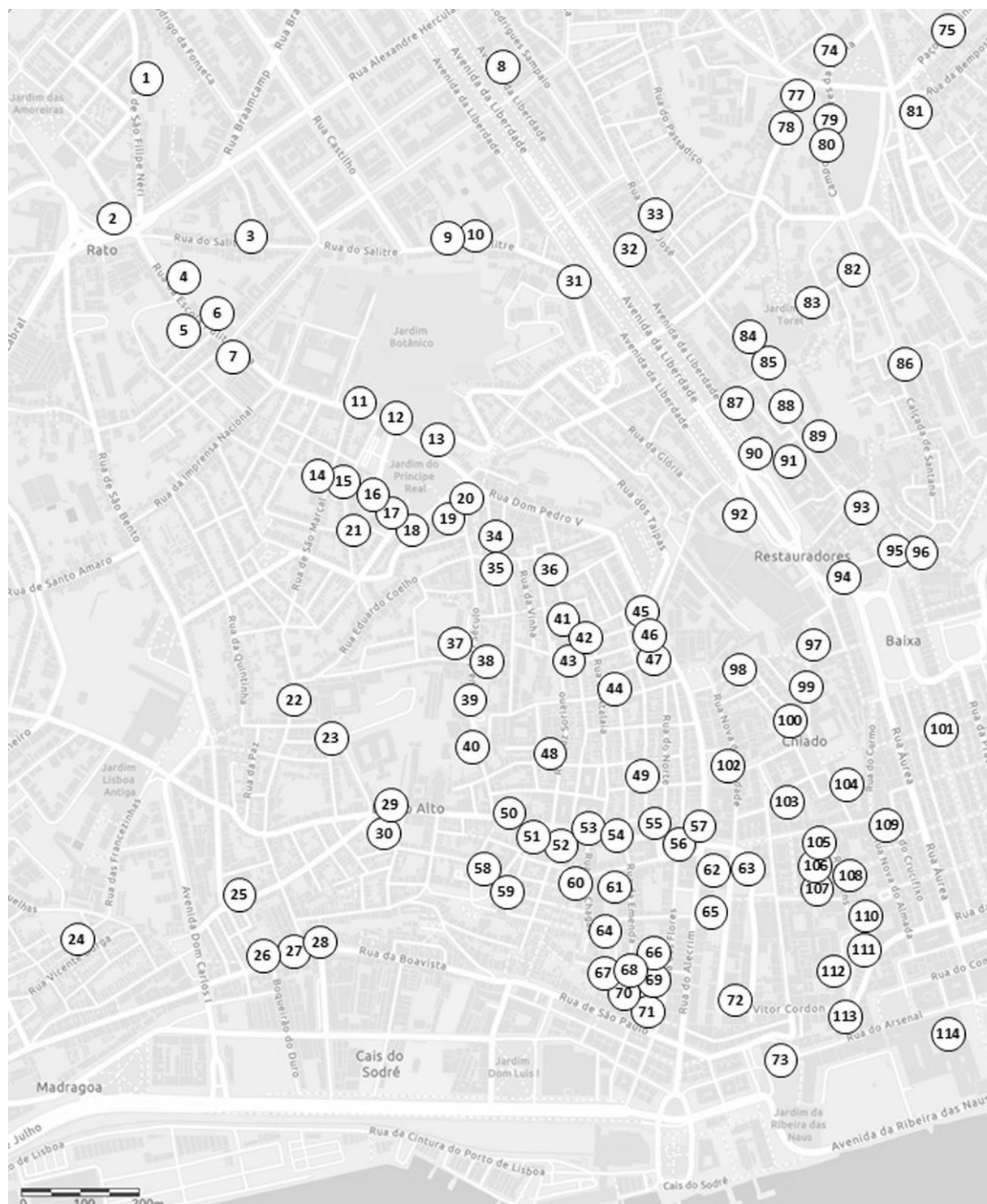


Fig. 2 — Localização dos palácios no Centro Histórico de Lisboa (mapa do autor).

Esta «reconstrução» da paisagem urbana permite relocalizar estes palácios e compreender como as dinâmicas de poder político e económico condicionaram a organização urbana e como o espaço era percecionado pelos habitantes de Lisboa.



1. Guiões; 2. Praia/Monforte; 3. Falcarrreira; 4. Palmela; 5. Alagoas/Cruz-Alagoa; 6. Fontalva; 7. Rebelo de Andrade/Seia/Bramão; 8. Conceição e Silva;

9. Alto Mearim; 10. Alves Machado; 11. Restelo/Sanches Baena (Castilho); 12. Anjos; 13. Ribeira da Cunha; 14. Menino de Ouro; 15. Contreiras; 16. Penalva; 17. Santos; 18. António Ferreira de Carvalho; 19. Faria; 20. Alenquer; 21. (R. Cecília de Sousa); 22. Alcáçovas; 23. Menda; 24. Machadinho; 25. Fonte Arcada (Flor da Murta); 26. Alarcão; 27. Almada Carvalhais; 28. Alvito/Oriola; 29. Cabral (Belmonte/Moçamedes); 30. Mesquitela (Poço Novo); 31. Mayer; 32. Lambertini; 33. Mercador; 34. Braamcamp; 35. Soure; 36. (R. da Rosa, 277); 37. Ratton; 38. Alva (Bichinho de Conta); 39. Pombal; 40. Lançada; 41. Minas; 42. (R. da Rosa, 168); 43. Cunhal das Bolas; 44. Grémio Lusitano (Maçónico); 45. Lumiares; 46. Ludovice; 47. Tomar; 48. Ficalho; 49. Almeida; 50. Marim-Olhão (Correio-Velho); 51. Sandomil; 52. Valada/Azambuja; 53. Sousa-Calhariz; 54. Sobral; 55. Santiago de Beduído; 56. Marialva/Cantanhede; 57. Redondo; 58. (R. Santa Catarina); 59. Verride; 60. Fronteira/Torre; 61. Condeixa (Manteigueiro); 62. Pontével; 63. Ferreira Pinto Basto (Loreto); 64. Viana; 65. Quintela (antigo Valença); 66. Galveias; 67. (R. do Ataíde); 68. Ataíde (Alvor); 69. Feira; 70. Távora/S. João da Pesqueira; 71. Ilha do Príncipe; 72. Bragança; 73. Corte-Real (Casas Nobres do Infantado); 74. Vaz Carvalho; 75. Bemposta; 76. Pombeiro; 77. Centeno (Açafatas da Rainha); 78. Murça (Mello); 79. Sanches de Brito (Patriarcado); 80. Valmor; 81. Mitelo; 82. Silva Amado; 83. Castro Guimarães; 84. Pedrosa; 85. Lavre/Sousa Leal; 86. (Cc. Sant'Ana); 87. Nunes Correia; 88. Ericeira/Louriçal (Anunciada); 89. Povolide; 90. Castanheira; 91. Castelo Melhor/Calheta; 92. Castelo Melhor; 93. Alverca; 94. Estáus; 95. Almada; 96. Regaleira; 97. Cadaval (Ferreira/Tentúgal); 98. Vidigueira/Nisa; 99. Sabugal (Óbidos); 100. Sarzedas; 101. Penalva/Tarouca; 102. Alva; 103. Lafões (Arronches/Miranda); 104. Valadares; 105. Atouguia; 106. Távora; 107. S. Miguel; 108. Loures; 109. Barcelinhos; 110. Barbacena; 112. Iglesias; 113. Ribeira Grande/Vila Franca — Bessone; 114. Ribeira; 115. Folgosa; 116. Távoras; 117. Alegrete/Vilar Maior; 118. Aboim; 119. V. N. Ceveira/Castelo Melhor/Ponte de Lima (Rosa); 120. Monsanto/Cascais; 121. Paço Real da Alcáçova; 122. Bispos de Lisboa/Santiago; 123. Aveiras/Vagos (S. Cristóvão); 124. Tancos/Atalaia; 125. Vila Flor (Costa do Castelo); 126. Cozinhas (Castelo de S. Jorge); 127. Governador (Castelo de S. Jorge); 128. S. Vicente (Caldas); 129. Penafiel; 130. Monte-Real; 131. Alorna/Castelo Novo/Assumar; 132. Albuquerque (Casa dos Bicos); 133. Trofa; 134. Vale de Reis; 135. Figueira; 136. (R. São Tomé); 137. Belmonte; 138. Castelo Novo; 139. Vimieiro; 140. Azurara; 141. Basto (Castros); 142. Ferreira e Tentúgal; 143. Arcos (Salvador); 144. S. Martinho (Limoieiro); 145. Aveiro; 146. Gouveia/Lavradio; 147. Távora; 148. Cuncolim; 149. Murça; 150. Chafariz d'El-Rei; 151. Vila Flor; 152. Angeja; 153. Teles de Meneses (S. Vicente); 154. Távoras; 155. S. Vicente (Patriarcado); 156. Barbacena; 157. Sinel de Cordes; 158. Lavradio; 159. S. Martinho (S. Helena); 160. Azevedo Coutinho (Santo Estêvão); 161. Dona Rosa; 162. Teles de Melo; 163. Resende; 164. Mascarenhas (Alvito/Quaresma); 165. Veloso (Penalva); 166. Van Zeller; 167. Coimbra; 168. Pancas-Palha/Van Zeller.

Através das numerosas representações da cidade pré-terramoto, assim como da existência de palácios que ainda hoje sobrevivem na malha urbana, é possível verificar como estes ocupavam locais de destaque. Tal facto é bem visível, entre outras, nas vistas de Lisboa da autoria de Georges Bráunio (c. 1572), na de autor anónimo que se encontra no Castelo de Weilburg (c. 1613), ou na atribuída a José Pinhão de Matos (c. 1715-1765), exposta no Museu Nacional de Arte Antiga, representando a partida de São Francisco Xavier para o Oriente. Ainda neste aspeto, pelo grande pormenor e por mostrar uma área muito mais extensa do que qualquer outro documento, é incontornável o *Panorama de Lisboa*, trabalho azulejar de inícios do século XVIII, atribuído a Gabriel del Barco, proveniente do antigo Palácio dos Condes de Santiago, atualmente exposto no Museu Nacional do Azulejo.

Não querendo explorar à exaustão estes documentos pictóricos que já foram analisados por diversos autores (Flor et al., 2014b; Rossa, 2015; Soromenho, 2016; Bugalhão, 2018; Leite et al., 2019), chamamos a atenção para a representação de alguns palácios naqueles, principalmente na frente ribeirinha, como o Paço da Ribeira ou Palácio dos Corte-Real, mas também nas colinas, como o Paço de São Martinho ou o Palácio dos Duques de Bragança e o dos Condes da Ribeira Grande. Outros são igualmente visíveis no exterior da cidade muralhada, principalmente no *Panorama de Lisboa*.

Do ponto de vista urbanístico, a presença de tais construções não se limitava apenas ao edifício propriamente dito. Em alguns palácios existiam estruturas de apoio anexas, assim como elaborados jardins de aparato. Além disso, não podemos ignorar as casas dos serviços que trabalhavam nos palácios e que, quase sempre, de forma algo aleatória, se foram fixando nas proximidades daqueles, numa situação em tudo semelhante ao que sucederia mais tarde com os bairros operários em relação às fábricas.

É interessante referir que em muitas situações os palácios não eram exclusivos de um determinado titular e que podiam inclusivamente ser alugados a outros, vivendo mais do que uma família num mesmo edifício. Podia também suceder, por ausência



Fig. 3 — Vista geral da fachada lateral do Palácio dos Condes de Figueira (do lado exterior da muralha), onde é possível perceber o impacto físico e visual daquele edifício no espaço urbano (foto do autor).

prolongada do seu proprietário, o palácio ser cedido para residência de outra família e se o titular retornava a Lisboa ficar instalado num outro palácio, evitando assim eventuais despejos dos inquilinos que residiam na sua casa (Miguel, 2012).

Acima de tudo, é impossível ignorar como estes edifícios se destacavam na paisagem, nomeadamente os que se encontravam junto ao rio, pois a escolha não é de forma alguma aleatória. Face à vocação marítima de Lisboa, desde sempre a organização da vida na cidade esteve muito orientada para o mar e para o rio, o que se acentuou, cada vez mais, a partir dos finais da Idade Média, com o exponencial aumento do tráfego comercial por essa via. Assim, no início do século XVI, D. Manuel I (r. 1495-1521) decidiu construir uma nova residência régia junto ao rio e às principais instituições ligadas ao comércio marítimo, relegando então o paço da alcáçova para uma posição mais simbólica. Tal facto levou a que as elites urbanas tenham seguido o seu exemplo, pelo que, ao longo daquela centúria e da seguinte, assistiu-se a uma ocupação progressiva da frente ribeirinha, sobre ou encostados à muralha da cidade, por palácios e casas nobres erguidos por iniciativa de algumas famílias, como é o caso dos Albuquerque, dos Aveiro, dos Corte-Real, dos Távora ou dos Vila-Flor (Coutinho, 2016). No entanto, apesar desta tendência, não se verificou um abandono total da colina do castelo, nem dos seus principais eixos viários, onde permanecem ou se fixam alguns titulares, como os condes de Aveiras, de Atalaia, de Tentúgal, de Assumar ou de Belmonte (Miguel, 2012).

Em meados do século XVII, esta dinâmica de ocupação da frente ribeirinha passa a ocorrer também nas zonas que limitavam as principais vias de acesso à cidade, relevantes locais de passagem que foram igualmente escolhidos para a construção destas casas,

pertença dos mais abastados da sociedade da época. A título de exemplo, veja-se o caso do Palácio do Marquês de Marialva, herói da Guerra da Restauração, erguido junto à Porta de Santa Catarina (ao Chiado), área onde aliás viviam várias famílias proeminentes (Miguel, 2012). Além de ser o principal acesso ao interior da cidade muralhada para quem vinha das zonas de Santos, Calvário, Alcântara ou Belém, este era também o local por onde se fazia a entrada dos cortejos sempre que alguma individualidade visitava a cidade chegando de barco. Fosse um alto dignitário em representação de um outro estado ou uma princesa que chegava a Lisboa para contrair matrimónio, era sempre por este local que se entrava na cidade. Tal aspeto deve-se ao facto de as portas da área ribeirinha serem demasiado estreitas (muitas vezes meros postigos), não permitindo a entrada de veículos de maior aparato, nomeadamente coches ou carruagens.

A ocupação urbana desta área, iniciada no século XIV com a fixação de várias casas religiosas (Carita, 2015a; Senos & Alberto, 2015), vai intensificar-se nos séculos seguintes, durante os quais foram erguidas diversas residências nobres, tanto dentro como fora do espaço muralhado. A cidade vai rapidamente expandir-se nesta direção durante a segunda metade do século XVI, ao longo da via que segue para ocidente, paralela à margem norte do rio. Perpendiculares a este eixo viário foram então abertos inúmeros arruamentos e erguidos edifícios, tanto de carácter civil como religioso. O mesmo sucedeu para norte, na área da chamada Vila Nova de Andrade e Bairro Alto (Carita, 2015a).

Para quem vinha de norte, do interior do território, o acesso preferencial fazia-se pelo Vale do Pereiro, através das Portas de Santo Antão à Corredoura, zona onde, entre

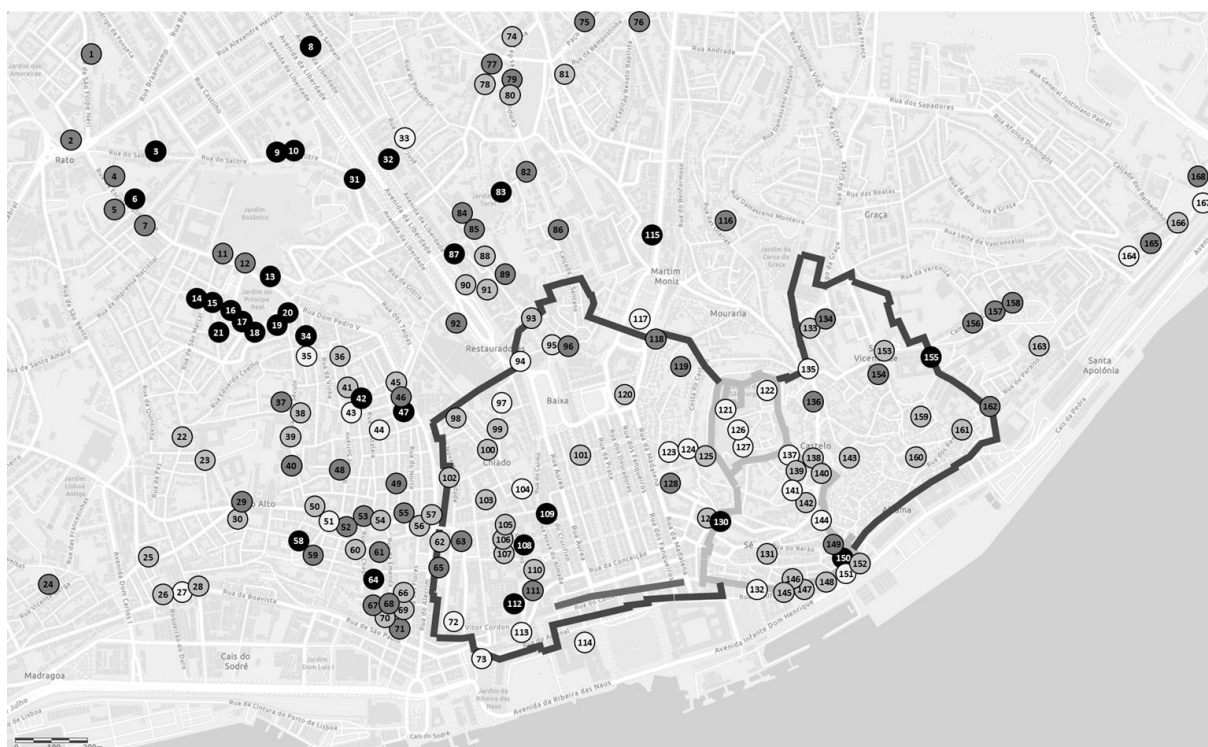


Fig. 4 — Os palácios do Centro Histórico de Lisboa e as suas cronologias (mapa do autor).

Legenda: branco — palácios construídos até ao século XVI; cinzento-claro — palácios construídos no século XVII; cinzento-escuro — palácios construídos no século XVIII; negro — palácios construídos nos séculos XIX e XX.

finais do século XVI e meados do seguinte, foram construídos os palácios dos Ericeira, dos Castelo Melhor, dos Castanheira e dos Rio Maior.

Do lado do Regueirão dos Anjos, pela porta da Mouraria, destacava-se o Palácio do Marquês do Alegrete, erguido no final do século XVI, o que implicou a demolição de um troço da muralha da cidade (Silva, 1948).

Embora tenham sido construídas algumas casas de titulares na zona oriental da cidade, nomeadamente nas encostas das colinas de Santo André e São Vicente (zona da Graça e Campo de Santa Clara), esta dinâmica de ocupação não vai ser tão marcante como nos locais já citados antes da primeira metade do século XVIII.

Uma parte significativa dos edifícios da cidade foi afetada pelo sismo ocorrido a 1 de novembro de 1755, e alguns deles foram mesmo destruídos na totalidade, principalmente pelos incêndios que se sucederam ao abalo, pelo que não será estranho que quase todos os palácios tenham sido sujeitos a grandes obras de reconstrução ao longo da segunda metade do século XVIII ou mesmo inícios do século XIX.

Nota-se então uma clara fuga para zonas menos atingidas pelo abalo ou que praticamente não se encontravam urbanizadas. É o caso do Alto da Cotovia (Príncipe Real) ou do Vale de Cavalinhos e do Cardal da Graça (Cravo, 2018). Seguindo a prática que já se verificava anteriormente, estes palácios vão ser construídos ao longo das principais vias de acesso à cidade, o que aliás irá continuar a suceder durante o século XIX e inícios do século XX.

Na frente ribeirinha, apesar do desaparecimento do Paço da Ribeira e também dos seus espaços anexos, como as Casas Nobres do Infantado (antigo Palácio dos Corte Real), verifica-se a manutenção de alguns palácios enquanto edifícios, mas os seus proprietários em muitos casos abandonam aqueles, deslocando-se então para as quintas de recreio que possuíam fora da área urbana. Esta mudança deve-se não só por aquelas não terem sofrido tantos danos, como também permitiam um certo afastamento em relação ao caos em que a cidade, entretanto, mergulhara. As zonas de Belém e da Junqueira vão ser das mais procuradas, facto determinado pelos poucos danos ocorridos nos edifícios ali existentes, mas ao qual também não terá sido alheia a presença da família real, que se encontrava no Palácio de Belém quando o terramoto ocorreu e que ali permaneceu em tendas nos jardins, até que estivesse concluída a chamada Real Barraca, que veio a ser substituída pelo Palácio da Ajuda (Rijo, 2020).

3. A Arquitetura dos Palácios de Lisboa

A arquitetura dos palácios de Lisboa é estudada sobretudo através da documentação iconográfica onde tais edifícios estão representados, ainda que muito também seja possível reconstruir através dos dados recolhidos em resultado das intervenções arqueológicas, sobretudo ao nível das alterações de que estes edifícios foram sendo alvo durante a sua existência. Uma análise arquitetónica de cada palácio não seria possível no presente trabalho e, além disso, esse estudo detalhado, por norma, consta das publicações existentes sobre palácios onde é dada especial relevância à planta desses edifícios (Coutinho, 2016).

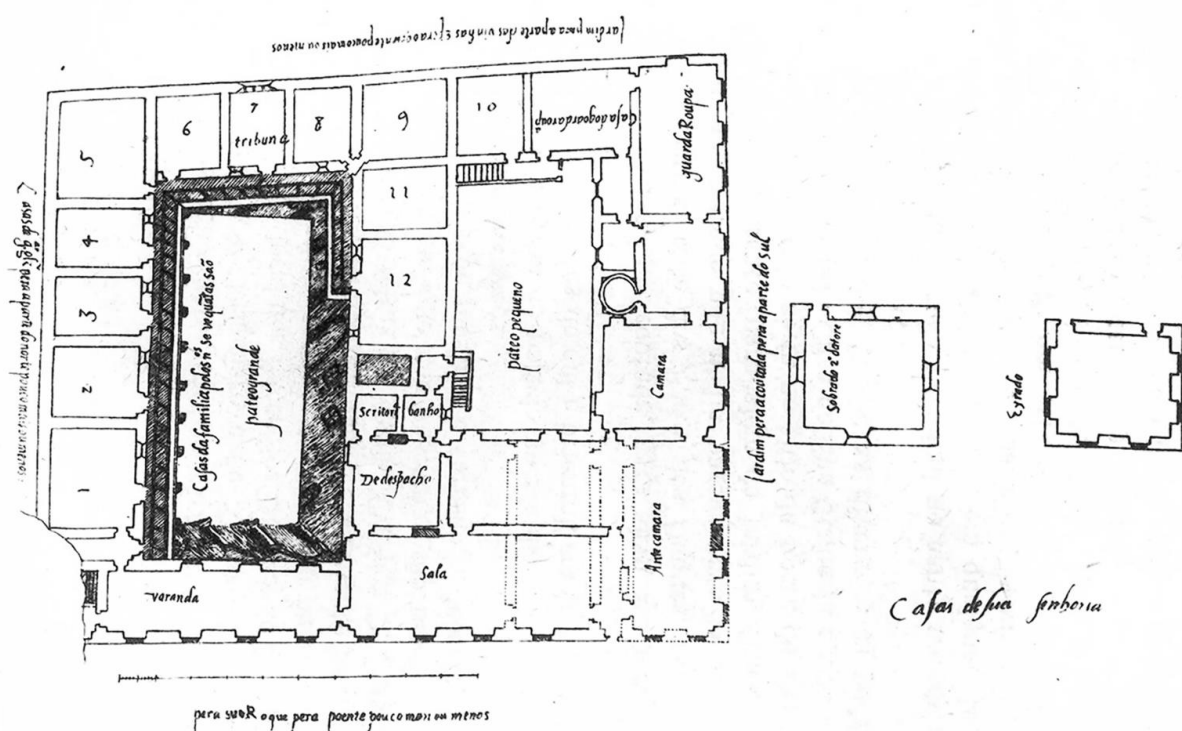


Fig. 5 — Planta do Paço dos Duques de Bragança (seg. Silva, 1960).

Em termos arquitetónicos, os espaços mais frequentemente referenciados são a cozinha e a copa, diversas salas cuja funcionalidade nem sempre é mencionada, câmaras e antecâmaras, guarda-roupa e casas do guarda-roupa, escritórios/livrarias e banhos. Na zona descoberta surgem os pátios, varandas e tribunas (Franco, 2016). Destacamos três



Fig. 6 — Planta do Palácio dos Marquês do Alegrete (seg. Silva, 1946).

casos, dos quais se conhecem as plantas, permitindo assim perceber a organização interna dos mesmos. O primeiro deles corresponde ao Palácio dos Duques de Bragança, que estaria localizado na atual Rua António Maria Cardoso. A planta deste, publicada por Augusto Vieira da Silva (1960), destaca a existência de dois pátios internos, o «*pateo grande*» e o «*pateo pequeno*», em torno dos quais diversas salas do palácio estariam organizadas.

Apesar da organização interna deste palácio ser conhecida através deste relevante documento, arqueologicamente nem sempre é fácil identificar a funcionalidade dos espaços escavados, nem a que partes do edifício as estruturas identificadas pertencem, como sucedeu em trabalhos recentes naquela zona (Neto, 2005; Mata, Neto & Rebelo, 2017; Neto, Rebelo & Mata, 2017).

Um outro exemplo diz respeito a um documento datado de 1745, recentemente dado a conhecer numa exposição, onde se desenhou o segundo andar do Palácio Lavradio (ao Campo de Santa Clara) e onde estão presentes diversos quartos (Soares & Dionísio, 2019). Destaca-se nesta planta a menção a uma capela de pequenas dimensões, o que nos parece que poderia ser comum a muitos outros palácios ou casas nobres, como aliás ainda pode ser visto em vários edifícios desta tipologia.

A planta conhecida do Palácio do Marquês do Alegrete diz respeito ao uso daquele espaço após o mesmo ter sido abandonado pelos seus proprietários, na sequência do terramoto. Verificou-se então uma rápida reconstrução, de pouca qualidade, que permitiu assim a manutenção do edifício, mas com funções muito distintas das originais (Silva, 1948).

Grande parte dos palácios apresentam uma multiplicidade de compartimentos sem que seja possível identificar a funcionalidade daqueles, nem mesmo através da cultura material no seu interior, que raramente atesta a funcionalidade do espaço. A distinção entre aqueles faz-se notar sobretudo ao nível dos pavimentos, que, em casos como, por exemplo, o Palácio dos Duques de Cadaval, era constituído por grandes lajes de calcário, tijoleira cerâmica ou tabuado de madeira (Casimiro & Barbosa, 2017). Estes tipos de soluções usadas nos pavimentos eram sempre características de espaços interiores de estadia ou circulação, enquanto os pátios ou acessos exteriores eram pavimentados com seixos, como se verificou no Palácio dos Condes de Coculim¹ (Ribeiro, Neto & Rebelo, 2017).

No Palácio dos Marqueses de Marialva (Praça Luiz de Camões, ao Chiado), onde foi descoberta a cozinha e a copa, destaca-se a presença de um fogão de grandes dimensões (Santos, 2006), que quase poderíamos considerar como digno da casa de uma das famílias mais importantes do reino. Contudo, como a cultura material deste espaço não se encontra publicada, não conseguimos concluir que tipo de painéis, tanto em termos formais como materiais, era usado nesta atividade.

Nesta intervenção foram identificados numerosos compartimentos, embora não tenha sido possível perceber a funcionalidade da maioria. Tal como no Palácio do Marquês do Alegrete, parte daquela compartimentação deve-se à reutilização do edifício para outras funções, sendo então conhecido, por altura da sua demolição, como Casebres do

¹ Corruptela de Cuncolim, cidade do concelho de Salsete, no antigo Estado da Índia.



Fig. 7 — Vista geral do pátio do Palácio dos Condes de Coculim (cortesia Neoépica).

Loreto. Algum do espólio recolhido diz respeito precisamente a esses contextos pós-terramoto (Marques & Fernandes, 2006; Mota, 2006). Este reutilizar dos antigos espaços palatinos também se verificou nos edifícios associados ao Paço dos Duques de Bragança (Mata, Neto & Rebelo, 2017) e em casas perto do castelo que antes do terramoto estavam na posse de famílias fidalgas (Miguez & Sarrazola, 2017).

Um outro aspeto que não pode ser ignorado, pois a sua presença é frequente nestes ambientes, é o facto de habitualmente os espaços nobres dos palácios terem as suas paredes revestidas com azulejos, na sua maioria do século XVIII, embora certamente também existissem na centúria anterior. Exemplo deste aspeto, e que ainda se preserva, são os azulejos do Palácio Almada (Independência) (Meco, 1981), do Palácio Mello (Flor et al., 2014a), do Palácio Ceia (Câmara, 2004) ou os do Palácio Fronteira (São Domingos de Benfica) (Neves, 1941), que, embora esteja integrado numa quinta de recreio, apresenta características que em termos decorativos não seriam muito distintas daquilo que existiria na residência urbana daquela família, assim como nas das demais. Através da arqueologia têm sido recuperados milhares de azulejos, o que demonstra a sua utilização nestes contextos, como sucede nos vestígios do Palácio dos Duques de Cadaval (Casimiro, Almeida & Barbosa, 2018), no Palácio Mesquitela (Simão, 2010), no Palácio dos Marqueses de Marialva (Marques e Fernandes, 2006) ou no dos Condes de Cuncolim (Ribeiro et al., 2017). Neste âmbito, não deve deixar de ser lembrado que um dos mais famosos azulejos desta época, com uma vista panorâmica de Lisboa, estava originalmente no Palácio dos Condes de Santiago, muito próximo do Castelo de São Jorge, como foi referido anteriormente.

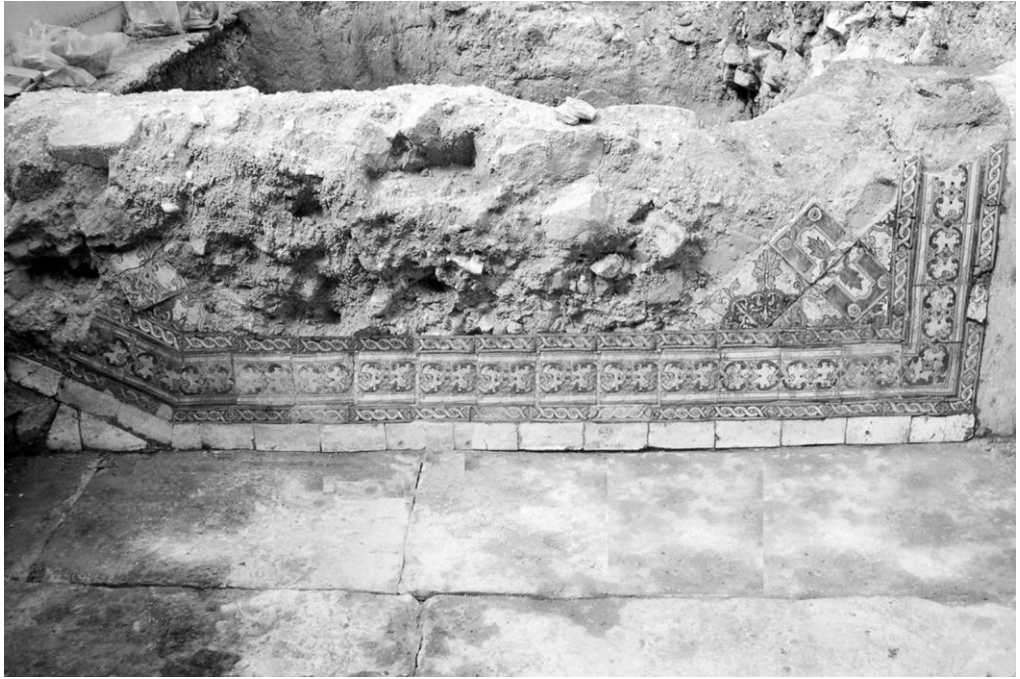


Fig. 8 — Restos de lambril de azulejos num patamar e escadaria encontrados no Largo Duque de Cadaval, relacionados com o Palácio dos Duques de Cadaval (seg. Casimiro et al., 2018).

3.1. Arqueologia e Cultura Material dos Palácios de Lisboa

Infelizmente, devido à destruição provocada pelo terramoto e pelos incêndios, uma parte significativa dos edifícios da cidade foi demolida no âmbito das obras de reconstrução, pelo que raramente existem vestígios daquelas estruturas para além dos alicerces e de alguns pavimentos dos pisos inferiores. A manutenção de alguns espaços arruinados permitiu, ainda que de forma precária, a reutilização daqueles, mas quase sempre de forma distinta da original.

Apesar do assinalável número de palácios existentes em Lisboa, que ultrapassa as duas centenas, até ao momento, só se realizaram trabalhos arqueológicos em pouco mais de 40 locais onde estes existiram ou existem. Embora a maioria daqueles corresponda a intervenções de pequena escala, para abertura de sondagens ou valas para a instalação de infraestruturas, existem alguns exemplos onde a intervenção foi mais profunda, permitindo não só a leitura de como se organizavam internamente aqueles espaços, mas também, em alguns casos, das suas preexistências. Apesar das exceções, lamentavelmente, são escassas as publicações sobre estas intervenções. Mesmo nestas situações, a tentativa de reconstituição das atividades quotidianas destes ambientes é sempre parcial, pois, além de parte da informação que os caracterizava já não se encontrar disponível, a quantidade numerosa e diversificada das coleções recuperadas também condiciona o seu estudo e publicação monográfica.

Uma das escavações mais reconhecidas em Lisboa ocorreu no já mencionado Palácio dos Marquês de Marialva, localizado na atual Praça Luiz de Camões. Além das publicações gerais que mostram objetos de grande qualidade, como um grande vaso chinês ou um vaso de noite em faiança holandesa (Marques & Fernandes, 2006), destacam-se



Fig. 9 — Fogão de grandes dimensões identificado na Praça Luiz de Camões, relacionado com o Palácio dos Marqueses de Marialva (seg. Marques & Santos, *apud* Leite, 2014).

igualmente as contas em vidro e os objetos metálicos (Torres, 2007; 2012), assim como os almofarizes e algumas peças cerâmicas ali recuperados (Pinto, 2009; Miguel, 2009). Este palácio é, possivelmente, apesar de o estudo dos seus materiais arqueológicos estar aquém do seu potencial, um dos espaços palatinos com cultura material de maior qualidade em Lisboa.

A publicação monográfica sobre os achados ocorridos no Largo Duque de Cadaval, onde existia o palácio destes titulares, foi possível por aqueles achados serem em número diminuto, facto relacionado com uma possível limpeza e reocupação pós-terramoto. Foram recuperados variados objetos relacionados com as vivências quotidianas do palácio, nomeadamente faianças, cerâmica vermelha, cerâmica vidrada e porcelana (Casimiro, Almeida & Barbosa, 2018).

Um poço no local onde existiram as Casas Nobres do Infantado, devido ao seu ambiente húmido, permitiu a conservação de objetos orgânicos, sobretudo em madeira, entre os quais se incluem colheres e barris. Apesar da grande quantidade de objetos exumados, nenhum dos objetos pode ser considerado incomum, excetuando um pote do tipo *martaban*, recolhido próximo do poço referido e que poderá ter sido utilizado como recipiente para conservar água, quando a maioria das vezes essa função era realizada por um recipiente em cerâmica vermelha de dimensões semelhantes. As Casas Nobres do Infantado também mereceram uma publicação monográfica de um dos seus contextos, em particular uma pequena bolsa de materiais que ali parecem ter sido colocados durante obras de reconstrução ou nivelamento do piso do edifício (Casimiro & Valongo, 2017). Muito embora se trate de um palácio que na sua fase final está relacionado com a família real, a cultura material não revela nenhuma excecionalidade, afirmação que poderá ser

reconsiderada quando analisamos um cachimbo onde podem ser vistas as armas reais portuguesas (Valongo, 2017; Silva & Teixeira, 2022).

Antes desta intervenção, que ocorreu no local onde atualmente se encontra uma unidade hoteleira, nas suas proximidades, já haviam sido identificados alguns contextos provavelmente associados ao Palácio Corte-Real, colocados à vista no âmbito da construção de um respiradouro do metropolitano (Marques & Santos, 1997; Vale, 2015; Marques & Lopes, 2017). Além de vários compartimentos com diferentes tipos de pavimentos, foi também recolhida relevante cultura material que se encontra, na sua maioria, inédita, embora já tenha sido apresentada publicamente, e na qual se destacam as cerâmicas de proveniência italiana (Sequeira & Vale, 2012).

Também do Palácio Mesquitela foram publicados alguns objetos, num artigo que inclui igualmente a descrição da intervenção ali ocorrida e das estruturas identificadas (Simão, 2010). Tal como mencionado para as Casas Nobres do Infantado, nenhum dos objetos recuperados revela uma qualidade excecional, sendo a maioria deles identificados frequentemente em inúmeros contextos arqueológicos de Lisboa. Situação idêntica

sucede com os achados ocorridos no Palácio dos Lumiares (Filipe, 2006).

A Casa dos Bicos encontra-se a ser alvo de uma tese de doutoramento, tendo já sido dados à estampa alguns artigos sobre o espólio ali encontrado. As peças recuperadas são objetos relacionados com o quotidiano da casa e difíceis de reconhecer como algo que seria exclusivamente utilizado numa casa nobre, ainda que o volume de vidros recuperado possa ser considerado incomum (Coelho, 2013; Coelho, Silva & Teixeira, 2017).

O antigo Palácio dos Condes Coculim, atualmente uma unidade hoteleira, tem uma mostra museológica com alguns dos objetos encontrados durante a intervenção arqueológica ali ocorrida (Ribeiro et al., 2017). Aquele espólio constitui uma ínfima parte do que foi descoberto. Além do que corresponde a preexistências ao palácio, não pode deixar de ser referido um relevante conjunto de cachimbos recuperado num contexto associado a uma função usual nos pisos térreos de alguns pa-



Fig. 10 — Vista geral das estruturas encontradas na Rua do Arsenal, relacionadas com as Casas Nobres do Infantado (seg. Casimiro & Valongo, 2017).

lácios, que se caracterizavam pela presença de espaços comerciais arrendados (Ribeiro, Neto & Rebelo, 2017).

Embora não exista uma análise de síntese sobre os trabalhos desenvolvidos no jardim do Palácio dos Duques de Penafiel, estão publicados alguns artigos que têm abordado alguma da cultura material associada àquele, tal como a porcelana (Henriques, 2012), os azulejos de aresta (Bargão, Ferreira & Silva, 2017) ou as faianças (Lopes & Mesquita, 2020).

Outros palácios têm sido alvo de intervenções arqueológicas, ainda que apenas parcialmente identificadas, tal como o Palácio Mendia, cujas estruturas encontradas parecem corresponder a uma primeira fase do palácio (Santos, 2007; 2017) e cujos estudos artefactuais estão associados também a outros achados efetuados no Largo de Jesus, além daquele contexto habitacional (Cardoso & Batalha, 2017; Boavida, 2017; 2020).

Deve ser ainda referido um contexto identificado no Palácio Centeno, antiga casa das aias de D. Catarina de Bragança, viúva de Carlos II de Inglaterra. O estudo dos restos faunísticos ali recolhidos permitiu conhecer a alimentação das mulheres que ali residiram (Davis, 2009).

Alguns artigos publicados sobre trabalhos arqueológicos ocorridos em outros antigos palácios, que dizem respeito, acima de tudo, a contextos identificados anteriores à construção daqueles edifícios, fazem referência à evolução arquitetónica daqueles espaços, onde por vezes ainda estão presentes diversos elementos estruturais, nomeadamente portais, abóbadas e escadarias (Leitão, 2015; Leitão, Guerra & Filipe, 2016; Cardoso et al., 2017; Miguez & Sarrazola, 2017; Ribeiro, Neto & Rebelo, 2019).



Fig. 11 — Vista geral dos achados arqueológicos no Palácio Mesquitela (seg. Simão, 2010).



Fig. 12 — Vista do Terreiro do Paço antes do terramoto de 1755. Painel de azulejos no Miradouro de Santa Luzia/Jardim Júlio Castilho (foto do autor).

Em relação às residências régias, as evidências arqueológicas são muito escassas. Além dos danos provocados pelo terramoto e incêndios consequentes, a demolição das ruínas e a construção de novos espaços levaram a que sejam muito limitados os vestígios sobreviventes. No caso do Paço da Ribeira, foram identificados alguns pavimentos e negativos de estruturas que estariam encostados num pano da muralha dionisiana, que podem ser vistos na cripta arqueológica existente no Museu do Dinheiro/Banco de Portugal (Rocha et al., 2013). Trata-se de um espaço onde foram registados inúmeros contextos de outras estruturas e cronologias, dos quais a cultura material igualmente quantitativa, pelo menos no que à Época Moderna diz respeito, continua quase integralmente inédita.

Numa intervenção ocorrida no Terreiro do Paço foi recuperado um relevante conjunto de porcelanas chinesas que poderia estar eventualmente associado às vivências quotidianas do Paço da Ribeira (ou outros próximos), tendo sido descartadas no âmbito da reconstrução urbana da área, acabando em aterro (Ferreira et al., 2017).

No Castelo de São Jorge, além dos condicionantes já referidos relacionados com a tripla catástrofe, o facto de aquele espaço ter assumido outras funções que não residenciais a partir do final do século XVI levou a que muitos elementos se tenham perdido. Apesar de não se encontrarem na sua posição original, tal como referido para outros locais anteriormente, subsistem ainda colunas, portais e capitéis. Naquele espaço intramuralhas existiam ainda o Palácio dos Bispos (mais tarde, dos Condes de Santiago), o Palácio das Cozinhas e o Palácio do Governador. O primeiro daqueles palácios situava-se na área arqueológica hoje visitável, na chamada Praça Nova, subsistindo dele alguns alicerces, assim como restos de pavimentos (Gomes & Gaspar, 2017). Neste, assim como nos outros dois espaços referidos, que estariam associados ao paço da alcáçova, além de algumas evidências estruturais, foi recuperado diverso espólio cerâmico, com destaque para produções de oficinas italianas. Esta cultura material permitiu um melhor conhecimento das vivências quotidianas daqueles espaços (Gaspar & Gomes, 2012).

4. Conclusão

O presente trabalho está aquém de uma síntese e o nosso propósito é que funcione mais com o intuito de promover um debate sobre o potencial arqueológico da intervenção em palácios do que necessariamente mencionar todas estas estruturas alvo de intervenção arqueológica.

Contudo, parece-nos possível avançar com algumas ilações. Um dos maiores propósitos de um palácio, até mais do que servir de morada de uma família politicamente importante ou economicamente abastada, era evidenciar-se na paisagem urbana, manifestando-se como um símbolo de poder do seu proprietário. Não era de todo inocente a presença de uma torre com relógio na Palácio da Ribeira. A casa da principal família do reino não apenas estava localizada junto de alguns dos mais importantes instrumentos económicos da cidade, tal como a Casa da Índia, mas ainda detinha a forma de controlar o tempo. Esta dimensão paisagística é fundamental à arqueologia quando a análise de cada palácio deixa de ser feita individualmente, mas é observada numa leitura coletiva de relações de poder. A localização, a monumentalidade, as técnicas construtivas, a decoração, entre outras coisas, eram fatores de distinção não apenas social, mas também política e económica.

O conhecimento que dispomos da cultura material dos palácios não manifesta qualquer particularidade que demonstre um nível de vida abastado e superior ao identificado em outros espaços residenciais que já foram alvo de intervenções arqueológicas. Peças excecionais foram, sem dúvida, encontradas em locais como o Palácio Marialva ou o Palácio Coculim, contudo, peças igualmente extraordinárias foram encontradas noutros contextos domésticos lisboetas (Henriques & Filipe, 2020) sem que se tratasse de um palácio. Apenas no Palácio dos Marqueses de Marialva podemos reconhecer a excecionalidade de algumas peças, ainda que não nos seja possível confirmar se tal facto pode estar relacionado com a vida palatina ou apenas com a capacidade económica dos seus proprietários para adquirirem peças de elevada qualidade.

	Designação	Cronologias
1	Guiões	Séc. XVIII atualidade
2	Marqueses da Praia e Monforte	Séc. XVIII atualidade
3	Palacete Visconde Falcarrreira	Séc. XIX atualidade
4	Duques de Palmela	Séc. XVIII atualidade
5	Alagoas/ Cruz-Alagoa	Séc. XVIII atualidade
6	Condes de Fontalva	Séc. XIX atualidade
7	Rebello de Andrade/ Conde de Seia/ Bramão	Séc. XVIII atualidade
8	Palacete Conceição e Silva	Séc. XIX atualidade

	Designação	Cronologias
9	Palacete dos Condes do Alto Mearim	Séc. XIX atualidade
10	Palacete Alves Machado	Séc. XIX atualidade
11	Condes de Restelo/ Viscondes de Sanches Baena (Palacete Castilho)	Séc. XVIII/XIX atualidade
12	Palacete Anjos	Séc. XVIII/XIX atualidade
13	Palacete Ribeiro da Cunha	Séc. XIX atualidade
14	Palacete do Menino de Ouro	Séc. XIX atualidade
15	Palacete Contreiras	Séc. XIX atualidade
16	Palacete dos Viscondes de Penalva	Séc. XIX atualidade

	Designação	Cronologias
17	Barão de Santos	Séc. XIX atualidade
18	Palacete António Ferreira de Carvalho	Séc. XIX atualidade
19	Palacete Faria	Séc. XIX atualidade
20	Barão/Visconde de Alenquer	Séc. XIX atualidade
21	Palacete na Rua Cecília de Sousa	Séc. XIX atualidade
22	Alcáçovas	Séc. XVII atualidade
23	Mendia°	Séc. XVII atualidade
24	Machadinho	Séc. XVIII atualidade
25	Viscondes de Fonte Arcada (Flor da Murta)°	Séc. XVII atualidade
26	Alarcão°	Séc. XVII/XVIII atualidade
27	Almada Carvalhais°	Séc. XVI atualidade
28	Barão de Alvito/ Condes de Oriola	Séc. XVII atualidade
29	Cabral (Senhores de Belmonte/ Viscondes de Moçâmedes)	Séc. XVIII atualidade
30	Condes de Mesquitela (Palácio do Poço Novo)°	Séc. XVII atualidade
31	Palacete Mayer	Séc. XX atualidade
32	Palacete Lambertini	Séc. XX atualidade
33	Mercador	Séc. XVI/XVIII atualidade
34	Palacete Braamcamp	Séc. XIX atualidade
35	Condes de Soure*	Séc. XVI Terramoto (?)
36	Rua da Rosa, 277	Séc. XVII atualidade
37	Ratton	Séc. XVIII atualidade
38	Condes d'Alva (Bichinho de Conta)°	Séc. XVII/XVIII atualidade
39	Carvalho (Pombal)	Séc. XVII atualidade
40	Viscondes de Lançada	Séc. XVIII atualidade
41	Marquês de Minas	Séc. XVII atualidade
42	Rua da Rosa, 168	Séc. XIX atualidade
43	Cunhal das Bolas	Séc. XVI atualidade
44	Grémio Lusitano (Maçónico)	Séc. XVI atualidade
45	Condes de Lumiares°	Séc. XVII/XVIII atualidade
46	Ludovice°	Séc. XVIII atualidade

	Designação	Cronologias
47	Marqueses de Tomar°	Séc. XIX atualidade
48	Marqueses de Ficalho	Séc. XVIII atualidade
49	Baronesa de Almeida°	Séc. XVIII atualidade
50	Condes Marim-Olhão (Correio-Velho)	Séc. XVII atualidade
51	Condes de Sandomil	Séc. XVI atualidade
52	Marqueses de Valada/ Condes da Azambuja	Séc. XVIII atualidade
53	Sousa-Calhariz	Séc. XVIII atualidade
54	Condes Sobral	Séc. XVII/XVIII atualidade
55	Condes de Santiago de Beduído	Séc. XVIII Terramoto (?)
56	Marqueses de Marialva/ Condes de Cantanhede°	Séc. XVII Séc. XIX
57	Condes de Redondo*	Séc. XVII Terramoto (?)
58	Palacete na Rua de Santa Catarina	Séc. XIX atualidade
59	Condes de Verride	Séc. XVIII atualidade
60	Marqueses de Fronteira/ Condes da Torre*	Séc. XVII Séc. XIX
61	Condeixa (Manteigueiro)	Séc. XVIII atualidade
62	Condes de Pontével*	Séc. XVII Terramoto (?)
63	Ferreira Pinto Basto (Loreto)	Séc. XVIII atualidade
64	Palacete Viana	Séc. XIX atualidade
65	Barão de Quintela (antigo Valença)	Séc. XVIII atualidade
65	Marquês de Valença°	Séc. XVII Terramoto (?)
66	Condes das Galveias	Séc. XVII Terramoto (?)
67	Palacete na Rua do Ataíde	Séc. XVIII atualidade
68	Ataíde (Condes de Alvor)	Séc. XVIII Terramoto (?)
69	Condes da Feira	Séc. XVII Terramoto (?)
70	Marqueses de Távora (Condes de São João da Pesqueira)*	Séc. XVII Terramoto (?)
71	Condes da Ilha do Príncipe*	Séc. XVIII
72	Duques de Bragança°	Séc. XVI Séc. XIX
73	Corte-Real/ Casas Nobres do Infantado°	Séc. XVI Terramoto
74	Vaz de Carvalho°	Séc. XVII atualidade
75	Bemposta	Séc. XVIII atualidade

Designação	Cronologias
76 Condes de Pombeiro	Séc. XVIII atualidade
77 Centeno (Açafatas da Rainha) ^o	Séc. XVIII atualidade
78 Condes de Murça (Mello)	Séc. XVII atualidade
79 Sanches de Brito (Patriarcado)	Séc. XVIII atualidade
80 Viscondes de Valmor	Séc. XVII/XVIII atualidade
81 Mitelo	Séc. XVII atualidade
82 Silva Amado	Séc. XVIII/XIX atualidade
83 Palacete Conde de Castro Guimarães	Séc. XIX atualidade
84 Palácio Pedrosa	Séc. XVIII atualidade
85 Lavre/ Casa Sousa Leal	Séc. XVIII atualidade
86 Palacete na Calçada de Sant'Ana	Séc. XVIII/XIX atualidade
87 Palacete Nunes Correia	Séc. XIX atualidade
88 Condes da Ericeira/ Marqueses do Lourçal (Anunciada) ^o	Séc. XVII atualidade
89 Condes de Povolide	Séc. XVIII atualidade
90 Condes da Castanheira*	Séc. XVII Terramoto
91 Condes de Castelo Melhor/ Condes da Calheta*	Séc. XVII Terramoto (?)
92 Marqueses de Castelo Melhor	Séc. XVIII atualidade
93 Condes de Alverca	Séc. XVII atualidade
94 Paço dos Estáus*	Séc. XVI Séc. XIX
95 Condes de Almada	Séc. XVI atualidade
96 Barões e Viscondes da Regaleira	Séc. XVIII atualidade
97 Duque de Cadaval (Marqueses de Ferreira e Condes de Tentúgal) ^o	Séc. XVI Séc. XIX
98 Condes da Vidigueira/ Marqueses de Nisa*	Séc. XVII Terramoto (?)
99 Condes de Sabugal (Condes de Óbidos)*	Séc. XVII Terramoto (?)
100 Condes de Sarzedas*	Séc. XVII Terramoto (?)
101 Marqueses de Penalva/ Condes de Tarouca*	Séc. XVII Terramoto (?)
102 Condes d'Alva*	Séc. XVII Terramoto (?)
103 Duque de Lafões (Marqueses de Arronches e Condes de Miranda)*	Séc. XVII Terramoto
104 Condes de Valadares	Séc. XVI atualidade

Designação	Cronologias
105 Condes de Atouguia*	Séc. XVII Terramoto
106 Marqueses de Távora*	Séc. XVII Terramoto
107 Condes São Miguel*	Séc. XVII Terramoto
108 Viscondes de Loures	Séc. XIX atualidade
109 Barão de Barcelinhos	Séc. XIX atualidade
110 Viscondes de Barbacena*	Séc. XVII Terramoto
111 Condes do Vimieiro/ Viscondes de Coruche/ Pereira Costa	Séc. XVIII atualidade
112 Palacete Iglesias	Séc. XIX atualidade
113 Marqueses da Ribeira Grande/Condes de Vila Franca*	Séc. XVI Terramoto
113 Palacete dos Viscondes de Bessone	Séc. XVIII atualidade
114 Paço da Ribeira*	Séc. XV Terramoto
115 Condes da Folgosa	Séc. XIX atualidade
116 Marqueses de Távora	Séc. XVIII atualidade
117 Marqueses do Alegrete/ Condes de Vilar Maior*	Séc. XVI Séc. XX
118 Aboim	Séc. XVIII (?) atualidade
119 Viscondes de Vila Nova de Cerveira/Marqueses e Condes de Castelo Melhor/ Condes de Ponte de Lima ^o	Séc. XVIII atualidade
120 Condes de Monsanto (Marqueses de Cascais)*	Séc. XVII Terramoto (?)
121 Alcáçova*	Séc. XIII Séc. XVIII (?)
122 Bispos*/Santiago	Séc. XIII Terramoto (?)
123 Condes Aveiras/Marqueses de Vagos (São Cristóvão)	Séc. XV atualidade
124 Marquês de Tancos/Atalaia*	Séc. XVI atualidade
125 Condes de Vila Flor (à Costa do Castelo)	Séc. XVII/XVIII atualidade
126 Cozinhas (Castelo São Jorge) ^o	Séc. XIII Séc. XVIII (?)
127 Governador (Castelo de São Jorge) ^o	Séc. XIII atualidade (?)
128 Condes de São Vicente (Caldas)*	Séc. XVIII atualidade
129 Duques de Penafiel ^o	Séc. XVII/XVIII atualidade
130 Condes de Monte-Real	Séc. XIX atualidade
131 Marquês de Alorna/ Marquês de Castelo Novo/ Condes de Assumar*	Séc. XVII Terramoto (?)

Designação	Cronologias	Designação	Cronologias
132 Albuquerque (Casa dos Bicos) ^o	Séc. XVI atualidade	151 Condes de Vila Flor	Séc. XVI/XVIII atualidade
133 Senhores da Trofa	Séc. XVII atualidade	152 Marquesses de Angeja ^o	Séc. XVII atualidade
134 Condes de Vale de Reis (Vila Sousa)	Séc. XVIII atualidade	153 Teles de Meneses (a São Vicente)	Séc. XVII atualidade
135 Condes de Figueira (a Santo André)	Séc. XV atualidade	154 Marquesses de Távora	Séc. XVIII atualidade
136 Rua de São Tomé	Séc. XVIII atualidade	155 São Vicente (Patriarcado)	Séc. XIX atualidade
137 Condes de Belmonte ^o	Séc. XV atualidade	156 Condes de Barbacena	Séc. XVIII atualidade
138 Viscondes de Castelo Novo (FRESS) ^o	Séc. XVII atualidade	157 Sinel de Cordes	Séc. XVIII atualidade
139 Condes do Vimieiro	Séc. XVII/XVIII atualidade	158 Marquesses de Lavradio	Séc. XVIII atualidade
140 Visconde de Azurara	Séc. XVII atualidade	159 Condes de São Martinho (Santa Helena) ^o	Séc. XVII atualidade
141 Condes de Basto (Castros) ^o	Séc. XV atualidade	160 Santo Estêvão/ Azevedo Coutinho	Séc. XVII atualidade
142 Condes de Ferreira e Tentúgal	Séc. XVII/XVIII atualidade	161 Dona Rosa	Séc. XVIII Séc. XX (?)
143 Condes de Arcos (Salvador)	Séc. XVII atualidade	162 Teles de Melo	Séc. XVIII atualidade
144 Paços a par de São Martinho (Limoeiro)*	Séc. XIV Terramoto (?)	163 Condes de Resende	Séc. XVI/XVII atualidade
145 Duques de Aveiro* ^o	Séc. XVII atualidade	164 Palacete Mascarenhas (Conde-Barão Alvito/ Quaresma)	Séc. XVI atualidade
146 Marquesses de Gouveia/ Lavradio ^o	Séc. XVII/XVIII atualidade	165 Veloso (Marquesses de Penalva)	Séc. XVIII atualidade
147 Marquesses de Távora* ^o	Séc. XVII atualidade	166 Van Zeller	Séc. XVII/XVIII atualidade
148 Condes de Cuncolim ^o	Séc. XVII atualidade	167 Coimbra	Séc. XVI atualidade
149 Senhora de Murça	Séc. XVIII Séc. XIX (?)	168 Pancas-Palha/ Van Zeller	Séc. XVIII atualidade
150 Chafariz d'El-Rei	Séc. XIX atualidade		

Quadro 1 — Palácios no Centro Histórico de Lisboa (assinalados no mapa) e as suas cronologias (quadro do autor).

Legenda: * Palácios desaparecidos ou gravemente afetados pelo terramoto de 1755;

^o Palácios (ou locais onde existiram palácios) que foram alvo de trabalhos arqueológicos.

Cartografia e dados da tabela baseados nas informações presentes nas obras de Vieira da Silva (A Cerca Moura de Lisboa, As Muralhas da Ribeira de Lisboa, A Cerca Fernandina de Lisboa), na dissertação de Mestrado em História Moderna e Descobrimen-
tos de Pedro Lopes Madureira Silva Miguel, «Descobrir a dimensão palaciana de Lisboa na primeira metade do século XVIII. Titulares, a Corte, vivências e sociabilidades» (2012), e em <https://monumentos.gov.pt>

Bibliografia

- ALCÂNTARA, D. (1996) — Palácio Praia-Marialva — Um projecto de Percier não realizado. *Olisipo*. Lisboa. 2.ª Série, 2, p. 35-42.
- ANDRADE, F. (1949) — *Palácios reais de Lisboa. Os dois Paços de Xabregas, o de São Bartolomeu e o da Alcáçova*. Lisboa: [s. n.].
- ARAÚJO, N. (1946/1952) — *Inventário de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. Fasc. III a IX.
- ATAÍDE, C. S. (1984) — *Palácio Foz*. Lisboa: Direcção-Geral de Divulgação.
- BARGÃO, A.; FERREIRA, S.; SILVA, R. B. da (2017) — Policromias e padrões: azulejos «de aresta» e «de corda-seca» do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (séculos xv-xvi). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal 2017— Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1781-1794.
- BOAVIDA, C. (2017) — Entre copos e garrafas — Os vidros do Largo de Jesus (Lisboa). In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; MELO, A. A.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I., ed. lit. — *Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, CML, Secção de Arqueologia, Sociedade de Geografia de Lisboa. p. 131-137. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 1).
- BOAVIDA, C. (2020) — Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa). In ARNAUD, J. M.; NEVES, C.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal 2020 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1801-1813.
- BUGALHÃO, J. (2018) — A Baixa de Lisboa, antes e depois do Terramoto. *Arqueologia & História*. Lisboa, 68, p. 75-87.
- CÂMARA, M. A. G. (2004) — Breve nota sobre a azulejaria do Palácio Rebelo de Andrade — Ceia. *Olisipo*. Lisboa. 2.ª Série, 20/21, p. 85-91.
- CARDOSO, G.; BATALHA, L. (2017) — Evidências de produção oleira dos finais do século xvi a meados do século xvii no Largo de Jesus (Lisboa). In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., ed. lit. — *Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação, 1, Lisboa, 2015*. Actas. Lisboa: Centro Arqueologia de Lisboa, p. 146-181.
- CARDOSO, G.; BATALHA, L.; REBELO, P.; ROCHA, M.; NETO, N.; BRITO, S. (2017) — Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) — séculos xv e xvi. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal 2017— Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1715-1729.
- CARITA, H. (2007) — *Le Palais de Santos*. [S. l.]: Éditions Chandeigne.
- CARITA, H. (2015a) — Lisboa: Da cidade medieval à cidade manuelina. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B. da, coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Lisboa: Ciudad Autónoma de Ceuta, CEC; Câmara Municipal de Lisboa, DMC, DPC. p. 31-36. Catálogo.
- CARITA, H. (2015b) — Lisboa Manuelina e a formação da Provedoria das Obras reais. *Rossio. Estudos de Lisboa*. Lisboa. 5, p. 16-27.
- CASIMIRO, T. M.; ALMEIDA, M.; BARBOSA, T. M. (2018) — Largo Duque do Cadaval. Evidências de uma catástrofe. *Arqueologia e História*. Lisboa. 68, p. 111-126.
- CASIMIRO, T. M.; BARBOSA, T. M. (2017) — Palácio dos Duques de Cadaval. In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. p. 182-185.
- CASIMIRO, T. M.; VALONGO, A. (2017) — Uma lixeira nas Casas Nobres do Infantado. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal 2017— Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1835-1848.
- COELHO, I. P. (2013) — A Casa dos Bicos: estudo arqueológico de um espaço e quotidiano palaciano na Lisboa ribeirinha (séculos xvi-xviii). Análise preliminar. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal— 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1085-1090.
- COELHO, I.; SILVA, J.; TEIXEIRA, A. (2017) — Uma aproximação ao espaço vivencial da Casa dos Bicos. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., ed. lit. — *Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação, 1, Lisboa, 2015*. Actas. Lisboa: Centro Arqueologia de Lisboa. p. 366-387.

- CÔRTE-REAL, M. H. (1983) — *O Palácio das Necessidades*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros.
- COSTA, M. (1958) — O Palácio do Manteigueiro. *Olisipo*. Lisboa 82, p. 77-108.
- COSTA, M. (1959/1960) — O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira. *Olisipo*. Lisboa. p. 37-46, 86, 87, 89, 91-103, 129-146.
- COSTA, M. (1962) — Em que se fala dos antigos Paços Reais. *Olisipo*. Lisboa. 100, p. 144-157.
- COUTINHO, M. (2016) — Os palácios dos barões e viscondes de Zambujal em Setúbal e Lisboa. *Cader-nos do Arquivo Municipal*. Lisboa. S. 2, 5, p. 173-208.
- CRAVO, J. C. (2018) — O Terramoto como factor de aceleração de urbanismo do Cardal da Graça e do Vale de Cavalinhos — A Graça em 1755. *Arqueologia e História*. Lisboa. 8, p. 45-51.
- DAVIS, S. (2009) — Animal Remains from an 18th-19th century AD pit in the Palácio Centeno, Lisbon. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, p. 239-250.
- FERREIRA, S.; NEVES, C.; MARTINS, A.; TEIXEIRA, A. (2017) — Fragmentos da mesa nobre e de uma cidade em transformação: porcelana chinesa num contexto de terramoto na Praça do Comércio (Lisboa). In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., ed. lit. — *Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação, 1, Lisboa, 2015*. Actas. Lisboa: Centro Arqueologia de Lisboa. p. 458-477.
- FILIPE, I. (2006) — Palácio dos Lumiares: análise preliminar da ocupação moderna. *Era Arqueologia*. Cruz Quebrada. 7, p. 110-125.
- FILIPE, V.; LEITÃO, M. (2017) — Um espaço, um pavimento da Casa dos Bicos no século XVI. In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., coord. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa. p. 164-167.
- FLOR, P.; COUTINHO, M.; FERREIRA, S.; FLOR, S. (2014b) — Grande panorama de Lisboa em azulejo: Novos contributos para a fixação da data, encomenda e autoria. *Revista de História da Arte*. Lisboa. 11, p. 87-105.
- FLOR, S. V.; FIGUEIREDO, C.; PILÃO, C.; MECO, J.; DIAS, M. I. M.; PRUDÊNCIO, M. I.; TRINDADE, M. J.; FLOR, P.; SERRÃO, V. (2014a) — O Palácio Melo e Abreu em Lisboa: História, Arte e Património. In BISPO, M. T., coord. — *Contributos para o estudo e salvaguarda do Azulejo em Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, PISAL, p. 98-119.
- FRANCO, C. (2016) — *Casa das Elites de Lisboa: Objectos, interiores e vivências (1750-1830)*. Lisboa: Scribe.
- FREESE, A. (2019) — *Palácios de Lisboa*. Lisboa: By the Book.
- GALVÃO-TELLES, J. B. (2014) — *O Palácio do Fiúza: memória de uma residência nobre em Alcântara, no termo de Lisboa*. Lisboa: LMT—Consultores em História e Património.
- GASPAR, A.; GOMES, A. (2012) — A cerâmica moderna do Castelo de S. Jorge: produção local de cerâmica comum, pintada a branco, moldada e vidrada e de faiança. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 2, p. 719-732.
- GIL, J. (2005) — *Os mais belos palácios de Portugal*. Lisboa: Verbo. 2 vol.
- GOMES, A.; GASPAR, A. (2017) — Os pavimentos de época medieval cristã no Castelo de São Jorge (meados do século XII e XIII). In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., coord. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 152-153.
- HENRIQUES, J. P. (2012) — Do Oriente para Ocidente: contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de época moderna. Estudo de três contextos arqueológicos de Lisboa. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 2, p. 919-932.
- HENRIQUES, J. P.; FILIPE, V., coord. (2020) — *O dia em que a casa veio abaixo — roteiro da exposição*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa.
- LEFEBVRE, H.; LEVICH, C. (1987) — The Everyday and Everydayness. *Yale French Studies*. New Haven, Connecticut. 73, p. 7-11.
- LEITÃO, M. (2015) — Um palácio na *Ribeira de Lisboa*. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B. da, coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal, DMC, DPC. p. 86-88. Catálogo.
- LEITÃO, M.; GUERRA, S.; FILIPE, V. (2016) — A arqueologia e a sua convivência com o projecto de estruturas: o exemplo da intervenção do Chafariz del'Rei e edificado envolvente. *Rossio. Estudos de Lisboa*. Lisboa. 6, p. 68-83.
- LEITE, A. C.; RIJO, D.; GARCIA, J. M.; SILVA, M. F. (2019) — Uma vista desconhecida de Lisboa antes do Terramoto: problemáticas e possibilidades. In CARITA, H.; GARCIA, J. M., coord. — *A Imagem de Lisboa. O Tejo e as Leis Zenonianas da Vista do Mar*. Lisboa: Gabinete de estudos Olisiponenses, CML. p. 7-45.
- LOPES, M.; MESQUITA, T. (2020) — Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa. In ARNAUD,

- J. M.; NEVES, C.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal 2020 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1733-1746.
- MARQUES, A.; FERNANDES, L. (2006) — Palácio dos Marqueses de Marialva — Intervenção arqueológica na Praça Luís de Camões (Lisboa 1999/2000). *Património/Estudos*. Lisboa. 9, p. 195-205.
- MARQUES, J. A. F.; LOPES, G. A. S. G. (2017) — Ribeira das Naus: apontamentos da intervenção efectuada em 1995. *Arqueologia e História*. Lisboa. 69, p. 81-85.
- MARQUES, J. A.; SANTOS, V. M. (1997) — Acompanhamento das obras do Metropolitano de Lisboa. Intervenção arqueológica na Avenida Ribeira das Naus. In *Encontro de Arqueologia Urbana*, 3, Almada, 1997. Actas. Almada: Câmara Municipal, p. 165-176.
- MATA, V.; NETO, N.; REBELO, P. (2017) — Construções em taipa de época Medieval e Moderna: o exemplo do Chiado. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1539-1549.
- MATOS, J. S. (1987) — *Procuradoria-Geral da República: Palácio Palmela*. Lisboa: Procuradoria-Geral da República; Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.
- MECO, J. (1981) — A azulejaria do Palácio da Independência, em Lisboa. Separata do *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 87.
- MELLO, J. A. de, coord. (2018) — *Casas e Palácios de Lisboa. Pedras d'Armas*. Lisboa: Scribe.
- MIGUEL, C. (2009) — Almofarizes de Época Moderna: estudo dos exemplares do antigo Palácio dos Marqueses de Marialva (Praça Luís de Camões, Lisboa). *Olisipo*. Lisboa. S. II, 29/30, p. 114-131.
- MIGUEL, M. C. (1998) — O Paço a par de S. Cristóvão. *Olisipo*. Lisboa. 2.ª Série, 4, p. 112-113.
- MIGUEL, P. L. M. S. (2012) — *Descobrir a dimensão palaciana de Lisboa na primeira metade do século XVIII. Titulares, a Corte, vivências e sociabilidades*. Dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 3 vol.
- MIGUEZ, J.; SARRAZOLA, A. (2017) — Rua de Santiago, Lisboa: tanques romanos na requalificação do edifício sito n.º 10-14. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., ed. lit. — *Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação, 1, Lisboa, 2015*. Actas. Lisboa: Centro Arqueologia de Lisboa. p. 70-82.
- MOTA, N. (2006) — Uma casa de pasto do século XIX no Palácio dos Marqueses de Marialva. Evolução e reaproveitamento de um espaço. *Património/Estudos*. Lisboa. 9, p. 213-217.
- NETO, J. L. (2005) — O palácio dos Duques de Bragança: as glórias e as vicissitudes. *Olisipo*. Lisboa. 2.ª Série, 22/23, p. 62-72.
- NETO, N.; REBELO, P.; MATA, V. (2017) — A Cerca Fernandina: das Portas de Santa Catarina ao Postigo do Duque — Lisboa. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., ed. lit. — *Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação, 1, Lisboa, 2015*. Actas. Lisboa: Centro Arqueologia de Lisboa. p. 286-297.
- NEVES, J. C. (1941) — *Jardins e Palácio dos Marqueses da Fronteira*. Lisboa: edições Gama.
- PINTO, A. S. (2009) — A utilização de cerâmica doméstica na arquitectura: a propósito do antigo Palácio dos Marqueses de Marialva (Praça Luís de Camões, Lisboa). *Olisipo*. Lisboa. S. II, 29/30, p. 90-113.
- PINTO, S. (1985) — Palácio do Metelo. *Intervenção Social*. Lisboa. 2/3, p. 99-122.
- PORTUGUESA, C. V. (1983) — *O Palácio dos Condes Óbidos, sede da Cruz Vermelha Portuguesa*. Lisboa: Cruz Vermelha Portuguesa.
- REIS, M. de F. (2019) — O Paço dos Duques de Bragança em Lisboa, sede da Academia Real da História Portuguesa: mecenato e poder régio. *Libros de la corte. Es*. Madrid. 17, p. 243-257.
- RIBEIRO, R. A.; NETO, N.; REBELO, P. (2017) — Os pavimentos de Época Moderna dos antigos Armazéns Sommer, Lisboa. In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., coord. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa. p. 186-189.
- RIBEIRO, R. A.; NETO, N.; REBELO, P. (2019) — As mil e uma cidades de Lisboa nos antigos Armazéns Sommer. *Rossio. Estudos de Lisboa*. Lisboa. 8, p. 156-169.
- RIBEIRO, R. A.; NETO, N.; REBELO, P.; ROCHA, M. (2017) — Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos Armazéns Sommer (2014-2015). Três mil anos de História da cidade de Lisboa. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., ed. lit. — *Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação, 1, Lisboa, 2015*. Actas. Lisboa: Centro Arqueologia de Lisboa. p. 222-245.
- RIJO, D. (2020) — O espaço e as gentes da freguesia da Ajuda ao tempo do terramoto de 1755. In VALENTE, A.; MELO, A. H.; MARQUES, A.; SOUTO, V., coord. — *Ajuda: o Espaço, o Tempo e a Sociedade*. Lisboa, 2018. Actas do Colóquio. Lisboa: Gabinete de Estudos Olisiponenses. p. 21-40.
- ROCHA, A. J. F.; REPREZAS, J. L.; MIGUEZ, J. N.; INOCÊNCIO, J. R. C. (2013) — Edifício sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1011-1018.

- ROSSA, W. (2015) — Lisboa: da busca de imagem de capital. *Rossio. Estudos de Lisboa*. Lisboa. 5, p. 28-42.
- SAMPAIO, J. P. (1988) — *O Palácio da Independência: sua história e evolução arquitetônica*. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal.
- SANTOS, M. J. (2007) — Largo de Jesus: contributo para a história incógnita de Lisboa antiga. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, p. 381-399.
- SANTOS, M. J. C. (2017) — Pavimentos antigos no Largo de Jesus (Mercês). In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., coord. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa. p. 192-195.
- SANTOS, V. (2006) — Copa e área de serviço do palácio Marqueses de Marialva. *Património/Estudos*. Lisboa. 9, p. 207-212.
- SARAIVA, J. A. (1985) — *O Palácio de Belém com os seus hóspedes, os seus segredos e a sua vida quotidiana*. Lisboa: Inquérito.
- SENOS, N.; ALBERTO, E. (2015) — Os espaços do Poder em Lisboa nos séculos xv e xvi. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B. da, coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal, DMC, DPC. p. 69-75. Catálogo.
- SEQUEIRA, G. A. M. (1961) — *O Palácio Nacional da Ajuda: redesenha histórica*. Lisboa: [s. n.].
- SEQUEIRA, M. J.; VALE, A. P. (2012) — A majólica da escavação do Largo do Corpo Santo. Conferência proferida no âmbito do *Ciclo de Conferências — Temas de Arqueologia*, promovido pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 25 de maio.
- SILVA, A. V. (1948) — Sítio e Palácio do Marquês do Alegrete. *Revista Municipal*. Lisboa. 30/31, p. 13-15.
- SILVA, A. V. (1960) — O Palácio dos Duques de Bragança em Lisboa. In SILVA, A. V., coord. — *Dispersos*. Lisboa: Biblioteca Municipal. vol. 3.
- SILVA, R.; TEIXEIRA, A. (2022) — «Cachimbo de gesso», de «barro vermelho» e «chibiques» em Lisboa: o consumo de tabaco numa capital europeia (século xvii a meados do século xviii). *Vestígios*. Brasil. 16:2, p. 112-138.
- SIMÃO, I. (2010) — Palácio Mesquita: espaço habitacional da Lisboa Moderna e Contemporânea. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Cruz Quebrada. 6, p. 83-89.
- SOARES, C. M.; DIONÍSIO, A. (2019) — *A Igreja de Santa Engrácia no Campo de Santa Clara: os tempos do lugar*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural, Panteão Nacional. Catálogo.
- SOROMENHO, M., coord. (2016) — *Joyeuse Entrée. A vista de Lisboa do Castelo de Weilburg*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.
- TEIXEIRA, M. B. (2002) — *O Palácio Angeja-Palmela ao Paço do Lumiar*. Lisboa: Museu Nacional do Traje.
- TILLEY, C. (2008) — Phenomenological Approaches to Landscape Archaeology. In DAVIS, T. J., ed. lit. — *Handbook of Landscape Archaeology*. [S. l.]: Routledge, p. 271-276.
- TORRES, A. (2007) — Contas exumadas na intervenção arqueológica do Palácio dos Marqueses de Marialva — uma tipologia usada no trato colonial. *Anais de História de Além-Mar*. Lisboa. 8, p. 181-237.
- TORRES, A. (2012) — O Mobiliário do Palácio Marialva (Lisboa). In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 2, p. 95-110.
- TRIGO, J. (2002) — *O Palácio Braamcamp e os seus ocupantes*. Lisboa: Câmara Municipal.
- VALE, A. (2015) — A intervenção arqueológica no Largo do Corpo Santo e a Ribeira de Lisboa no século xvi. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B. da, coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, DMC, DPC. p. 162-165. Catálogo.
- VALONGO, A. (2017) — Rua do Arsenal 148, Lisboa. Resultados da escavação arqueológica. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1551-1565.
- WILK, R. R.; RATHJE W. L. (1982) — Household Archaeology. *American Behavioral Scientist*. 25:6, p. 617-639.

Antes e depois da Tripla Catástrofe. O Que Nos Conta a Arqueologia «da Cidade Que Foi Lisboa...»

CARLOS BOAVIDA*

1. Algumas Palavras Prévias

Em 1994, ano em que teve lugar a exposição «Lisboa Subterrânea», com exceção dos vestígios do antigo Hospital Real de Todos-os-Santos (Moita, 1994a) e dos que foram encontrados na Casa dos Bicos (Amaro, 1982a; 1982b; 1983; 1994a; Duarte e Amaro, 1986), eram muito pontuais os achados arqueológicos referentes a contextos lisboetas da Idade Moderna. Assim, no catálogo daquela mostra, foi dada a palavra acima de tudo a historiadores, pois, até então, era quase exclusivamente graças à relevante investigação destes especialistas que se escrevia essa parte da história da cidade de Lisboa (Braga, 1994; Nabais, 1994; Pereira, 1994; Santos, 1994).

Tal facto parecia dever-se não ao desinteresse por parte dos arqueólogos, mas acima de tudo a uma certa desvalorização de tais contextos, em detrimento de outros mais antigos, e a uma possível crença, mais ou menos aceite, de que a devastação provocada pelo terramoto de 1755 e a consequente reconstrução de Lisboa teria levado à destruição desses vestígios da cidade da Idade Moderna.

Entre meados dos anos 90 e a atualidade, essa realidade sofreu alterações substanciais. Se, por um lado, foi crescendo o interesse por parte da academia e, consequentemente, dos arqueólogos e dos investigadores (facto ao qual a exposição de 1994 poderá não ter sido alheia), também mudanças ocorridas em termos legislativos permitiram o surgir de uma nova abordagem àqueles contextos.

Consultando o Portal do Arqueólogo, principal repositório da atividade arqueológica desenvolvida em Portugal, no que diz respeito a Lisboa estão inventariados mais de 580 sítios, tendo sido identificados contextos atribuídos à Idade Moderna em 322 daqueles. Cerca de cinco dezenas destes foram alvo de trabalhos arqueológicos antes de 1994 e por volta de cem foram intervencionados nos anos que medeiam entre esta data e o ano de 2001.

Nesta análise de números, não deve ser ignorado o facto de que parte significativa dos sítios considerados como tendo contextos da Idade Moderna o foram em função do espólio ali recuperado (que em muitos casos não se encontrava em deposição primária) e não estão em associação com estruturas preservadas dessa cronologia, o que eleva o número de sítios tidos como modernos, mas que podem não corresponder efetivamente a um sítio arqueológico dessa cronologia ou vestígios *in situ* daquela.

* Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa; Associação dos Arqueólogos Portugueses; Grupo Amigos de Lisboa. E-mail: cmpboavida@gmail.com

Texto concluído no final de 2021 e revisto pontualmente no início de 2023. O título é baseado numa expressão usada pelo nuncio apostólico Filippo Acciaiuoli, representante da Santa Sé em Portugal ao tempo do terramoto de 1755, numa das cartas enviadas ao papa para o informar sobre os factos ocorridos em Lisboa no dia 1 de novembro e seguintes (Cardoso, 2005).

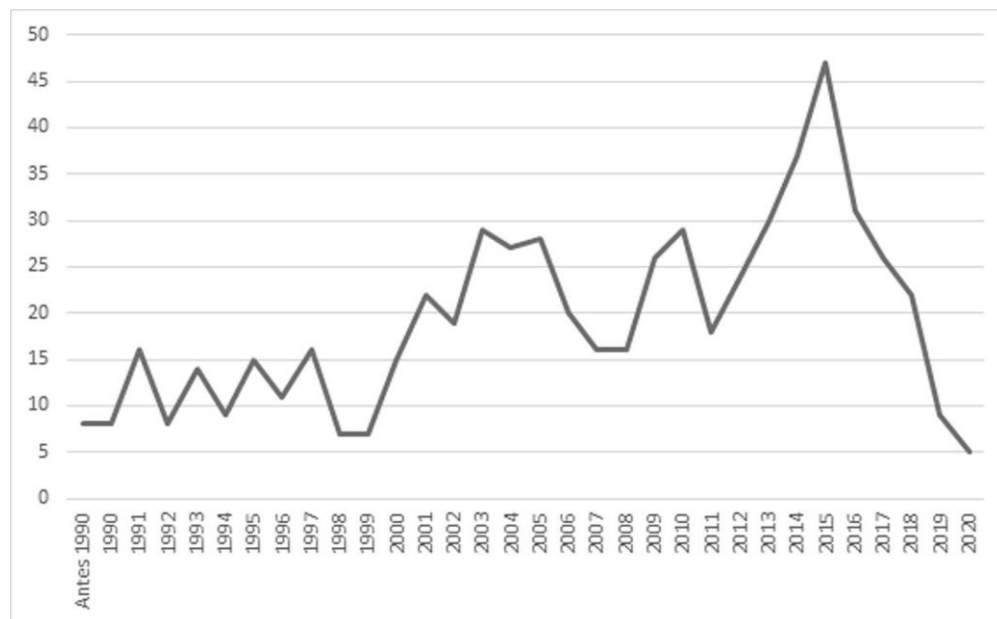


Gráfico 1 — Intervenções arqueológicas em Lisboa — contextos de Idade Moderna.

Dados: Portal do Arqueólogo (gráfico do autor).

Alguns locais foram alvo de várias campanhas de trabalhos arqueológicos — escavações, sondagens, acompanhamento —, o que aconteceu em cerca de 120 sítios, sendo que em metade destes houve duas intervenções. São raros os casos em que ocorreram mais do que quatro campanhas, como sucede na área do Cais do Sodré, Palácio dos Lumiares, Casa Professa de São Roque, Criptopórtico/Galerias Romanas da Rua da Prata, Sé de Lisboa, Terreiro do Paço, Palácio da Rosa/Igreja de São Lourenço e Teatro Romano de Lisboa. O recorde destes números pertence ao Mosteiro de São Vicente de Fora (27) e ao complexo do Castelo de São Jorge e alcáçova, onde diversos projetos somam mais de 40 intervenções.

No total, segundo o Portal do Arqueólogo, até ao final de 2020, foram feitos 615 pedidos de trabalhos arqueológicos no concelho de Lisboa em locais onde foram identificadas estruturas ou espólios datáveis da Idade Moderna — 552 deles tiveram lugar após 1994.

2. Alguns Aspetos Que Contribuíram para a Mudança

As alterações legislativas que se vinham a verificar desde finais dos anos 80 são aquelas que mais contribuíram para a mudança, não só no caso de Lisboa como para todo o território nacional, em relação ao património arqueológico, seja de Idade Moderna ou não. Entre aquelas, teve grande impacto a regulamentação jurídica dos planos municipais de ordenamento do território¹, o que abriu então as portas à primeira geração de Planos Diretores Municipais.

¹ Decreto-Lei n.º 69/90, de 2 de março.

Assim, entre outros, no Plano Diretor Municipal de Lisboa, em vigor desde 1994, foram definidos os conceitos de núcleos de interesse histórico e de património edificado². Este documento, no que à arqueologia diz respeito, em articulação com a Lei do Património Cultural então vigente³, implementou as designadas áreas de sensibilidade arqueológica, constituídas por três níveis de menor ou maior risco para a preservação e salvaguarda dos vestígios arqueológicos existentes nos locais onde se viessem a realizar obras que implicassem movimentações ao nível dos subsolos ou alterações do ponto de vista arquitetónico em monumentos classificados.

Na sequência da criação do Instituto Português de Arqueologia⁴, em 1997, e da regulamentação da atividade arqueológica em meio subaquático⁵, assim como do regime jurídico das carreiras específicas na área da Arqueologia⁶, em 1999 entrou em vigor o Regulamento de Trabalhos Arqueológicos⁷. Este define vários aspetos da atividade arqueológica, em particular a necessidade de entrega de relatórios dos trabalhos desenvolvidos à instituição responsável pela autorização e fiscalização dos mesmos, assegurando a centralização da informação e o seu acesso público. O regulamento prevê igualmente a obrigatoriedade de divulgação pública dos resultados dos trabalhos desenvolvidos.

Em 2001, a Lei do Património Cultural Português⁸, no Capítulo II, definiu o que era então entendido como património arqueológico e quais as medidas a ser implementadas para a sua salvaguarda e preservação, nomeadamente junto de monumentos classificados e suas áreas envolventes.

Esta legislação, muitas vezes no seguimento de convenções europeias e internacionais ratificadas por Portugal, vinha responder a alguns anseios para os quais, desde os anos 90, a comunidade arqueológica chamava a atenção, sem que, no entanto, todas as questões tenham sido solucionadas (Lemos e Martins, 1992; Amaro, 1992; 1994b; 1994c; Fabião, 1994; 2017; Ferreira, 2002; Lemos, 2002). Com efeito, a aplicação efetiva destes regulamentos, devido a alguma ambiguidade ao nível da redação dos mesmos, por vezes acaba por ficar aquém do pretendido. Porém, o facto é que, sem a existência destes documentos legislativos, muito do que tem sido feito nas últimas décadas em termos de investigação e divulgação do património arqueológico não teria sido possível.

Nos anos 90, em Lisboa, no que à investigação e divulgação diz respeito, foi igualmente pertinente o Gabinete Técnico do Teatro Romano, assim como o Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade, que no início da segunda década do século XXI passou a ser o Centro de Arqueologia de Lisboa (Marques et al., 1999). Esta entidade tem também um importante papel enquanto depositária do espólio que tem vindo a ser recuperado nas inúmeras intervenções ocorridas na cidade.

Além dos aspetos legislativos, foi do mesmo modo relevante o facto de, em meados dos anos 90, ter sido incluída na licenciatura de História, variante de Arqueologia, da Universidade Nova de Lisboa, uma disciplina que versava sobre o estudo das estruturas

² Resolução do Conselho de Ministros 94/94, de 29 de setembro.

³ Lei n.º 13/85, de 6 de julho.

⁴ Decreto-Lei n.º 117/97, de 14 de maio.

⁵ Decreto-Lei n.º 164/97, de 27 de junho.

⁶ Decreto Regulamentar n.º 28/97, de 2 de julho.

⁷ Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de julho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 287/2000, de 10 de novembro, e revisto pelo Decreto-Lei n.º 164/2014, de 4 de novembro.

⁸ Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro.

e do espólio arqueológico recolhido em contextos da Idade Moderna, até aí pouco abordado no âmbito académico português. A disciplina de Materiais 3, mais tarde designada Arqueologia Moderna, era (e continua a ser) obrigatória, pelo que nas últimas duas décadas foram várias as centenas de alunos que tiveram formação no que a estes contextos diz respeito, tendo muitos deles efetuado dissertações de mestrado e doutoramento sobre essa temática. Outras universidades incluíram posteriormente estas matérias nos seus *curricula* (Gomes, 2006; Gonçalves e Fabião, 2006).

Uma outra questão que não pode ser ignorada, principalmente no que à última década diz respeito, é a explosão imobiliária e turística verificada no centro histórico de muitas das cidades portuguesas, facto ao qual Lisboa não foi de forma alguma alheia (antes pelo contrário). Verifica-se, pois, um exponencial aumento da atividade arqueológica (Bugalhão, 2008), não só na reabilitação de edifícios existentes no centro histórico da capital, mas também com a criação de novos espaços, como parques de estacionamento subterrâneos, a ampliação de linhas do metropolitano ou a redefinição e arranjo urbanístico de vários arruamentos.

3. O Que Tem Sido Escrito para Memória Futura

Nos últimos anos, no âmbito de variados congressos e exposições, mas também através de estudos monográficos, têm sido dados a conhecer relevantes contributos para o estudo da história da cidade de Lisboa durante a Idade Moderna. Seja pela análise de documentação histórica ou pelos contributos da história de arte, não faltam exemplos dessa laboriosa investigação (Garcia, 1994; 2005; 2012; 2014; 2021; Moita, 1994b; Santana e Sucena, 1994; Alves, 1997; Chantal, 2005; Tavares, 2005; Carita, 1999; 2015; Magalhães, 1997; Henriques, 2004; Mateus, 2004; Araújo, 2005; Mascarenhas, 2005; Monteiro, 2005; Coelho, 2006; Araújo et al., 2007; Rollo, Buescu e Cardim, 2007; Ferreira, 2008; Tostões e Rossa, 2008; Faria, 2012; Matos e Paulo, 2013; Barros, 2014; Leitão, 2014; Flor et al., 2014; Amaro, 2015; Gschwend e Lowe, 2015; Ribeiro e Policarpo, 2015; Rossa, 2015; Senos e Alberto, 2015; Beauvink, 2016; Soromenho, 2016; Cardoso, 2017; Bugalhão, 2018; Cravo, 2018; Flor, 2019; Leite et al., 2019; Monteiro e Nascimento, 2019; Soares e Dionísio, 2019; Campos et al.; 2020; Raggi, 2020; Raposo e Musso, 2020; Henriques, 2021).

Embora ainda seja algo escassa a sua referência, é impossível ignorar que os trabalhos arqueológicos que têm vindo a ser desenvolvidos nas duas últimas décadas em Lisboa estão a dar enormes contributos para o estudo e conhecimento da evolução desta cidade. Através destes, tem sido possível reconhecer variados ambientes e inúmeros aspetos das vivências quotidianas nos diversos espaços da cidade que de outro modo não seriam acessíveis.

Estes achados, reconhecidos em vários locais da malha urbana, estão atribuídos aos séculos XV, XVI, XVII e XVIII. Entre aqueles, destacam-se os associados ao terramoto de 1755, pois do ponto de vista estratigráfico são os que raramente oferecem dúvidas quanto à cronologia da sua formação (Leite, 2014), estando presentes igualmente evidências da reconstrução da cidade após aquele cataclismo.

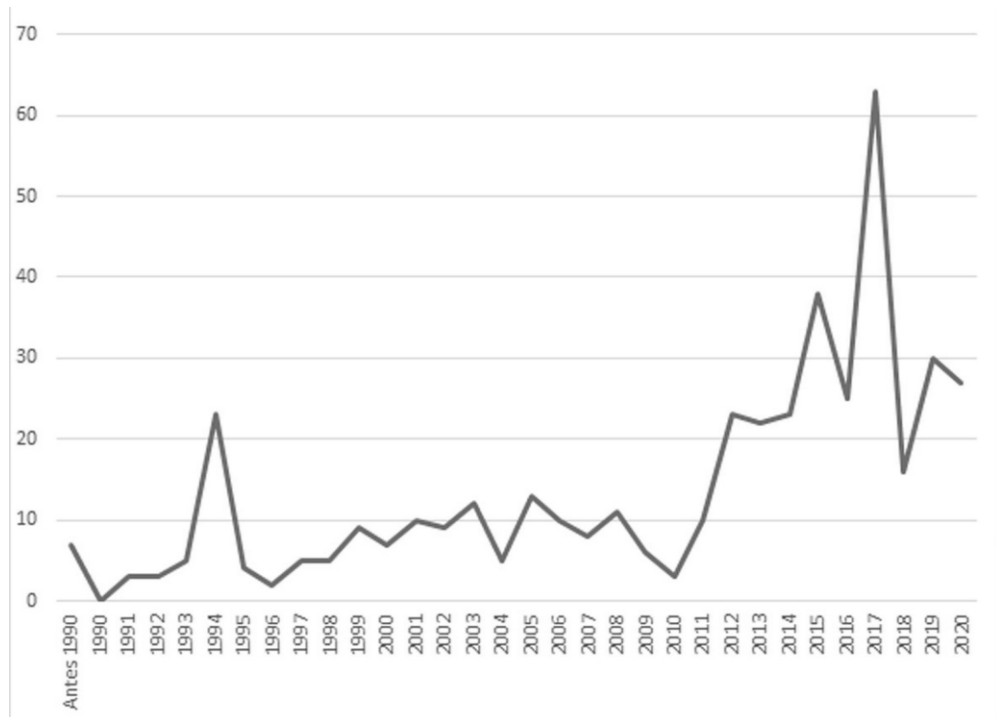


Gráfico 2 — Publicações relativas à Idade Moderna em Lisboa — arqueologia e história (gráfico do autor).

Os contextos identificados nos inúmeros trabalhos arqueológicos ocorridos são muito diversificados, incluindo espaços residenciais domésticos, hospitais, necrópoles, casas religiosas, estruturas portuárias e defensivas, arruamentos, infraestruturas de saneamento, armazéns, celeiros, navios, etc. Alguns destes achados encontram-se total ou parcialmente musealizados e abertos ao público (Amaro, 2001a; 2001b; Bugalhão, 2014; 2016; 2021; Fernandes, 2014; 2021; Gaspar et al., 2014; Boavida e Casimiro, 2019).

Algumas exposições têm dado igualmente grande destaque às descobertas arqueológicas de Época Moderna ocorridas na cidade, tendo nesse âmbito, na maioria dos casos, sido publicados extensos e bem ilustrados catálogos (Pereira, 1993; Amaral e Miranda, 2002; Amaral, 2008; Teixeira, Villada Paredes e Silva, 2015; Fernandes, Bugalhão e Fernandes, 2017; Alberto, 2020; Henriques e Filipe, 2020).

Antes de 1994, e também nos anos seguintes, alguns congressos organizados por diversas entidades haviam já dado algum «espaço mediático» aos contextos de Época Moderna, como sucedeu nos Encontros Nacionais de Arqueologia Urbana (1985, 1994, 1997, 2000), nas Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1970, 1972, 1977, 1990, 1993) ou nas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval de Tondela (1992, 1995, 1997, 2000). Porém, tem sido acima de tudo na última década que este tipo de encontros, organizados com maior regularidade, tem tido cada vez maior participação de investigadores que se dedicam ao estudo destas problemáticas. Exemplos desse aspeto são o Congresso Internacional de Arqueologia Moderna (2011), o Congresso Internacional da Faiança Portuguesa (2013), os Congressos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (2013, 2017, 2020), os Encontros de Arqueologia de Lisboa (2015, 2018, 2021) ou os Fragmentos de Arqueologia de Lisboa (2016, 2017, 2018, 2019), nos quais tem sido feita a divulgação pública de muitos dos achados arqueológicos de Época

Moderna que têm ocorrido na cidade. Em claro contraste, apesar de existirem exceções, são raros os artigos sobre contextos arqueológicos de Época Moderna, sejam de Lisboa ou de outras localidades, na generalidade das revistas da especialidade que se publicam em Portugal. É, pois, quase exclusivamente através de reuniões científicas que eles são dados a conhecer.

No entanto, apesar de terem sido encontradas mais de quatro centenas de referências bibliográficas, estas correspondem, grosso modo, apenas a 133 sítios arqueológicos. Continuam assim inéditos os dados relativos a muitos deles (189), apesar de terem já sido apresentados publicamente no âmbito de inúmeras conferências promovidas pelas mais variadas entidades. Por outro lado, não se ignora que certamente muitos destes locais intervencionados arqueologicamente não ofereceram quaisquer informações ou que estas são muito escassas, não sendo por isso relevante a sua publicação *per se*. Mas o que dizer dessas escassas informações se forem reunidas e mapeadas? Será que, pelo menos em alguns locais do centro histórico de Lisboa, são assim tão irrelevantes?

4. A Cidade, antes e depois da Tripla Catástrofe

No que diz respeito aos contextos que vão desde os finais do século XV aos finais do século XVIII, ainda que, até ao momento, parte significativa das descobertas arqueológicas ocorridas na cidade de Lisboa esteja localizada no centro histórico, também sucederam alguns achados em outras áreas mais periféricas. Num percurso pela frente ribeirinha e



Fig. 1 — Os locais onde ocorreram trabalhos arqueológicos. Dados: Portal do Arqueólogo. A cinzento-claro, aqueles sobre os quais existe pelo menos um artigo publicado; a cinzento-escuro, os que ainda não foram publicados (mapa do autor). Dos 322 sítios registados no Portal do Arqueólogo, 44 não constam na área abrangida pelo mapa.

pelas sete colinas de Lisboa⁹ (e não só), segue-se uma pequena síntese dos achados, em função do que se encontra publicado ou estudado no âmbito de trabalhos académicos, nomeadamente dissertações de mestrado.

Não deixa de ser relevante referir que não há dúvidas de que o número de referências bibliográficas sobre trabalhos arqueológicos ocorridos em Lisboa será certamente muito superior ao apresentado nesta análise, pois não são aqui citadas as centenas de relatórios entregues à tutela. Do mesmo modo, também não estão presentes as informações disponíveis nos *sites* eletrónicos das empresas de arqueologia que têm assegurado a realização da maioria dessas intervenções. Na verdade, é todo este manancial, que deverá ser superior a um milhar de referências, que constitui o repositório bibliográfico sobre a arqueologia da Idade Moderna em Lisboa.

4.1. A Extensa Frente Ribeirinha

Como em 1994 já se fazia antever (Alves, 1994; Fernandes, 1994), a frente ribeirinha de Lisboa tem revelado abundantes achados relacionados com a presença do porto da cidade e com a construção naval (Nascimento, 2012; Bugalhão, 2015a; Caetano, Silva e Bettencourt, 2015; Silva, Nascimento e Nunes, 2019). A identificação de inúmeros restos de embarcações reflete bem essa situação. As primeiras descobertas, de várias cronologias, ocorreram no âmbito das obras do metropolitano, ainda em meados dos anos 90, tendo sido recuperados restos de embarcações no Cais do Sodré, Largo do Corpo Santo e também na Praça do Município (Marques e Santos, 1997; Van Leeuwen et al., 1999; Rodrigues e Vale, 2000; Van Leeuwen e Queiroz, 2000; 2002; Alves, Rieth e Rodrigues, 2001; Rodrigues et al., 2001; Santos e Marques, 2002a; Bugalhão, 2005; 2019; Castro et al., 2011; Silveira, 2014a; 2014b; Vale, 2015; Rodrigues, 2019).

A construção das linhas do metropolitano durante aqueles anos permitiu igualmente a descoberta, no Largo do Corpo Santo, de variados tipos cerâmicos, alguns de importação (Sequeira e Vale, 2012), assim como de uma possível área de produção oleira (Folgado, 2002; Sabrosa, 2008; Bargão, Ferreira e Silva, 2015).

Junto a este largo, foram do mesmo modo encontrados restos das fundações do desaparecido Palácio dos Corte-Real, condes de Castelo Rodrigo, que foi muito danificado pelo terramoto de 1755, tendo sido posteriormente demolidas as suas ruínas (Vale e Marques, 1997; Vale, 2015; Marques e Lopes, 2019; Marques et al., 2021; Ferreira et al., 2021).

Uma vez que os proprietários deste palácio apoiaram a causa castelhana após a Restauração da Independência, este, tal como todo o património da família, foi expropriado e integrou a Casa do Infantado, passando a ser conhecida então como Casa da Corte Real (Gomes, 2003). Nas traseiras desta, existiam as chamadas Casas Nobres do Infantado, das quais foram encontrados diversos vestígios no âmbito da adaptação de um edifício pombalino para a instalação de uma unidade hoteleira na Rua do Arsenal. Além das fundações de variados compartimentos, assim como dos seus pavimentos, foi também

⁹ Definidas por Frei Nicolau de Oliveira no *Livro das Grandezas de Lisboa*, de 1620.



Fig. 2 — Compartimento das antigas Casas Nobres do Infantado identificado em intervenção arqueológica ocorrida na Rua do Arsenal (cortesia de António Valongo).

localizado mais um troço da Muralha Fernandina, sobre a qual parte das Casas Nobres havia sido erguida (Valongo, 2017). As condições tafonómicas de alguns dos contextos identificados nesta intervenção arqueológica permitiram a conservação de objetos em matérias perecíveis, nomeadamente em madeira, que foram recolhidos em associação com um número assinalável e diversificado de outros artefactos (Casimiro e Valongo, 2017; 2019; Valongo, 2017; 2018).

No início do século XXI, a construção de um estacionamento subterrâneo levou à descoberta de vestígios de outro navio no Largo Vitorino Damásio (Santos, 2006). Na década seguinte, no âmbito da abertura das caves para a nova sede da EDP — Eletricidade de Portugal, foram encontrados outros dois navios. Os designados Boavista 1 e 2 destacaram-se pelo seu estado de conservação (Fonseca et al., 2016).

Além destes achados, foram igualmente identificados na frente ribeirinha vestígios de outras estruturas associadas à vida quotidiana nesta área da cidade, como uma enorme grade de maré, antigos cais e ancoradouros (Sarrazola, 2013; 2014; Sarrazola et al., 2013; 2019; Sarrazola, Bettencourt e Teixeira, 2014; Gomes, 2014; 2015; Macedo et al., 2017; Bettencourt et al., 2017; 2018; 2019; Ponce e Sarrazola, 2018). Por outro lado, estas descobertas permitiram ainda o acesso a contextos selados, onde foi possível a recolha de sedimentos tendo em vista a reconstrução paleoambiental da margem norte do Rio Tejo desde a Antiguidade (Costa et al., 2016; 2017; 2021).

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na frente ribeirinha foram ainda responsáveis pela descoberta de algumas estruturas existentes junto à margem do rio. É o caso do Forte de São Paulo, nas proximidades do atual Mercado da Ribeira (Ferreira, 2015; Ferreira e Bargão, 2016). Durante a reabilitação daquele antigo mercado abastecedor de Lisboa, erguido no século XIX, foram igualmente reconhecidas outras estruturas de centúrias anteriores, assim como vários artefactos (Pinto, Filipe e Miguel, 2011; Ferreira, Silva e Bargão, 2020; Ferreira et al., 2021).



Fig. 3 — Descobertas na Praça D. Luís. Grade de maré construída com peças de antigos navios e que estaria associada aos estaleiros navais da Ribeira das Naus (cortesia de Alexandre Sarrazola).

A reconversão da antiga Igreja de São Julião para instalação do Museu do Dinheiro do Banco de Portugal possibilitou também a descoberta de evidências de diferentes cronologias (Rocha et al., 2013). Este templo, que originalmente estava alguns quarteirões mais para leste, foi reerguido após o terramoto sensivelmente no local onde existia a antiga Patriarcal, demolida na sequência de ter ficado arruinada em 1755¹⁰. Alguns anos mais tarde, em 1816, o interior da Igreja de São Julião foi arrasado por um incêndio, tendo o altar sido reabilitado com cantarias provenientes da igreja do Convento de São Francisco, cuja reconstrução após o abalo já referido não foi concluída (Costa, 1961).

A área de enterramentos da Igreja de São Julião estendia-se por quase todo o espaço interno da mesma, tendo sido identificadas mais de três centenas de sepulturas (Rocha et al., 2013; Sianto et al., 2015; Rocha, 2017). Além do significativo espólio associado àquelas, foi recolhido outro nos mais variados contextos que ali foram registados. Entre esses, destaca-se parte do muro das antigas tercenas régias, que integrava a muralha mandada erguer pelo rei D. Dinis no final do século XIII (Silva e Fonseca, 2019). Décadas depois, obsoleta após a edificação da cerca fernandina, esta estrutura tornou-se «fundação» para novas construções, existindo nas suas superfícies negativos vários que refletem esse aspeto (Rocha, 2014; 2015). Um dos edifícios que se «encostou» a esta velha mura-

¹⁰ Apesar de ter resistido ao terramoto, tendo mesmo ocorrido alguns serviços religiosos naquele mesmo dia, a Patriarcal seria devastada pelos incêndios que lavravam em Lisboa na sequência do sismo (Ribeiro, 2005). A torre sineira desta igreja viria a colapsar durante uma das réplicas que se sentiram ao longo das semanas seguintes (Cardoso, 2005), sendo o edifício depois demolido no âmbito da reconstrução da parte baixa da cidade.

lha parece ter sido o próprio Paço da Ribeira, edificado por ordem do rei D. Manuel I (Rocha, 2014).

Neste local, foram de igual modo identificados numerosos conjuntos de estacas de madeira, sistema implementado na reconstrução pombalina que, em articulação com a grelha e a gaiola, permitia uma maior resistência e flexibilidade das edificações em caso de sismo, nomeadamente quando construídas sobre solos arenosos, como ali sucede (Rocha e Reprezas, 2014). Esta intervenção não se limitou ao espaço da antiga Igreja de São Julião, tendo abrangido todo o quarteirão onde aquela se integra, local onde funcionam atualmente serviços do Banco de Portugal.

Do outro lado do Largo do Município, uma investigação em história de arte permitiu o estudo do edifício do Arsenal do ponto de vista arquitetónico, não muito diferente do que tem sido feito na chamada «arqueologia da arquitetura». Este projeto concluiu que aquele edifício, com adaptações internas, não é mais do que a antiga Real Casa da Ópera, mítico edifício da cidade de Lisboa que teria sido totalmente destruído pelo terramoto (Beauvink, 2016).

Na Praça do Comércio, ali bem perto, foi também identificada outra estrutura portuária (Neves et al., 2012; Neves, Martins e Lopes, 2014; 2017; Neves, 2014), assim como vários pavimentos do antigo Terreiro do Paço e os entulhos que lhes foram sobrepostos por ocasião do nivelamento do terreno durante a reconstrução da cidade (Neves e Martins, 2017), nos quais foi recolhido diverso espólio, nomeadamente porcelanas (Ferreira et al., 2017).

No âmbito dos trabalhos de reabilitação da antiga Igreja da Misericórdia¹¹, erguida no início do século XVI, sondagens arqueológicas contribuíram para um melhor conhecimento daquele edifício, grandemente afetado pelo terramoto de 1755. Além do portal da fachada lateral sul, hoje fachada principal, e de uma capela lateral, atualmente convertida em capela-mor, pouco resta da estrutura original. Durante aqueles trabalhos arqueológicos foram recuperados variados artefactos cerâmicos, alguns de importação, e também em vidro e em metal (Amaro, 2015).

Numa intervenção mais recente, ocorrida no Campo das Cebolas, encontraram-se novamente restos de embarcações, assim como inúmeros artefactos nos sedimentos que continham aqueles achados, resultado de variados processos de aterro nesta área da cidade ao longo de séculos (Manso, Oliveira e Garcia, 2017; Mateus et al., 2017; Simão e Miguez, 2017; Simão et al., 2017; Gomes, Casimiro e Manso, 2020; Manso, Casimiro e Gomes, 2021; Gomes, 2021). Aqui foi igualmente identificado um enorme paredão, correspondente ao cais ali criado tendo em vista a regularização da margem do rio junto ao porto, na segunda metade do século XVIII. As fundações de vários edifícios de apoio à área

¹¹ Esta igreja é igualmente conhecida como «da Conceição Velha», designação de uma outra igreja próxima, a da Conceição dos Freires, que pertenceu à Ordem de Cristo e que foi destruída na sequência dos incêndios provocados pelo terramoto de 1755. Após a transferência da Santa Casa da Misericórdia para o complexo jesuítico de São Roque, onde aquela instituição se estabeleceu em 1768, a Igreja da Conceição foi transferida para a antiga Igreja da Misericórdia em 1770 (Amaro, 2015).

A sede da paróquia estava nesta Igreja da Conceição dos Freires, mas passou para um outro templo em 1699. Esse outro, conhecido então como Conceição Nova, estava em terrenos atualmente junto à Rua da Prata, no quarteirão entre as ruas de São Julião e do Comércio. Destruido pelo terramoto, viria a ser reerguido no cruzamento da Rua Nova do Almada com a Rua da Conceição, tendo sido inaugurado em 1794. Esta igreja viria a ser desativada e vendida em 1950, tendo sido depois demolida no ano seguinte para dar lugar a um prédio de rendimento (Santana & Sucena, 1994, p. 636-637).



Fig. 4 — Escadaria e paredão/cais pombalino construído no Campo das Cebolas, integrado no parque de estacionamento que ali foi criado recentemente (foto do autor, 2019).

portuária, alguns deles erguidos com recurso ao uso da gaiola pombalina, foram igualmente reconhecidas, (Fonseca et al., 2017; Garcia et al., 2021; Miguez et al., 2021).

Este processo de regularização da margem norte do rio, realizado ao longo de várias décadas, estendeu-se a outras zonas da cidade, como Belém e Alcântara, onde também ocorreram descobertas na área de interface, nomeadamente nos locais onde no século XIX foi levada a cabo a construção de aterros na frente ribeirinha (Sarrazola et al., 2015; Ponce et al., 2017a; Rosa et al., 2021), como sucedeu na zona da Boavista ou da Ribeira das Naus.

Em relação à zona de Belém, deve ser referido que é o único local, até ao momento, onde foram encontradas evidências físicas do *tsunami* provocado pelo terramoto de 1755. A descoberta ocorreu durante da abertura das valas de fundação do novo edifício do Museu Nacional dos Coches. Num dos cortes, formados por diversos estratos de areia fina, estes estão subitamente interrompidos por alguns níveis de seixos rolados, aspeto que em meados do século XVIII seria estranho no local, visto tratar-se de uma área de junqueira. Ao que tudo indica, estes seixos teriam sido para aqui arremessados pelo impacto das ondas que então se formaram (Ramos-Pereira, Araújo-Gomes e Trindade, 2014).

Para além das estruturas que se encontraram ao longo da margem do rio, na zona ribeirinha têm sido reabilitados inúmeros edifícios onde têm tido lugar igualmente trabalhos arqueológicos. Talvez o mais reconhecido destes seja a Casa dos Bicos, onde diversas campanhas permitiram a identificação de distintos contextos de diferentes cronologias, sendo o da construção daquele edifício e dos seus quotidianos o contexto relevante no

âmbito deste artigo. O espólio aqui descoberto inclui variados tipos cerâmicos, assim como artefactos em vidro e outras matérias (Coelho, 2013; Valente, 2013; Medici, 2014; Coelho, Silva e Teixeira, 2017; Filipe e Leitão, 2017).

Além da Casa dos Bicos, são vários os edifícios que na frente ribeirinha encostam aos vários panos de muralha aqui existentes¹². Nestes edifícios, erguidos nos séculos XVI e XVII, foram realizados diversos trabalhos arqueológicos, que revelaram vestígios das suas vivências passadas (Leitão, 2015; Leitão e Calado, 2015; Leitão, Guerra e Filipe, 2016; Almeida e Martingil, 2021). Um dos locais onde tal sucedeu, encostado ao Arco de Jesus (uma das portas mais antigas da cidade), foi o antigo Palácio dos Condes de Coculim¹³, do qual foram encontradas diversas estruturas pré-terramoto nos trabalhos de adaptação daquele para a instalação de uma unidade hoteleira¹⁴. Entre outros vestígios de várias cronologias, identificou-se aqui um grande pátio, obra dos séculos XVII/XVIII, servido por uma galeria porticada, a partir da qual uma escadaria permitia o acesso a um piso superior. Parte das paredes deste espaço era revestida com azulejos, sendo o pavimento de grandes lajes na galeria e em calçada de seixos rolados no restante espaço. O mesmo tipo de calçada estava presente também em alguns arruamentos que recortavam de certo modo o quarteirão que todo o edifício constitui. O espólio recuperado nestes contextos é numeroso e diversificado, estando uma parte dele exposto no hotel, junto de estruturas preservadas e musealizadas (Ribeiro, Neto e Rebelo, 2017; 2019; Ribeiro et al., 2017).

Foram igualmente promovidas obras na área do Terreiro do Trigo, que expuseram antigos níveis de circulação, com calçada de seixos rolados, assim como variados artefactos, nomeadamente cachimbos em caulino (Gonzalez, 2012; Sousa, Henriques e Filipe, 2020; 2021; Krus, Henriques e Vieira, 2021). Aqui bem perto, recorde-se, a norte do edifício da Alfândega, foi identificada uma possível fábrica de pólvora (Ferreira e Neves, 2009).

No Largo do Chafariz de Dentro, em obras promovidas pela SIMTEJO, foram substituídos os coletores e as canalizações, o que deu origem a outros achados. Aqui encontrava-se um troço da Muralha Fernandina que foi demolido no século XIX para alargamento de algumas ruas, obrigando também ao realinhamento de diversas fachadas, nomeadamente na Rua dos Remédios (Silva et al., 2012; Silva, Miranda e Nozes, 2019). Entre o espólio aqui recolhido, destacam-se as cerâmicas importadas, tanto de mercados italianos (Manso e Filipe, 2019) como orientais (Simões, 2012; 2015a; 2019; Vieira, 2019), além dos vidros (Medici, 2014). No âmbito do arranjo urbanístico do largo, assinalando o local onde ficavam as fundações da muralha foi colocado um diferente padrão de calçada.

¹² Embora partes desta estrutura defensiva tenham fundação romana, a sua configuração atual deve-se, acima de tudo, a intervenções ocorridas durante a Idade Média (Cerca Velha e Cerca Nova). Não sendo então necessárias para a defesa da urbe, a partir do século XVI, em vários locais da cidade, as muralhas começaram a ser usadas como base para novas construções (Tição et al., 2001). No entanto, pela sua relevância no espaço urbano, verificou-se uma manutenção das antigas portas das muralhas, que na sua maioria seriam demolidas nos séculos XVIII e XIX, permitindo assim o alargamento de diversos arruamentos (Silva, 1937; 1939; 1940; 1948/1949).

¹³ Esta designação resulta de uma corruptela de Cuncolim, cidade no Estado de Goa. O título de conde de Coculim foi criado em 1666, por D. Afonso VI, em favor de D. Francisco de Mascarenhas, segundo filho do primeiro marquês de Fronteira.

¹⁴ Este edifício corresponde aos antigos Armazéns Sommer, na Rua dos Cais de Santarém.

4.2. Pelas Colinas de São Vicente, Santo André e São Jorge até ao Castelo

Os trabalhos de substituição e remodelação promovidos pela SIMTEJO estenderam-se por vários arruamentos do Bairro de Alfama, entre os quais o Beco do Espírito Santo, onde também foram recuperados alguns artefactos (Nozes, Silva e Miranda, 2007; Nozes et al., 2021).

A reabilitação de um edifício no Beco das Barrelas permitiu a identificação de quatro momentos de ocupação daquele espaço, estando presentes negativos de estruturas em madeira no mais antigo daqueles, que corresponderiam, entre outros, a pavimentos desaparecidos. Associados a um destes contextos, foram encontrados fragmentos de cerâmica em chacota, para produção de faiança, mas aos quais não foi aplicado o habitual revestimento branco estanífero. Apesar disso, estas peças, que serão do século XVII, foram mesmo assim utilizadas nos quotidianos de quem ali residiu, pois mostram marcas de tal facto (Oliveira, 2012; 2016; Oliveira e Vieira, 2013; Oliveira e Silva, 2016).

Não muito longe, na Rua da Adiça, n.º 1 a 3, num edifício que terá sido erguido nos inícios do século XVI, foram encontrados vários entulhos e diferentes níveis de aterros

com espólio daquela centúria e da seguinte, cobrindo estruturas de Época Romana. Foi reconhecida igualmente uma calçada quinhentista danificada pela abertura de fossas detriticas com materiais arqueológicos também daquela mesma cronologia (Filipe e Santos, 2017).

Na zona alta do Bairro de Alfama tiveram também lugar trabalhos arqueológicos no Convento do Santíssimo Salvador, onde foram encontradas as sepulturas da comunidade religiosa ali residente, assim como as fundações de algumas estruturas do edifício original (Antunes-Ferreira e Mota, 2022). Recorde-se que este cenóbio foi também ele afetado pelo sismo de 1755, tendo colapsado parte da igreja e os dormitórios (Araújo, 1993).

Alguns quarteirões para sul, uma escavação realizada no Beco do Loureiro levou ao reconhecimento de restos de uma calçada ladeada por dois edifícios, um deles aparentemente relacionado com uma forja que terá continuado a ser utilizada até ao século XIX, data em que o espaço terá sido abandonado (Santos, Rebelo e Neto, 2013).

A leste, encostado à Muralha Fernandina, não muito longe dali, está o Mosteiro de São Vicente de Fora. Aqui, ao longo de várias décadas, foram identificadas inúmeras estruturas. Além dos espaços interiores deste complexo monástico, os trabalhos ar-



Fig. 5 — Artefactos metálicos recuperados nas escavações arqueológicas ocorridas na área do Mosteiro de São Vicente (foto do autor, 2019).

queológicos ocorreram igualmente na área da sua antiga cerca, cortada pela muralha, no exterior da qual existia uma grande lixeira usada pela população daquela parte da cidade (Ferreira, 2010). Na parte norte da cerca do mosteiro, onde hoje se encontra uma escola, foram do mesmo modo encontrados numerosos vestígios, nomeadamente de uma zona de jardim com casa de fresco revestida a azulejos (Ferreira, 2012). O espólio recolhido nestes variados contextos é abundante e diversificado, estando em parte exposto no mosteiro, com especial destaque para o não cerâmico, em particular a extraordinária coleção de tecidos (Ferreira, 1983; 1994; 1998; 2008; 2010; Ferreira, Machado e Pires, 2016; Gomes, 2021; 2022; Casimiro e Branco, 2022; Coelho, 2022; Pires, 2022).

No âmbito da reabilitação do Palácio de Santa Helena, imediatamente a sul deste complexo religioso, as escavações arqueológicas permitiram a descoberta do antigo Celeiro d'El-Rei, constituído por diversos silos medievais, alguns de grande dimensão. No interior destes, após a sua desativação, foram descartados inúmeros artefactos, constituindo assim mais uma lixeira naquela área da cidade (Batalha et al., 2017).

Na encosta sul da Colina de São Jorge, nas proximidades do Largo da Madalena, na Rua das Pedras Negras, durante a reabilitação de um conjunto de edifícios, foi reconhecida quase uma dezena e meia de fases de ocupação, oito delas correspondentes à Época Moderna e ao período após o terramoto. Além de vários compartimentos, diversos tipos de pavimentos foram encontrados, alguns deles constituindo parte de antigos arruamentos, como as ruas do Arco de D. Teresa e do Arco do Caranguejo. Sob esta última estava um sistema de escoamento de águas residuais que estaria ligado aos edifícios que flanqueavam a rua. Tal como em outros locais da cidade, também os níveis relacionados com o terramoto estão associados a grandes derrubes de paredes e telhas que apresentam claras evidências de incêndio (Gomes, Ponce e Filipe, 2017). Na antiga Rua do Arco de D. Teresa, foi identificada uma calçada de seixos rolados sobre a qual foi recolhido algum espólio (Fernandes e Calado, 2017). Nesta zona também foi encontrado um poço, onde foi recuperado um conjunto de faiança seiscentista (Bargão, Ferreira e Silva, 2021).

No Palácio dos Condes de Penafiel, ali bem perto, foram recuperados relevantes conjuntos cerâmicos, tanto nacionais como importados, além de azulejos e outros artefactos (Henriques, 2012; Bargão, Ferreira e Silva, 2017; Lopes e Mesquita, 2020).

O terramoto de 1755, como em muitos espaços da cidade, provocou graves danos na Sé de Lisboa. Além de ter ruído a torre sul da sua fachada principal, o colapso da torre sineira sobre o cruzeiro levou à destruição da abóbada da nave e de toda a capela-mor, assim como dos túmulos reais de D. Afonso IV e de D. Beatriz, e da urna com as relíquias de São Vicente, que se encontravam nesta última. Reerguida num estilo arquitetónico bastante distinto, a capela-mor é revestida por estuques coloridos que até aos inícios do século XX existiam em todo o interior do edifício (Castilho, 1975). Para além da capela-mor, esta decoração subsiste atualmente apenas em alguns locais, nomeadamente na escadaria de acesso ao Tesouro da Sé, instalado na torre sul reconstruída. Quanto à torre sineira que existia por cima do cruzeiro, aquela não foi reposta, subsistindo, no entanto, alguns dos capitéis/mísulas que a integravam.

Nos claustros, afetados acima de tudo pelos incêndios subsequentes ao sismo, na Capela de Nossa Senhora da Piedade da Terra-Solta (local onde foi fundada a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa), durante anos manteve-se, queimado, um altar de embrecha-

dos de estilo florentino que viria a ser desmontado no âmbito das obras realizadas na década de 30 do século XX (Castilho, 1975).

Do ponto de vista arqueológico, os vestígios de Época Moderna são muito escassos na Sé de Lisboa. Tal não é de forma alguma estranho, pois, com exceção da área dos claustros, não tiveram lugar quaisquer trabalhos arqueológicos no interior do templo. As escavações que ali têm tido lugar são no espaço ajardinado definido pelos claustros, galerias porticadas edificadas no início do século XIV que desde então poucas alterações sofreram, uma vez que esta parte do complexo da Sé não foi danificada pelo terramoto, como já referido. Em datas mais recentes, até inícios do século XX, existiram nessa parte central ajardinada algumas construções abarracadas (Castilho, 1975), mas estas não afetaram grandemente o subsolo, tendo sido demolidas durante as obras de reabilitação levadas a cabo pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nos anos 40. Aterros aqui presentes na sequência do sismo foram igualmente retirados naquele âmbito (Castilho, 1975).

Ocorreram alterações em Época Moderna nas capelas claustrais, acima de tudo do ponto de vista decorativo, como o altar de embrechados, atrás mencionado. Porém, não tendo ocorrido qualquer escavação no interior daquelas, não é possível acrescentar mais dados.

Junto da Sé de Lisboa, existem outros espaços que nos contam um pouco mais sobre como era a cidade antes do terramoto. No adro daquele templo, nos anos 90, a construção de uma instalação sanitária subterrânea possibilitou a descoberta da fachada de um edifício que fora preservada pelo facto de a área ter sido aterrada no âmbito da reconstrução da cidade, regularizando assim a plataforma que constitui o atual largo existente. Esta edificação, a qual se conserva em vários metros de altura, permite perceber que se trataria de um espaço com piso térreo e um piso sobradado acessível por meio de uma escada de que restam alguns vestígios (Fernandes, 1996; 2016; 2017a). A dimensão da construção também revela como em alguns locais da cidade os trabalhos de aterro



Fig. 6 — Interior da fachada de edifício encontrado no Largo da Sé (foto do autor, 2019).

foram substanciais, atingindo, na face sul do Largo da Sé, uma diferença de cota de quase 10 metros.

Ali perto, no Largo de Santo António, foram também identificadas algumas estruturas (Vale e Fernandes, 1994; Fernandes, 1996).

Continuando a subir pela Rua Augusto Rosa, pelo lado norte da Sé, do lado esquerdo fica o edifício da antiga prisão do Aljube. Os trabalhos arqueológicos ali realizados, tendo em vista a recuperação daquele espaço onde hoje funciona uma instituição museológica, permitiram aferir que no século XV já era usado como cárcere. A escavação de uma área que corresponderia a um pátio desaparecido ofereceu espólio muito variado do ponto de vista cerâmico (Santos, 2008; Amaro et al., 2013; 2016), mas também no que respeita a objetos produzidos em osso animal (Ferreira, 2005/2006). Foram também recolhidos sedimentos que permitiram a elaboração de um estudo arqueobotânico (Queiroz, Mateus e Pereira, 2005).

No âmbito da reconstrução da cidade, o alargamento da rua a norte da Sé, fronteira ao edifício do Aljube, obrigou à demolição da fachada deste último edifício, cuja configuração atual remonta aos inícios do século XIX. Sobre a porta principal está a pedra de armas de D. António de São José de Castro, bispo do Porto entre 1798 e 1814, que custeou aquelas obras. Em 1808, este havia sido eleito pelo Cabido da Sé de Lisboa para o lugar de cardeal-patriarca, mas essa nomeação nunca chegou a ser confirmada pela Santa Sé.

Logo a seguir ao Aljube está o Museu do Teatro Romano, onde diversas campanhas de escavações permitiram a identificação de variados contextos (Fernandes, 2013). Na verdade, este edifício corresponde ao antigo Celeiro da Mitra, erguido no século XVII. No piso térreo, resultando de obras de adaptação efetuadas na segunda metade do século XVIII, estavam as cavaliças da Sé (Fernandes e Almeida, 2012).

Os trabalhos arqueológicos ocorridos neste espaço forneceram diversos dados para o estudo da evolução urbanística desta área antes do terramoto de 1755 (Fernandes, Almeida e Loureiro, 2014; Fernandes e Grilo, 2020; Fernandes e Almeida, 2021). Entre outros achados, foi identificada uma casa, organizada em três pisos, da qual subsistem vários elementos, em particular arcarias e uma escadaria de dois lanços com um patamar entre eles, decorado com embrechados (talvez reutilizado de outra construção) (Fernandes e Almeida, 2012; Fernandes, 2015; 2017b; 2018). Na parte inferior deste edifício, carbonizados devido ao incêndio que o terá destruído, foram descobertos restos de fardos de centeio, permitindo perceber que este espaço seria reservado para o armazenamento de comida para animais que estariam instalados nas proximidades (Fernandes e Almeida, 2012; 2021; Tereso e Fernandes, 2021a; 2021b). Em relação aos pisos superiores, tendo em conta alguns dos objetos recuperados, tudo parece indicar que corresponderiam a espaços residenciais (Fernandes e Almeida, 2012; 2021).

As ruínas do Teatro Romano, situadas a norte do museu, foram localizadas durante a reconstrução da cidade após o terramoto. Esse recinto de espetáculos, erguido no início do século I e reformulado algumas décadas depois, funcionou durante várias centúrias, sendo paulatinamente abandonado no século VI, acabando por ser esquecido, e sendo redescoberto após o sismo. Verificou-se uma situação semelhante com as antigas Termas dos Cássios, que se encontram um pouco mais para oeste.



Fig. 7 — Vista geral de estruturas de uma casa construída antes do terramoto de 1755, que se encontra no Museu de Lisboa — Teatro Romano (foto do autor, 2011).

Outros achados, também de várias cronologias, ocorreram igualmente na Rua da Saudade, muito próximo do local onde se encontram as ruínas do Teatro Romano (Prata, Dias e Cuesta-Gómez, 2013).

Continuando a subir pela Rua Augusto Rosa, no Largo de São Martinho subsistem apenas alguns elementos arquitetónicos da antiga igreja paroquial dessa invocação, que seria definitivamente demolida no século XIX. No entanto, em trabalhos arqueológicos ali ocorridos foram identificadas várias sepulturas que estariam no interior daquele templo (Brazuna e Antunes-Ferreira, 2007). Ali bem perto, o edifício onde funcionou a Cadeia do Limoeiro terá sofrido grandes danos devido ao terramoto, mas desconhecem-se quaisquer referências a achados arqueológicos no processo de adaptação às atuais funções¹⁵, sendo provável que tenham sobrevivido alguns componentes arquitetónicos (Castilho, 1937).

No topo da Colina de São Jorge, cujo nome se deve a uma igreja, hoje desaparecida, que existiu nas proximidades da Sé (Sucena, 1986), está o Castelo. Esta estrutura fortificada, que corresponde à antiga alcáçova medieval, foi alvo de um projeto de reabilitação iniciado nos anos 90, o que levou à realização de trabalhos arqueológicos em vários dos seus espaços. Entre aqueles, destaca-se a área da chamada Praça Nova, onde estruturas de diferentes cronologias estão musealizadas. Da Idade Moderna podem ser vistos muros e pavimentos de alguns compartimentos do desaparecido Palácio dos Condes de Santiago, destruído pelo terramoto, e que correspondia ao antigo paço medieval dos bispos de Lisboa. Outras áreas da alcáçova foram também alvo de escavações, como o Palácio das Cozinhas, o Palácio do Governador ou o Caminho de Ronda, locais onde foram recolhidos numerosos artefactos, dos quais uma parte se encontra exposta no Núcleo Museológico do Castelo (Gaspar e Gomes, 2001; 2012; 2015a; 2015b; Gomes et al., 2003; Calado, Pimenta e Silva, 2003; Pimenta, Calado e Silva, 2008; Gaspar et al., 2009).

Além do castelo propriamente dito, na área da alcáçova também tiveram lugar outras descobertas (Gomes et al., 2009; Filipe et al., 2013; Joaquineto, 2017a; 2017b), assim

¹⁵ No edifício da antiga Cadeia do Limoeiro funciona atualmente o Centro de Estudos Judiciários.

como nas suas proximidades (Carvalhinhos, Mota e Miranda, 2017; Miguez e Sarrazola, 2017).

4.3. Da Graça à Mouraria

Subindo à Graça, no adro do mosteiro ali existente foram encontrados diversos vestígios, não só da necrópole, mas também da Muralha Fernandina que ali passa, limitando aquele espaço a sul (Fernandes, 2003; Manso e Oliveira, 2018). No interior da igreja e nos claustros também foram identificados contextos funerários, nomeadamente uma cripta revestida com azulejos (Cunha e Morgadinho, 1991; Barradas, Ferreira e Melo, 2018).

Descendo pela encosta norte da Colina de São Jorge, pela Mouraria, vários trabalhos arqueológicos na zona do Largo das Olarias permitiram a descoberta de vastas áreas de necrópole, mas também de estruturas associadas à produção oleira, nomeadamente os fornos (Marques, Leitão e Botelho, 2012; Nunes e Filipe, 2012; Castro et al., 2017; Ponce et al., 2017; Silva e Pinto, 2017; Matos, 2019; Oliveira, 2019; Paula, 2019; Nunes, 2020; Teixeira, Fragoso e Medeiros, 2020; Teixeira et al., 2021).

Outros contextos ofereceram igualmente espólio cerâmico, como sucedeu na Calçada de São Lourenço (Diogo e Trindade, 1997), na Travessa da Madalena (Trindade e Diogo, 1997), na Rua de São João do Outeiro (Diogo e Trindade, 1998), na área do Martim Moniz (Diogo e Trindade, 1999b; Filipe et al., 2021), no Largo dos Trigueiros (Bargão e Ferreira, 2013; Caessa et al., 2016) ou junto ao Largo da Severa (Caessa, Marques e Mota, 2017).



Fig. 8 — Vista geral de fornos localizados no Bairro das Olarias (cortesia de Anabela Novais de Castro).

No Largo Adelino Amaro da Costa, perto da Igreja de São Cristóvão, templo que resistiu ao terramoto de 1755, foram encontrados outros vestígios também da Idade Moderna, nomeadamente os restos de uma escadaria que terá pertencido a uma casa destruída pelo sismo (Diogo e Trindade, 1995a).

4.4. Pela Baixa até às Portas de Santo Antão

Devido às mais variadas intervenções no espaço urbano, a Baixa Pombalina é uma das áreas onde ocorreram mais trabalhos arqueológicos nos últimos anos. Entre a construção de parqueamentos subterrâneos, linhas do metropolitano, reabilitação de edifícios ou de infraestruturas e arruamentos, exemplos não faltam.

Correspondendo ao antigo arrabalde ocidental da cidade medieval, esta zona foi-se tornando economicamente mais relevante com o desenvolvimento da área portuária e também uma das mais populosas ao longo da Idade Moderna. Devido a vários aspetos, foi a mais destruída em 1755. Tal situação deve-se ao facto de estar erguida sobre uma área de aluviões e sedimentos consolidados no esteio de um antigo braço do Rio Tejo, que se estendia até à zona do Rossio (Almeida, 2004; Pais et al., 2006) e que ao longo da Idade Média foi sendo assoreado, até ser definitivamente encanado no reinado de D. Manuel I (1495-1521). Esse substrato geológico, também presente na frente ribeirinha, levou a que grande parte dos edifícios ali existentes tivesse sido duramente afetada pelo terramoto, ficando quase todos eles totalmente arruinados, inviabilizando a sua reutilização (Aires-Barros, 2001, p. 100). Ao impacto do sismo juntou-se o dos incêndios que, após o primeiro abalo, rapidamente se propagaram um pouco por toda a cidade, principalmente na Baixa e nas colinas de São Jorge e de São Roque, desde a frente ribeirinha até às zonas do Castelo e do Chiado. Além de lareiras e fornos, sendo o primeiro de novembro dia de festividades religiosas por excelência, os altares das igrejas e oratórios estavam cheios de velas, o que também facilitou a rápida progressão das chamas.

Cerca de duas horas após os primeiros abalos, uma nova catástrofe afetou a frente ribeirinha e também a parte da baixa da cidade. Segundo a maioria dos relatos, três enormes ondas varreram toda esta área (Araújo, 2005). Tendo em conta a topografia da Baixa, altamente irregular e labiríntica, como mostra a cartografia da época (Murteira, 2004), é pouco provável que as águas tenham chegado ao Rossio como é referido por alguns desses relatos. Se tal tivesse ocorrido, provavelmente muitos dos incêndios que lavravam na Baixa teriam sido apagados, o que não sucedeu, e as massas de água em causa iriam encharcar grande parte da área, impossibilitando igualmente a progressão das chamas, o que infelizmente também não ocorreu.

A reconstrução desta parte da cidade impôs um traçado retilíneo erguido sobre aterros e desaterros que regularizaram todo o vale da Baixa (Fernandes, 2004; Rossa, 2004; Henriques, 2004; Lima e Neto, 2017), com progressiva inclinação à medida que se aproxima do rio, possibilitando o escoamento das águas pluviais (mas também abrindo melhor caminho às ondas de futuros maremotos...). Embora já não esteja presente em alguns deles, todos os edifícios foram aqui construídos com a técnica da gaiola pombalina, erguida sobre grandes maciços de alvenaria assentes numa grade de madeira articulada

com um sistema de estacaria em pinho verde que permite uma maior estabilidade do solo e resistência estrutural em caso de sismo (Mascarenhas, 2002; Tobriner, 2004; Bugalhão, 2021). Este sistema antissísmico é construído em madeira com grandes cavilhas metálicas, sendo alguns elementos da gaiola pombalina ainda visíveis em vários espaços reabilitados onde hoje funcionam estabelecimentos comerciais. No Núcleo Museológico da Rua dos Correios é possível observar restos de uma grade, assim como algumas estacas *in situ*, o que também sucedeu durante a intervenção arqueológica no quarteirão da Igreja de São Julião, como já referido, e na Praça da Figueira, no âmbito das obras do Metropolitano de Lisboa, em 1959/1960 (Moita, 1964/1966).

Foi precisamente no âmbito desta grande obra pública que, na Praça da Figueira, tiveram lugar os primeiros achados arqueológicos que testemunham a intensa ocupação humana daquele espaço desde a Idade do Ferro. No que a este artigo diz respeito, as estruturas relevantes são as fundações do Hospital Real de Todos-os-Santos, ali erguido a partir de 1492 (Moita, 1964/1966; 1972; 1993; Carmona, 1960; Leite, 1993; 2012; Pereira, 1993; 2020; Salgado, 2015; Taborda, 2020). Parte do diversificado espólio então recolhido nos vários contextos identificados foi exposta em 1992/1993, no Museu Bordalo Pinheiro, numa mostra que assinalou os 500 anos da fundação daquela instituição hospitalar (Pereira, 1993)¹⁶. Alguns desses artefactos estiveram depois na «Lisboa Subterrânea» (D'Intino, 1994, p. 255-258), estando atualmente integrados na exposição permanente do Museu de Lisboa — Palácio Pimenta (Sardinha, 1990/1992; Silva e Guinote, 1998).

A construção de um parque de estacionamento subterrâneo na Praça da Figueira, em 1999/2001, desencadeou uma nova campanha de escavações que permitiu localizar as fundações de mais alguns compartimentos do Hospital Real, nomeadamente dos seus claustros, e também de parte da horta e do cemitério (Cardoso, Casimiro e Assis, 2013; Assis, Casimiro e Alves-Cardoso, 2015; Casimiro e Cardoso, 2020; Alves-Cardoso et al., 2022). Desde então foram vários os estudos realizados sobre aqueles espaços, assim como acerca dos artefactos ali recuperados (Boavida, 2012; 2017c; Bargão, 2015; Silva e Leite, 2015; Silva e Rodrigues, 2015; Bargão e Ferreira, 2016; Oliveira e Silva, 2016; Baradas e Silva, 2017; Silva e Silva, 2017; Bargão et al., 2020; Bargão e Ferreira, 2020a; 2020b; Boavida e Coutinho, 2020; Bargão, Ferreira e Silva, 2021; Silva et al., 2021).

A instalação de uma ilha ecológica do lado sul da Praça D. Pedro IV (Rossio) levou à descoberta de restos do pátio de uma habitação ali existente, em estado de conservação significativo, tal como de relevante espólio, nomeadamente artefactos produzidos em madeira. O desenvolvimento da investigação sobre este sítio resultou numa exposição que esteve patente na Biblioteca Municipal Central/Palácio Galveias (Filipe e Henriques, 2018; Henriques e Filipe, 2020; Henriques et al., 2021).

Mais uma vez, como já sucedera com o edifício encontrado no Largo da Sé, a profundidade a que se encontram estes vestígios, neste caso a cerca de 2 metros, permite avaliar a quantidade de entulhos e detritos que foram utilizados para regularizar o terreno no âmbito da reconstrução da cidade após o terramoto. Porém, não se trata do mesmo

¹⁶ Esta exposição incluía uma maquete do Hospital Real de Todos-os-Santos elaborada por Carlos Loureiro a partir de desenhos de Carlos Ribeiro. Esta peça, que pertence ao património do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central / Unidade Local de Saúde São José, encontra-se presentemente exposta no Museu da Saúde.



Fig. 9 — Vista geral dos trabalhos arqueológicos na Praça da Figueira, em 1999/2001, vendo-se as fundações de diversos compartimentos e dos claustros do Hospital Real de Todos-os-Santos (seg. Silva & Silva, 2017).

tipo de aterros: se no Largo da Sé aquele resultou da criação de uma plataforma a meia encosta, tipo socalco, no caso do Rossio, estes aterros podem resultar do facto de não ter havido possibilidade, por escassez de meios e de mão de obra, assim como de acessos, para retirar os detritos que resultaram da destruição da Baixa, sendo então usados para regularizar o terreno.

A oeste da Praça D. Pedro IV, no Largo Duque de Cadaval, as obras do metropolitano na primeira década do século XXI implicaram a abertura de uma vala na qual foram reconhecidos diversos compartimentos com variados pavimentos e também o início de uma escadaria cujas paredes estavam revestidas com azulejos do século XVII (Barbosa et al., 2008; Casimiro e Barbosa, 2017; Casimiro, Almeida e Barbosa, 2018). Como o nome do local faz antever, trata-se de estruturas relacionadas com o Palácio dos Duques de Cadaval, que aqui existiu, tendo sido reconstruído após o sismo. Acabou por ser demolido nos finais do século XIX para dar lugar à Estação do Rossio (Araújo, 1993).

Um pouco mais para norte, na Rua do Jardim do Regedor, também foram localizadas algumas estruturas de cronologia moderna (Martingil, 2017), como ocorreu igualmente no Largo do Regedor, próximo do local onde seria o Palácio da Inquisição, destacando-se ali os restos faunísticos recuperados (Leónidas et al., 2021).

Em relação à Baixa Pombalina propriamente dita, os trabalhos arqueológicos desenvolvidos têm permitido reconhecer parte da sua evolução urbanística. Como é sabido, o atual traçado retilíneo imposto pela reconstrução da cidade após o terramoto veio sobrepor-se a um labirinto de arruamentos, topograficamente irregular, que os aterros e desaterros acabaram por eliminar (Amaro, Bugalhão e Ramalho, 1994).

Os achados são muito variados em termos estruturais, tendo ocorrido na Rua dos Correiros (Diogo e Trindade, 2000a; 2001a; 2008; Figueiredo et al., 2004; Ferreira et al., 2021), na Rua de São Nicolau (Diogo e Trindade, 2000b; Trindade e Diogo, 2001a), na Rua dos Bacalhoeiros (Fernandes et al., 2006; Batalha, Pinheiro e Santos, 2021), na Rua Augusta (Dias; Fernandes e Santos, 2021), na Rua do Comércio (Krus, Cameira e Martingil, 2017), na Rua da Prata (Oliveira et al., 2017) e na Rua da Vitória (Silva e Rosa, 2018), entre outras (Diogo e Trindade, 1995b; Marques e Santos, 1996; Trindade e Diogo, 1998; 2000; Trindade et al., 2001c; Santos e Marques, 2002b; Fernandes e Ferreira, 2004; Bugalhão e Teixeira, 2015; Sousa et al., 2021).

Entre os sítios intervencionados na Baixa Pombalina, destaca-se o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (NARC), não só pela diacronia temporal dos achados ali ocorridos, mas também pela dimensão da área analisada, que corresponde à quase totalidade de um conjunto de edifícios que constitui a sede de uma instituição bancária (Bugalhão, Sabrosa e Monteiro, 1994; Amaro, 1995; 2001; 2009; Bugalhão, 2015b; 2021). O local, como foi já referido, encontra-se musealizado e aberto ao público.

Da Idade Moderna, foi possível reconhecer parte do urbanismo ali existente, assim como alguns elementos estruturais (Ramalho, 2015a; Bugalhão, 2015c). O espólio recuperado é numeroso e muito diverso, incluindo, entre outros, variados tipos cerâmicos e objetos em vidro (Medici, 2011; Coelho e Bugalhão, 2015; Viana, 2015; Mangucci, 2015; Soromenho, 2015). Algumas peças mostram evidências de exposição a altas temperaturas, estando deformadas, muito provavelmente devido aos incêndios ocorridos na sequência do terramoto.

Em relação à reconstrução pós-terramoto, além da grade e da estacaria de pinho verde já mencionada, é possível ver também no NARC algo que se vai tornar frequente na Baixa na sequência daquele cataclismo. Em vários pontos da área musealizada, existem poços que, para além do abastecimento de água para consu-



Fig. 10 — Vista geral do pátio de uma casa, destruída pelo terramoto de 1755, encontrada no Rossio (seg. Henriques & Filipe, 2020).

mo, permitiam igualmente o acesso a esta em caso de incêndio. A base destes poços é constituída por uma moldura de madeira, articulada com a grade, sobre a qual depois era construído o poço em silharia. Estas não são as únicas estruturas erguidas para uma melhor proteção contra incêndios: o mesmo sucede com as chamadas paredes corta-fogo existentes nos telhados de muitos dos edifícios desta área da cidade e não só. Estas não são mais do que um prolongamento em altura das paredes principais que separam os vários edifícios, com o objetivo de impedir que um incêndio se pudesse propagar através dos telhados.

Imediatamente a sul do NARC, no âmbito das obras de reconstrução da Baixa, foram reencontradas as Galerias Romanas da Rua da Prata, tal como havia sucedido com o Teatro Romano e as Termas dos Cássios. Estas galerias, que estão normalmente inundadas, foram usadas, durante o século XIX, como cisterna. Além disso, serviram de fundação aos edifícios que aqui foram erguidos na segunda metade do século XVIII, por cima desta relevante construção datada do século I. Neste local, as estruturas pombalinas estão imediatamente sobrepostas a outras de construção islâmica, separadas apenas por uma fina camada de cinzas e carvões. Este facto, ao contrário do que sucedeu em outras áreas da cidade, parece evidenciar que aqui teve lugar um desaterro no âmbito da reconstrução pombalina que terá eliminado os contextos pós-medievais existentes (Caessa, Nozes e Mota, 2018).

No quarteirão constituído pelo antigo Convento do Corpus Christi, também tiveram lugar várias descobertas, entre elas a necrópole que existia originalmente no tardo da Igreja de São Nicolau (Santos, 2004; Ribeiro, 2013). Muito arruinada pelo terramoto, esta igreja foi totalmente reconstruída, mas, em vez de manter a sua orientação com a cabeceira virada para leste, esta passou a estar virada para su-sudeste (Araújo, 1993).

4.5. Pela Colina de Sant'Ana

Esta área da cidade deve o seu nome a uma ermida do século XVI com a invocação de Santa Ana. Foi junto desse templo que foi criado um recolhimento, mais tarde convertido em convento, com o mesmo orago. Reconstruído após o terramoto, o Convento de Sant'Ana viria a ser demolido nos finais do século XIX para dar lugar ao Real Instituto Bacteriológico Dr. Câmara Pestana (Araújo, 1993). No âmbito daquelas obras, foram recolhidas variadas peças de cerâmica fina vermelha e de olaria pedrada que foram entregues ao então Museu Etnológico Português¹⁷, cujas coleções ainda hoje integram (Sardinha, 1990/1992; Martins, 2000; Etchevarne e Sardinha, 2007).

Um século depois, a desativação daquele instituto para reutilização do espaço para novas instalações da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa levou à adaptação de alguns dos edifícios do complexo, assim como à demolição de outros e à construção de um estacionamento subterrâneo. Decorreram então duas campanhas de trabalhos arqueológicos durante os quais foram identificados variados elemen-

¹⁷ Atual Museu Nacional de Arqueologia, instalado desde 1906 no Mosteiro dos Jerónimos, em Belém.

tos estruturais da antiga casa religiosa que ali existiu, nomeadamente as fundações da área da igreja, claustros e portaria, além de uma cisterna e vários poços.

São inúmeros os artefactos recolhidos, tal como as matérias em que aqueles foram produzidos. Além das habituais cerâmicas de variada tipologia, foram recuperados objetos em vidro, ligas metálicas, matérias animais e restos faunísticos (Gomes e Gomes, 2007; Gomes et al., 2013; Gomes, Gomes e Casimiro, 2015; 2016; Gomes, Gomes e Gonçalves, 2017; 2020; Almeida, Gomes e Gomes, 2018; 2020; Gonçalves, Gomes e Gomes, 2020; 2021). Foram igualmente reconhecidos vários espaços de necrópole deste antigo cenóbio (Antunes-Ferreira, 2022; Gomes et al., 2022).

As sepulturas exumadas no espaço do antigo adro da igreja do Convento de Sant'Ana estariam igualmente associadas àquele templo, sede de paróquia, e não — conforme foi defendido pelos responsáveis pela escavação destes enterramentos (Filipe e Figueiredo, 2007) — ao colégio jesuíta de Santo Antão-o-Novo, atual Hospital de São José, com a cerca do qual confrontava.

No Campo dos Mártires da Pátria, a construção de um parque de estacionamento subterrâneo permitiu a localização da Galeria de Sant'Ana, subsidiária do Aqueduto-geral das Águas Livres, que ali se encontra na sua fase final de percurso até ao Hospital de São José. Outros troços e ramais foram igualmente encontrados recentemente com o apoio de cartografia antiga e levantamentos no terreno, como aliás já havia sucedido com as restantes galerias subsidiárias (Santos e Costa, 2018; 2020).

Em obras de reabilitação de algumas áreas do Palácio Centeno, antiga Casa das Aça-fatas da Rainha de Inglaterra, D. Catarina de Bragança, foram exumados diversos restos faunísticos, o que permitiu o estudo da alimentação da comunidade que ali residiu no final do século XVII (Davis, 2009). No quarteirão imediatamente a norte, no âmbito da reabilitação e reconversão do Palácio Silva Carvalho, na área do jardim, foram localizadas variadas canalizações ligadas a uma cisterna revestida com azulejos (Sá e Silva, 2022).

Nas proximidades, na Rua Rafael Andrade, foi identificado um contexto de lixeira dos séculos XVII e XVIII, associada a uma estrutura negativa, onde predominavam os objetos em cerâmica dita comum, além da presença frequente de argamassas e materiais de construção, assim como carvões e outros elementos orgânicos (Brito e Barbosa, 2012).



Fig. 11 — Estruturas anteriores ao terramoto de 1755 encontradas na Encosta de Sant'Ana (seg. Leite, 2014).

Na chamada Encosta de Sant'Ana, virada para o Largo do Martim Moniz, no local de um empreendimento da EPUL (Empresa Pública de Urbanização de Lisboa), embora aquele espaço seja mais conhecido pelos achados pré-históricos, também foram ali identificados contextos de Época Moderna (Muralha, Costa e Calado, 2011; Casimiro, 2011). Recentemente, um pouco mais para sul, foram encontrados outros contextos de Época Moderna (Antunes et al., 2021).

4.6. Subindo pela Colina de São Roque, Passando pelo Carmo

Nesta colina, o principal destaque vai para as antigas casas religiosas que desde o século XIII aqui se foram instalando. A mais recente delas, criada em meados do século XVII, era a Casa do Espírito Santo da Pedreira, edifício que foi depois ocupado pelos Grandes Armazéns do Chiado e que pertenceu à Congregação do Oratório. No início dos anos 90, no âmbito da reconstrução daquele edifício após o incêndio do Chiado, foram reconhecidos vários elementos arquitetónicos que integravam os espaços daquele complexo religioso. Entre aqueles destacam-se as arcarias dos claustros, assim como parte da necrópole existente no átrio da antiga igreja (Ramalho e Viegas, 1994; Ramalho, 2016).

Antes de se instalarem no edifício da Pedreira, em 1674, os oratorianos já tinham residido não muito longe dali, perto da Capela Real, no Pátio das Comédias. Aquele espaço, adaptado a igreja por padres dominicanos irlandeses que em 1668 se mudaram para o Corpo Santo, foi a primeira Casa do Oratório em Portugal (Correia, 2021). Religiosos de Santo Agostinho, que para ali foram depois, instituíram então o Convento da Senhora da Boa Hora, que viria a ser arrasado pelo terramoto, como aliás sucedeu com muitos edifícios desta zona da cidade. O convento reconstruído teve diversas utilizações após a extinção das ordens religiosas, a última das quais enquanto tribunal. Terá sido durante obras no âmbito dessa função que um conjunto osteológico humano, certamente proveniente de uma área de necrópole associada aos usos religiosos daquele espaço, foi deslocado para um vão de escada (Lourenço et al., 2022).

Subindo a colina, a pouca distância ficava um dos maiores conventos de Lisboa, São Francisco da Cidade. Além da igreja, as dependências conventuais organizavam-se em diferentes pisos ao redor de vários claustros. O colapso da abóbada em 1755 provocou grande destruição daquele templo, tendo vitimado várias dezenas de pessoas. Com o fim das ordens religiosas, o complexo seria adaptado a outras funções. A igreja acabou por nunca ser reconstruída, sendo parte das suas cantarias reutilizadas, como já referido, na Igreja de São Julião; tendo as colunas da capela-mor sido reutilizadas na fachada do Museu Nacional de História Natural e Ciência (Santana, 2004). Durante algumas décadas, nas antigas dependências do Convento de São Francisco funcionou a Biblioteca Nacional, tendo-se ali reunido o espólio das antigas bibliotecas conventuais (Rema, 2005; Barata, 2019), assim como inúmeras peças artísticas de idêntica proveniência que hoje integram as coleções do Museu Nacional de Arte Antiga (Henriques, 2003).

Este enorme complexo conventual é hoje maioritariamente ocupado pela Faculdade de Belas-Artes, pela Academia Nacional de Belas-Artes e pelo Museu Nacional de Arte Contemporânea/Museu do Chiado. Obras de requalificação deste último nos anos 90

permitiram a identificação de diversas abóbadas, cantarias e pavimentos, além de algumas estruturas industriais (Amaro, Ramalho e Lourenço, 1995; Ramalho e Sequeira, 2017a). No interior de uma cisterna, ao que tudo indica construída no século XVI, foi recuperado diversificado espólio cerâmico que ali terá sido descartado em data em que aquela estrutura já não estaria operacional (Ramalho e Folgado, 2002; Ramalho, 2015; 2016; Torres, 2011; 2012; 2019).

Antes do terramoto, a sul deste complexo encontrava-se a Basílica dos Mártires, que viria a ser reconstruída junto da antiga Rua Direita de Santa Catarina, ao Chiado, atual Rua Garrett (Araújo, 1993).

Dois quarteirões para oeste ficavam o chamado Tesouro Velho e o Paço dos Duques de Bragança, que aqui residiram desde meados do século XVII até meados da centúria seguinte (Araújo, 1993). Estes dois edifícios seriam, como os demais, afetados pelo sismo que abalou a cidade em 1755, ficando muito arruinados. O Paço dos Duques, assim como outras casas nobres desta área, foi abandonado, mas no Tesouro as zonas de armazéns parecem ter sido poupadas. Ambos os espaços seriam ocupados por várias famílias que, de forma muito precária, ali se instalaram até 1841, data em que um enorme incêndio acabou por destruir a totalidade das ruínas, abrindo caminho à reorganização urbanística daquela área (Castilho, 1937). O edifício erguido no local do antigo palácio veio a ser a sede da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) durante o Estado Novo. Obras no edifício da antiga garagem revelaram algumas estruturas pré-terramoto, em particular uma calçada de seixos rolados que poderia estar associada a cavaliças (Neto, 2005).

Sondagens arqueológicas realizadas em vários edifícios nesta rua permitiram localizar restos de fundações de outras construções que lhes são anteriores. Uma vez que o



Fig. 12 — Arcaria encontrada durante as escavações ocorridas no edifício dos Grandes Armazéns do Chiado (cortesia de Maria Ramalho).

lanço poente da Muralha Fernandina limita esta área, este foi utilizado como fundação para muitas destas estruturas que, por vezes, foram erguidas em taipa (Mata, Neto e Rebelo, 2017; Neto, Rebelo e Mata, 2017).

O edifício do Tesouro foi reconstruído em meados do século XIX, dando lugar ao famoso Hotel Bragança, que funcionou até aos anos 30 da centúria seguinte. Uma intervenção arqueológica recente, no âmbito da reabilitação deste edifício, possibilitou o reconhecimento da evolução estrutural do mesmo, no qual se preserva a estrutura da gaiola pombalina, mas também parte significativa do seu piso inferior no que respeita às abóbadas e compartimentação. Foi igualmente identificada uma possível cisterna (Neto, Rebelo e Mata, 2017; Bolila e Neto, 2022).

Subindo pela Rua Nova da Trindade, onde foi encontrada uma cozinha da Idade Moderna, na qual foi recuperado relevante espólio do século XVI (Casimiro et al., 2021), chega-se ao Largo Rafael Bordalo Pinheiro, onde ficava o antigo Convento da Santíssima Trindade. Este cenóbio de fundação medieval, tal como o seu vizinho de que falaremos em seguida, ficaria na origem de uma expressão sempre associada ao terramoto — «Caiu o Carmo e a Trindade». Efetivamente, estes dois complexos religiosos foram muito danificados, mas os elementos arquitetónicos sobreviventes demonstram que talvez os danos não tenham sido tão catastróficos, sendo as demolições após o fim das ordens religiosas bem mais gravosas para todo este edificado (Gil, 2016). Parte das fundações da antiga Igreja da Trindade foi reconhecida durante as obras de reabilitação urbana do Largo Rafael Bordalo Pinheiro (Filipe, 2013).

As ruínas da Igreja do Carmo constituem um monumento incontornável à memória do terramoto. Ali, assim como na área envolvente ao antigo Convento do Carmo, tiveram lugar diversos trabalhos arqueológicos ao longo das últimas décadas. Os mais antigos remontam ainda aos anos 80 e ocorreram numa das criptas da segunda capela do lado da epístola (Neto, Serrão e Santana, 1993; Lopes e Neto, 1999). Ali foram identificados alguns indivíduos sepultados, tendo sido reconhecidas evidências de um possível caso de sífilis (Lopes e Cardoso, 2000; Codinha, 2002).

Só alguns anos mais tarde, em meados dos anos 90, no âmbito da construção dos túneis do Metropolitano de Lisboa sob a cabeceira da igreja, foi realizada uma intervenção integral naquela área, incluindo a zona do transepto e parte da nave. Foram então escavadas as várias criptas das capelas, incluindo a associada ao túmulo de D. Nuno Álvares Pereira (fundador da igreja e do Convento do Carmo), no interior da qual foi recuperado um selo de chumbo que estaria associado a uma bula papal. Numa outra cripta foi encontrada uma prótese de um dedo polegar em prata, assim como diverso espólio funerário. Em quase todas as capelas, foram igualmente recolhidos restos de vidro fundido/derretido, assim como de caixilharias em chumbo dos vitrais da igreja que terão sido destruídos pelo terramoto e incêndios subsequentes (Ferreira, 1999, 2002; Cunha, Ferreira e Neves, 2000; Ferreira e Neves, 2005).

No espaço exterior da igreja, do lado sul, no chamado Corredor do Carmo, foi possível localizar uma escadaria que dali descia até Valverde¹⁸ (Ferreira e Neves, 2002).

¹⁸ Esta designação deve-se à Ribeira de Valverde, uma das ribeiras que, vinda da zona da Avenida da Liberdade, desaguava no antigo esteio do Tejo, que se estendia até à área do Rossio. A outra ribeira percorria o vale de Arroios, chegando ao Rossio pelo lado do Martim Moniz.



Fig. 13 — Fundações da Capela do Santo Cristo Cativo, no adro sul da Igreja do Carmo (cortesia de António Marques).

O arranjo desta área, integrado no projeto de reabilitação da zona afetada pelo incêndio do Chiado ocorrido em 1988, permitiu a realização de novos trabalhos e também de novas descobertas, tanto no tardo da cabeceira da Igreja do Carmo como no seu adro sul e no designado Pátio B. Este último consiste num logradouro de onde, por meio de uma escadaria, é possível ter acesso à Rua Garrett. A intervenção teve lugar em várias fases, entre 2008 e 2013, sendo os dois últimos anos aqueles que permitiram um maior número de achados, que em parte permanecem inéditos. Destes destacam-se, entre outros, uma extensa área de necrópole, as fundações do Hospital da Ordem Terceira do Carmo e as ruínas da Capela do Santo Cristo Cativo, desaparecida no âmbito das obras de reconstrução da Igreja do Carmo, que nunca foram concluídas devido à extinção das ordens religiosas em 1834 (Marques e Bastos, 2013; Pinheiro, 2015; Alves et al. 2017; Mimoso et al., 2020; Marques e Santos, 2022).

Obras ocorridas na Igreja de São Roque, Casa Professa da Companhia de Jesus, possibilitaram a descoberta das fundações da antiga ermida daquela invocação, ali existente junto ao cemitério criado fora de portas aquando da peste de 1505 (Ramalho et al., 1999; Ramalho, 2016; Ramalho e Sequeira, 2017b).

Trabalhos de recuperação e reabilitação do Palácio dos Lumiares, junto ao Miradouro de São Pedro de Alcântara, permitiram igualmente o reconhecimento de alguns contextos de Época Moderna (Filipe, 2006).

4.7. Das Portas de Santa Catarina, pelas Chagas, até à Esperança

Poucos anos após a Guerra da Restauração, o marquês de Marialva mandou erguer a sua residência no quarteirão hoje definido pela Praça Luís de Camões, do lado exterior das Portas de Santa Catarina. Este edifício foi muito danificado pelo terramoto de 1755, tendo ficado arruinado. No meio dos escombros veio a falecer o embaixador espanhol, o conde de Peralada, que ali se encontrava alojado (Chantal, 2005).

Reocupado de forma precária, aquele espaço ficou conhecido na Lisboa do início do século XIX como os Casebres do Loreto, até ser definitivamente demolido para dar lugar à atual praça. A memória daqueles seria retomada no início do século XXI, quando foi decidido construir um parque de estacionamento subterrâneo. As escavações que então foram levadas a cabo permitiram perceber que parte significativa das estruturas do piso térreo do palácio tinha sido preservada devido aos aterros para a construção da praça (Fernandes e Marques, 2003; Marques e Fernandes, 2006; Santos, 2006). Além de terem sido reconhecidos vários compartimentos, muitos deles com revestimentos azulejares e pavimentos em lajes de pedra, foram igualmente identificados contextos da ocupação pós-terramoto (Mota, 2006), além de uma grande diversidade de artefactos que fariam parte das vivências quotidianas daquele espaço (Torres, 2007; 2012; Miguel, 2009; Pinto, 2009; Ferreira e Medici, 2010; Calado et al., 2013). Alguns dos achados permanecem em exposição no parque de estacionamento subterrâneo que ali foi construído.

Seguindo pela Rua do Loreto até ao Calhariz, cortando depois à esquerda pela Rua Marechal Saldanha, chega-se ao Alto de Santa Catarina. Neste local, onde hoje se encontra o edifício do Museu da Farmácia, existiu a igreja daquela invocação, que pertencia à



Fig. 14 — Aspeto de estruturas encontradas no âmbito dos trabalhos arqueológicos ocorridos na Praça Luís de Camões (seg. Marques & Fernandes, *apud* Leite, 2014).

confraria dos livreiros. O templo, que foi duramente afetado pelo terramoto, depressa seria reconstruído, acabando por ser mais uma vez destruído por um incêndio em 1835. A sede da paróquia seria então transferida para a Igreja de São Paulo da Serra de Ossa (Calçada do Combro), onde ainda permanece. Por iniciativa do proprietário da Metalúrgica Vulcano e Colares, a partir de 1862, no local onde existiu a Igreja de Santa Catarina foi construído o atual edifício (Cortez, 1994). Nos anos 90 do século XX, durante as obras de reabilitação deste para instalação do Museu da Farmácia, foram identificadas algumas fundações do antigo templo, assim como várias sepulturas da sua área cemiterial (Bugalhão e Duarte, 2003).

Durante uma intervenção arqueológica ocorrida num edifício da Calçada do Combro, foram reconhecidos restos de pavimentos de tabuado, assim como derrubes de telhas com algum espólio associado (Martingil e Almeida, 2021).

O processo de urbanização da área do Bairro Alto de São Roque, embora iniciado nas primeiras décadas do século XVI, na então Vila Nova de Andrade, vai-se estender igualmente pela Encosta dos Cardais. Nesse âmbito, destaca-se a construção do Convento de Jesus, onde atualmente se encontram a Academia das Ciências de Lisboa e o Museu Geológico e Mineiro. Trabalhos arqueológicos nos claustros daquela antiga casa religiosa permitiram localizar as sepulturas dos frades que ali residiram, mas também inúmeros restos osteológicos humanos que se considerou resultarem do terramoto de 1755, tendo sido ali sepultados de forma pouco cuidada face à emergência da situação. Além de estudos monográficos (Antunes e Cardoso, 2005; Cardoso, 2008; 2011) e do roteiro de uma exposição (Antunes e Cardoso, 2015), existe ainda um número das *Memórias da Academia* onde foram abordados muitos aspetos sobre estes achados (Antunes, 2011; Cardoso, 2011; Lourenço, 2011).

Fronteiro ao Convento de Jesus, no largo do mesmo nome, a construção de um parque de estacionamento subterrâneo possibilitou o reconhecimento de vários níveis de ocupação daquele espaço. Estruturas correspondentes a edifícios anexos ao Palácio Mendia, que ali se encontravam, demonstram que aquele largo não existia antes do terramoto (Santos, 2005; 2007; 2016). Nas suas proximidades terá existido uma olaria, como evidenciam os restos de grade de forno, assim como inúmeros fragmentos de peças descartadas por defeitos de produção (Cardoso e Batalha, 2017). Outro espólio foi ali recolhido, nomeadamente objetos em vidro, osso, marfim e diversas ligas metálicas (Boavida, 2017a; 2017b; 2020; Gomes, Casimiro e Manso, 2020; Gomes, 2021; 2022). No perímetro do Liceu Passos Manuel, foi também descoberto um poço que terá sido construído no século XVII, certamente para abastecimento das cercas conventuais próximas (Bolila e Neto, 2022).

Um pouco mais para sul, no Largo do Poço Novo, a reabilitação do Palácio Mesquitela possibilitou igualmente a recolha de diversificado espólio, além da identificação de restos de estruturas das várias adaptações ocorridas naquele edifício (Simão, 2010; Simão et al., 2020).

No decurso de trabalhos arqueológicos ocorridos no antigo Convento das Bernardas, local onde funciona atualmente o Museu da Marioneta, foram encontradas diversas sepulturas da comunidade que ali residiu (Duarte et al., 2001).

4.8. Para lá das Colinas, pelos Sítios e Lugares da então Periferia da Cidade

Apesar de os níveis de sensibilidade arqueológica não serem tão condicionantes fora do centro histórico de Lisboa, em alguns sítios, face à sua localização ou às suas características, foram desenvolvidos também trabalhos arqueológicos.

Assim, durante a construção da ETAR de Alcântara, uma vez que aquela se encontra instalada nas proximidades do Aqueduto das Águas Livres, classificado como Monumento Nacional desde 1910, também ali ocorreram escavações arqueológicas. Embora seja uma área que até há algumas décadas era muito pouco urbanizada, sendo acima de tudo ocupada por propriedades rurais agrícolas, não deixaram de ser encontradas algumas estruturas associadas àquelas, em particular um poço (onde foi recolhido variado espólio, nomeadamente faianças), mas também os restos de uma antiga casa de fresco com revestimento de azulejos e embrechados, que faria parte do jardim de uma quinta de recreio que ali existiu (Batalha e Cardoso, 2013; Batalha, 2022). Provavelmente em iguais circunstâncias estaria também uma fonte, decorada com embrechados, identificada nos Olivais (Valongo e Calado, 2013).

Trabalhos de recuperação de parte do antigo Convento do Santíssimo Sacramento à Pampulha permitiram a identificação de vários momentos da evolução arquitetónica daquele, assim como do uso das suas dependências, nomeadamente da igreja, coro, refeitório, casa do capítulo e claustros (Ramalho, 2011; 2015). Ali bem perto, em Alcântara, foram igualmente localizados vestígios associados ao Baluarte do Livramento, uma das poucas fortificações que sobrevive do plano gizado para defesa da cidade de Lisboa no âmbito das Guerras da Restauração (Trindade e Diogo, 2001b; 2003).

Mais para ocidente, na zona de Belém, também foram feitas algumas descobertas. A primeira daquelas corresponde ao antigo Palácio da Praia, identificado quando foi construído o Centro Cultural de Belém, no início dos anos 90. Aquele edifício erguido no século XVI sofreu poucos danos provocados pelo terramoto de 1755, tendo sido para ali que se deslocaram os marqueses de Marialva face à destruição da sua residência no Chiado. Reformulado no final do século XVIII, já na posse dos duques de Loulé, viria a ser demolido em meados do século XX (Amaro, 2012). No âmbito desta intervenção foi também localizado um extenso paredão/cais que aqui existiu (Amaro, 2012). Parte dessa estrutura foi remontada na exposição «Lisboa Subterrânea» (Amaro, 1994d).

Segmentos deste paredão, construído por iniciativa do rei D. Pedro II (r. 1683-1706), têm vindo a ser identificados nesta zona da cidade, pois constituía a antiga margem do rio até à criação dos aterros do século XIX. Em frente ao atual Palácio de Belém, associado a esse paredão, existia um cais que foi inutilizado durante as obras de construção desses aterros. Esse *Caes de Belém* terá sido o cenário do suplício dos Távora e também o local de onde partiu a família real para o Brasil, em 1807 (Antunes, 2019).

Sondagens realizadas nos claustros do Mosteiro dos Jerónimos permitiram encontrar parte das fundações dos tanques que ali existiram, construídos no século XVI, ainda visíveis em gravuras do século XIX, quando nas dependências daquela antiga casa monástica funcionava a Real Casa Pia de Lisboa (Ramalho, 2004).

A renovação do sistema de canalizações no edifício da Fábrica dos Pastéis de Belém levou à descoberta de uma sepultura que foi atribuída ao século XVI (Campanacho, Gonçalves e Duarte, 2014).

Subindo a encosta, no largo junto ao Palácio Nacional da Ajuda, no âmbito de um projeto de valorização daquele monumento e antiga residência régia, foram identificados vestígios da presença da Real Barraca, construção em madeira onde a Família Real viveu durante décadas após o terramoto. Foram igualmente encontradas evidências da Capela Real que estava associada àquela. Note-se que a torre sineira ali existente foi concluída em 1792, no âmbito da adaptação desta Capela Real para servir como Basílica Patriarcal, mostrando na parte superior a tiara e insígnias do cardeal-patriarca de Lisboa. Dois anos volvidos, a Real Barraca foi destruída por um aparatoso incêndio, obrigando à transferência da família real para o Palácio de Queluz. A Basílica Patriarcal foi poupada, mas seria extinta 40 anos depois, sendo posteriormente transferida para a Sé de Lisboa. A chamada Torre do Galo é, portanto, tudo o que resta deste complexo que incluía a Real Barraca e a sua Capela Real (Ramalho e Lopes, 2002).

Ainda no que diz respeito à periferia da cidade, embora do ponto de vista documental esteja referenciada a existência de um paço real e de uma residência dos bispos de Lisboa no sítio de Carnide, até há pouco mais de uma década as evidências dessa presença eram escassas. Este era um relevante local de peregrinação, primeiro do Círio da Senhora do Cabo Espichel e, mais tarde, a partir de 1463, das festas da Senhora da Luz, o que levou à criação de várias casas religiosas, mas também de diversas quintas de recreio.

Os trabalhos arqueológicos que aqui têm tido lugar, desde 2010, revelaram um número significativo de silos de provável criação medieval, quando esta era uma importante zona de produção cerealífera. Após a desativação destes, foram descartadas no seu interior quantidades massivas de lixos, da mais variada ordem, que têm permitido estudar diversos aspetos sobre o consumo e o gosto das populações locais ao longo da segunda metade do século XVI e início do seguinte (Diogo e Vital, 1998; Caessa e Mota, 2013; 2014; 2016; Monteiro e António, 2013; Monteiro e Cardoso, 2016; Boavida, 2017d; Casimiro, Boavida e Detry, 2017; Casimiro, Boavida e Moço, 2017; Boavida e Medici, 2018; Felício et al., 2017; Casimiro et al., 2018; Davis et al., 2018; Filipe e Henriques, 2018; Casimiro e Boavida, 2021a; 2021b; Casimiro, Moço e Boavida, 2021; Detry et al., 2021; Garcia, Caessa e Mota, 2022).



Fig. 15 — Vista geral de uma sondagem aberta nos claustros do Mosteiro dos Jerónimos, vendo-se as fundações de um muro de limite dos tanques que ali existiram (cortesia de Maria Ramalho).

A reabilitação do Palácio Sant'Ana, erguido no século XVIII no centro histórico de Carnide, revelou evidências dessa cronologia, assim como de outras anteriores (Batalha, Monteiro e Cardoso, 2021).

5. A Cidade Produtora e Consumidora

Em vários locais da atual Lisboa foram encontrados vestígios associados à produção oleira. Aqueles correspondem quase sempre a áreas de descarte de peças que, ou por defeito ou dano durante a cozedura, foram rejeitadas, como sucedeu na Rua de Buenos Aires (Batalha et al., 2012; 2016; Cardoso et al., 2019) ou na Rua das Madres (Krus e Manso, 2016). Recentemente, além dos fornos localizados no Bairro das Olarias, outros foram identificados na Rua das Portas de Santo Antão (Cardoso et al., 2017; 2019) e nas Escadinhas da Barroca (Henriques et al., 2019; 2021).

Por ora, ainda são raros os estudos de síntese sobre a cerâmica da Lisboa moderna, embora esta seja, sem qualquer dúvida, a tipologia material mais frequente na maioria dos contextos até hoje encontrados (exceção feita apenas no caso das necrópoles). Raros, mas não inexistentes. A tipologia e a designação das formas cerâmicas foram já analisadas e compiladas, nomeadamente para a cerâmica dita comum (Bugalhão e Coelho, 2017), o mesmo tendo sucedido para as faianças, sobre as quais foram identificadas as suas olarias (Sebastian, 2010). Têm sido apresentados igualmente alguns trabalhos de análise arqueométrica de vários tipos cerâmicos e também dos seus revestimentos (Dias, 2014; Dias et al., 2016; Ferreira, Machado e Casimiro, 2017).

A presença de cerâmicas importadas é igualmente frequente, sendo provenientes de vários centros oleiros europeus localizados nas atuais Espanha e Itália, surgindo em



Fig. 16 — Conjunto de peças em cerâmica (faiança, porcelana, majólica e com reflexo metálico), entre outros objetos de uso quotidiano provenientes dos silos do Largo do Coreto, Carnide (cortesia de Ana Caessa e Nuno Mota).

menor escala produções francesas e alemãs. Oriundas de vários locais do Extremo Oriente, as porcelanas são as mais comuns, embora também tenham sido reconhecidas, entre outras, produções em grés provenientes do porto de Martabão, na presente Birmânia/Myanmar (Simões, 2009; 2012; 2015a; Henriques, 2012; Gomes, Gomes e Casimiro, 2015; Ferreira et al., 2017; 2021; Torres, 2011; Casimiro, Boavida e Moço, 2017; Henriques e Filipe, 2021; Bargão, Ferreira e Dias, 2019; Ferreira, Bargão e Silva, 2019).

Algumas das peças encontradas na cidade, pelas substanciais diferenças de produção e acabamento, estariam associadas a comunidades providas de outros continentes, em particular as constituídas por escravos (Simões, 2015; Oliveira e Brochado, 2016; Casimiro et al., 2019; 2020; Henriques, 2021). A essas comunidades parece estar também associado o uso das contas de vidro do tipo *Chevron* (Rodrigues, 2003a).

Além de contentores e recipientes de cariz utilitário, nas olarias eram igualmente produzidos azulejos, dos quais existem milhares de exemplares recuperados um pouco por toda a cidade (Pais et al., 2018; Mimoso et al., 2019). Utilizados como revestimento parietal em espaços religiosos e/ou de aparato em contextos palatinos, os azulejos mostram diversas temáticas decorativas, onde predominam, até ao final do século XVII, os padrões geométricos, policromos, que a partir da centúria seguinte dão lugar aos painéis figurativos historiados, monocromos.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, houve também uma relevante tradição do uso de registos azulejares com imagens de santos (Lopes e Bastos, 2019). N.ª Sr.ª da Conceição, Santo António e São Marçal são os santos mais frequentes, sendo o último destes um dos mais populares, pois é o patrono contra os incêndios, que recorrentemente sucediam em áreas urbanas (Água, 2014; Lima e Neto, 2017). Após o terramoto, a popularidade destes santos mantém-se, embora, de forma fugaz, surjam outras invocações, nomeadamente São Francisco de Bórgia (patrono contra os terramotos) e N.ª Sr.ª das Barracas (protetora dos numerosos acampamentos de desalojados que foram criados após a tripla catástrofe).

Nas olarias também se fabricavam pequenos objetos com fins lúdicos, como os brinquedos ou apitos (Diogo e Trindade, 1999; Casimiro, Gomes e Gomes, 2019; Casimiro e Boavida, 2021b), ou figuras de vulto, normalmente imagens de santos (Silva, 2015; Bugalhão, 2021: 144), ou até mesmo elementos de presépios¹⁹. Exemplos deste último caso são também as imagens de Santo António em terracota, muitas vezes sem cabeça ou sem as mãos, que refletem tradições e crenças populares, visto que o santo era «castigado» tendo em vista a obtenção de algum favor por parte daquele, como arranjar casamento, ou o seu auxílio para solucionar algum problema, como encontrar algum objeto perdido. Peças deste tipo foram recuperadas no NARC e na Igreja de São Julião. No entanto, não podemos ignorar que, independentemente dessas práticas populares, o pescoço e as mãos das imagens são as partes mais frágeis daquelas, não sendo estranho que se pudessem facilmente danificar, sendo as imagens descartadas. Lembremos por exemplo, nesse mesmo âmbito, a imagem de uma santa em terracota, sem cabeça, encontrada na cerca do antigo Mosteiro de São Bento da Saúde (atual Assembleia da República)²⁰.

¹⁹ Ver «Fragmento de elemento decorativo». [Em linha]. [Consult. nov. 2018]. Disponível em WWW: <http://matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=1115590>.

²⁰ Esta peça está inédita, mas encontra-se presentemente em estudo por parte do autor deste artigo.

O consumo de objetos em vidro foi igualmente abordado de forma mais geral, com exemplos de peças recuperadas em vários sítios arqueológicos (Ferreira, 1997; Rodrigues, 2003a; 2003b; Medici, 2014; Coutinho et al., 2017a; 2017b, Filipe e Henriques, 2018), o mesmo tendo sucedido, ainda que por vezes de forma preliminar, para artefactos em diferentes matérias, como em metal, osso, marfim ou até mesmo restos de sementes (Mateus, 2003; Boavida, 2017b; Gomes, Casimiro e Manso, 2020; Manso, Casimiro e Gomes, 2021; Gomes, 2021).

6. Algumas Considerações

A exposição «Lisboa Subterrânea» foi, sem qualquer dúvida, um marco na história da arqueologia da cidade de Lisboa. Se por um lado, através do seu catálogo, permitiu uma sintetização de dados que se encontravam dispersos em inúmeros trabalhos de investigação feitos ao longo de várias décadas, por outro deu também a conhecer a realidade dos ambientes quotidianos ao longo da história da cidade e da região onde a mesma está inserida, através da mostra dos diversos artefactos descobertos pelas escavações arqueológicas até então realizadas.

Em 1994, eram escassos os dados conhecidos através da arqueologia no que dizia respeito à Lisboa da Idade Moderna, pelo que não é estranha a quase inexistência de referências àqueles na exposição. Esta «ausência» refletia acima de tudo uma realidade nacional, pois eram ainda poucos os trabalhos desenvolvidos para tais cronologias, panorama que só se começou a alterar mais tarde, mantendo-se presentemente o interesse nessas temáticas.

Nos últimos anos, a explosão imobiliária que se tem verificado em Lisboa permitiu um aumento exponencial dos trabalhos arqueológicos. Tal facto, aliado a um cada vez maior interesse sobre os contextos e materialidades da Idade Moderna, tem incrementado o conhecimento sobre as vivências quotidianas dessa cronologia na cidade, como o número de estudos apresentados em diversos congressos evidencia.

É frequente ser referido que os arqueólogos publicam pouco sobre aquilo que encontram. Em relação ao caso de Lisboa, em particular para a Idade Moderna, a extensa bibliografia deste artigo demonstra que não será bem assim. É certo que existe um número significativo de sítios referenciados no Portal do Arqueólogo cujos achados não foram divulgados, mas a maioria desses, salvo raras exceções, corresponde a locais em que a área intervencionada é diminuta ou em que nem sempre os vestígios identificados são considerados relevantes, visto que não é possível caracterizar de forma conclusiva o contexto em que foram encontrados. A maioria destas situações será, portanto, reportada através dos relatórios das escavações que, infelizmente, devido a vários condicionalismos, nem sempre foram entregues à tutela. Neste âmbito, cremos que seria também de grande valia que aqueles estivessem disponíveis para consulta *online*, através daquela plataforma gerida pela Direção-Geral do Património Cultural.

Outros locais, por terem sido incluídos na investigação de algum projeto, ou por interesse dos próprios arqueólogos que dirigiram as escavações, foram sendo publicados e divulgados. Quase sempre isso sucedeu através de dois ou três artigos, eventualmente

com uma monografia. Por vezes foram dados à estampa diversos trabalhos sobre as variadas tipologias materiais encontradas num determinado sítio arqueológico, que podem, em algumas ocasiões, ser alvo de exposição no âmbito da musealização destes locais.

Analisando a bibliografia agora compilada, o que parece ser mais evidente, embora nem sempre tal se verifique, é o facto de não existir grande interdisciplinaridade entre os arqueólogos e os especialistas de outras matérias. Há uma grande tendência para o desenvolvimento destas investigações apenas entre arqueólogos, o que sucede também com a sua divulgação, quase exclusivamente em congressos ou revistas da especialidade. Obviamente que esta situação é expectável, mas tem o lado perverso de a investigação levada a cabo por centenas de arqueólogos ser ignorada ou menosprezada por outras áreas científicas que, em muitas ocasiões, abordam questões para as quais as fontes arqueológicas têm dado relevantes contributos. Este problema, como é sabido, não é de todo exclusivo da arqueologia da Idade Moderna, ocorrendo também com frequência para outras cronologias.

Este isolamento disciplinar, aliado ao facto de parte da informação disponível nem sempre estar acessível ao público em geral, acaba por levar à ausência dos dados proporcionados pela investigação arqueológica quando se pretende fazer uma análise mais pormenorizada da vida quotidiana na cidade ao longo dos séculos.

No que diz respeito à divulgação das novas descobertas nas áreas da arqueologia e da história, há um outro aspeto preocupante, que é o facto de esse conhecimento normalmente só estar disponível nos livros de carácter geral 20 a 30 anos após a sua descoberta. Ora, se essa situação já era um problema há algumas décadas, nos dias de hoje, tendo em conta a velocidade a que a informação circula, quando esse conhecimento é vertido nessas publicações já se encontra desatualizado, muitas vezes até em contradição com os novos dados conhecidos.

Em 1994, face aos poucos conhecimentos de que se dispunha sobre a cultura material dos quotidianos da cidade de Lisboa na Idade Moderna, fazia sentido afirmar que «os arqueólogos publicam pouco». Contudo, será que nos dias de hoje, volvidos 25 anos, essa afirmação ainda é atual? Talvez as principais questões neste âmbito sejam, acima de tudo, para quem e onde publicam os arqueólogos para além do ambiente da sua disciplina. Obviamente, a resposta varia em função da relevância da descoberta que se pretende divulgar, mas na maioria dos casos, apesar da ampla divulgação que os *media* podem permitir, para quem não souber que essa descoberta ocorreu ela acaba por ser irrelevante e ignorada.

Por outro lado, embora a visibilidade social da arqueologia se tenha alterado em vários aspetos nas últimas décadas, persistem questões de fundo, não só do ponto de vista laboral e legislativo, mas também de reconhecimento público da importância do trabalho desenvolvido pelos arqueólogos para o conhecimento sobre as sociedades do passado. Ultrapassar estes problemas talvez seja o principal desafio da arqueologia nos dias de hoje.

Agradecimentos

Seria absolutamente impossível escrever este artigo sem o precioso e incansável trabalho desenvolvido, ao longo das últimas décadas, por centenas de arqueólogos e historiadores, entre outros investigadores e especialistas, que têm *contado* Lisboa. É para todos eles o primeiro obrigado.

Estes agradecimentos são extensíveis aos colegas e amigos que cederam imagens e informações adicionais, com alguns dos quais também troquei impressões sobre os dados aqui presentes: Alexandre Sarrazola, Ana Caessa, Ana Cristina Leite, Anabela Novais de Castro, Ângela Salgueiro, António Marques, António Valongo, Guilherme Cardoso, Inês Ribeiro, Jacinta Bugalhão, Joana Gonçalves, João Damásio, José Pedro Henriques, Lídia Fernandes, Márcio Martingil, Maria Fernanda Cardoso, Maria Ramalho, Mariana Almeida, Nuno Mota, Pedro Castelo, Rita Neves Silva, Rodrigo Banha da Silva e Tânia M. Casimiro.

Um especial obrigado ainda ao Edgar Fernandes, pela revisão do texto e por várias sugestões para melhorar a versão final.

Bibliografia

- ÁGUA, F. B. (2014) — «Nada é mais perigoso do que o fogo»: prevenção e combate aos incêndios na Lisboa do Antigo Regime. *Cadernos do Arquivo Municipal*. Lisboa. 2.^a Série, 2, p. 129-144.
- AIRES-BARROS, L. (2001) — *As rochas dos monumentos portugueses. Tipologias e patologias*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico. (Cadernos; 3, Série II, vol. I).
- ALBERTO, E., coord. (2020) — *O Hospital Real de Todos-os-Santos: Lisboa e a saúde*. Lisboa: Câmara Municipal, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- ALMEIDA, I. M. (2004) — Caracterização geológica do esteiro da Baixa. *Monumentos*. Lisboa. 21, p. 152-157.
- ALMEIDA, M.; GOMES, R. V.; GOMES, M. V. (2018) — A First Approach to the Tile Collection from the Convento de Santana (Lisbon, Portugal). In PEREIRA, S.; MENEZES, M.; RODRIGUES, J. D., ed. lit. — *Proceedings of the GlazeArt 2018 — International Conference Glazed Ceramics and Cultural Heritage*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil. p. 251-267.
- ALMEIDA, M.; GOMES, R. V.; GOMES, M. V. (2020) — Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem. *Arqueologia e História*. Lisboa. 70, p. 277-294.
- ALMEIDA, M.; MARTINGIL, M. (2021) — Not Everything is as it Seems. A Garden on the Walls of Early Modern Lisbon. In BLAŽKOVÁ, G.; MATĚJKOVÁ, K., ed. lit. — *Europa Postmediaevalis 2020: Post-Medieval Pottery in the Spare Time*. Oxford: Archaeopress. p. 251-263.
- ALVES, F. J. S. (1994) — Lisboa submersa. In D'INTINO, R., coord. — *Lisboa Subterrânea*. Milão: Electa; Lisboa 94. p. 126-132. Catálogo.
- ALVES, F.; RIETH, E.; RODRIGUES, P.; (2001) — The Remains of a 14th-century Shipwreck at Corpo Santo and of a Shipyard at Praça do Município, Lisbon, Portugal. In ALVES, F., ed. lit. — *Proceedings of the International Symposium on Archaeology of Medieval and Modern Ships of Iberian-Atlantic Tradition — Hull Remains, Manuscripts and Ethnographic Sources: A Comparative Approach*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. p. 405-426. (Trabalhos de Arqueologia; 18).
- ALVES, J. F. (1997) — As igrejas paroquiais de Lisboa e o Terramoto de 1755. *Olisipo*. Lisboa. 2.^a Série, 4, p. 21-36.
- ALVES, R. V.; GARCIA, S. J.; MARQUES, A.; WASTERLAIN, S. N. (2017) — Osteological analysis of a skeleton with Intentional dental modifications, exhumed from Largo do Carmo (17th-18th centuries) Lisbon. *Antropologia Portuguesa*. Coimbra. 32/33, p. 61-75.
- ALVES-CARDOSO, F.; CASIMIRO, S.; LAUGHTON, J.; SILVA, R. B.; ASSIS, S.; MARQUÉZ-GRANT, N. (2022) — Biografias na morte: revisitar o Hospital Real de Todos-os-Santos, no século XVIII, através das evidências bioarqueológicas. *Arqueologia e História*. Lisboa. 70/71, p. 35-44.
- AMARAL, J., coord. (2008) — *Castelo de São Jorge — Núcleo Museológico*. Lisboa: EGEAC.
- AMARAL, M. C.; MIRANDA, T. C. P. R., coord. (2002) — *De Olisipo a Lisboa. A Casa dos Bicos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Roteiro da exposição.
- AMARO, C. (1982a) — Casa dos Bicos: seu historial. *Al-Madan*. Almada. 0, p. 15-16.
- AMARO, C. (1982b) — Casa dos Bicos: notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto. 6, p. 97-111.
- AMARO, C. (1983) — Casa dos Bicos: exposição de arqueologia na poética renascentista. *Al-Madan*. Almada. 1, p. 3-5.
- AMARO, C. (1992) — Arqueologia Urbana em Lisboa: sua evolução. *Al-Madan*. Almada. S. II, 1, p. 19-22.
- AMARO, C. (1994a) — Casa dos Bicos: sítio com dois milénios de História. In D'INTINO, R., coord. (1994) — *Lisboa Subterrânea*. Milão: Electa; Lisboa'94. p. 110-111. Catálogo.
- AMARO, C. (1994b) — A arqueologia urbana em Lisboa: balanço e reflexão. In ARNAUD, J. M. dir. — *Jornadas Arqueológicas*, 5, 1993, Lisboa. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 219-221.
- AMARO, C. (1994c) — Acções arqueológicas nesta Lisboa'94. *Al-Madan*. Almada. S. II, 3, p. 107-108.

- AMARO, C. (1994d) — Cais. In D'INTINO, R., coord. (1994) — *Lisboa Subterrânea*. Milão: Electa; Lisboa 94. p. 261. Catálogo.
- AMARO, C. (2001a) — Criação de um espaço museológico no Banco Comercial Português na Baixa Pombalina. In BARROS, L. M. B. V.; HENRIQUES, J. R., coord. — *Encontro de Arqueologia Urbana*, 3, Almada, 1997. Actas. Almada: Câmara Municipal. p. 395.
- AMARO, C., ed. lit. (1995) — *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios*. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português. Catálogo.
- AMARO, C. (2001b) — Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios: Exemplo de sítio arqueológico musealizado na baixa pombalina. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4. 17, p. 465-487.
- AMARO, C. (2009) — *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios*. 2.ª ed. Lisboa: Fundação Millennium BCP. Catálogo.
- AMARO, C. (2012) — *Do Palácio Quinhentista da Praia ao Centro Cultural de Belém — Uma memória arqueológica do sítio*. Comunicação proferida no âmbito do Encontro «Lisboa Ribeirinha Medieval e Moderna — Dados Arqueológicos», apresentada à Secção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses, 10 de novembro.
- AMARO, C.; BUGALHÃO, J.; RAMALHO, M. (1994) — A Baixa pré-pombalina: alguns aspectos urbanísticos. In ARNAUD, J. M., dir. — *Jornadas Arqueológicas*, 5, Lisboa, 1993. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 227-237.
- AMARO, C.; FILIPE, V.; HENRIQUES, J. P.; MANSO, C. (2013) — Prisão do Aljube no séc. XVI — vidros, majólica italiana e cerâmica esmaltada espanhola. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1019-1024.
- AMARO, C.; FILIPE, V.; HENRIQUES, J. P.; MANSO, C. R. (2016) — Faiança quinhentista recuperada num compartimento da antiga Prisão do Aljube, Lisboa. In GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V., ed. lit. — *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, 1, Zaragoza, 2016. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa. p. 67-78.
- AMARO, C.; RAMALHO, M. M.; LOURENÇO, F. (1995) — Intervenções arqueológicas no antigo Convento de S. Francisco da Cidade. In SILVA, R. H.; PIÇARRA, M., coord. — *Obração — Histórias vistas e contadas*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Museu do Chiado. p. 37-42.
- AMARO, G. C. (2015) — *Uma igreja, duas histórias. Um percurso pela história e pelo património da antiga igreja manuelina da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia.
- ANTUNES, A. C. (2019) — *Cais Real de Belém e Cais da Pedra no Terreiro do Paço. Planos de D. João V para a Marinha de Lisboa*. Lisboa: Mazupress.
- ANTUNES, A. S.; GUERRA, S.; CASTRO, A.; FILIPE, V. (2021) — Contributos para a evolução do urbanismo de Época Moderna no sopé sudeste da Encosta de Santana (Rua da Palma/Martim Moniz, Lisboa). In ANTUNES, A. S.; NOZES, C.; CARVALHINHOS, M.; LEITÃO, V., coord. — *Arqueologia em meio urbano. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 2, Lisboa, 2018. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 442-489.
- ANTUNES, M. T. (2011) — Vítimas do terramoto de 1755 e o Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa). Tentativa de síntese. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa: Classe de Ciências*. Lisboa. Tomo XLIII, vol. II (2006/2007), p. 213-242.
- ANTUNES, M. T.; CARDOSO, J. L. (2005) — Testemunhos do Terramoto de 1755 — Novos elementos obtidos nas escavações na Academia das Ciências de Lisboa. *Olisipo*, Lisboa. S. II, 22/23, p. 73-82.
- ANTUNES, M. T.; CARDOSO, J. L., coord. (2015) — *Testemunhos do caos. Faces do Terramoto*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Roteiro.
- ANTUNES-FERREIRA, N. (2022) — Vida e morte das freiras do Convento de Santana. *Arqueologia e História*. Lisboa, 70/71, p. 57-72.
- ANTUNES-FERREIRA, N.; MOTA, N. (2022) — Os enterramentos do claustro do Convento do Santíssimo Salvador (Santa Maria Maior). *Arqueologia e História*. Lisboa, 70/71, p. 45-56.
- ARAÚJO, A. C. (2005) — *O Terramoto de 1755. Lisboa e a Europa*. Lisboa: Correios de Portugal.
- ARAÚJO, A. C.; CARDOSO, J. L.; MONTEIRO, N. G.; ROSSA, W.; SERRÃO, J. V., org. (2007) — *O Terramoto de 1755: impactos históricos*. Lisboa: Livros Horizonte (Col. Cidade de Lisboa; 46).
- ARAÚJO, N. (1993) — *Peregrinações em Lisboa*. 15 volumes, 2.ª ed. Lisboa: Vega.
- ASSIS, S.; CASIMIRO, S.; ALVES-CARDOSO, F. (2015) — A possible case of acquired syphilis at the former Royal Hospital of All-Saints (RHAS). In Lisbon, Portugal (18th century): a comparative methodological approach to differential diagnosis. *Anthropologischer Anzeiger*. Stuttgart. 72:4, p. 427-449.
- BARATA, P. S. J., coord. (2019) — *Do Chiado ao Campo Grande: a transferência da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- BARBOSA, T.; CASIMIRO, T.; MANAIA, R.; SILVA, T.; TORRES, A. (2008) — As Escavações no Largo Duque de Cadaval (Lisboa) (2008). *Al-Madan Online*. 15, p. 8-9.
- BARGÃO, A. A. B. V. (2015) — *Vivências do quotidiano do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa)*:

os contextos do poço SE do claustro NE. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.

BARGÃO, A.; FERREIRA, S. (2013) — Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros: um exemplo da Lisboa seiscentista. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1049-1056.

BARGÃO, A.; FERREIRA, S. (2016) — Evidências do quotidiano no Hospital Real de Todos-os-Santos, Lisboa: os contextos do poço SE do claustro NO. In COELHO, I. P.; TORRES, J. B.; GIL, L. S.; RAMOS, T., coord. — *Entre ciência e cultura: da Interdisciplinaridade à transversalidade. Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, 8, Lisboa, 2015. Actas. Lisboa: Centro de História Além-Mar, Instituto de Estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. p. 233-242.

BARGÃO, A.; FERREIRA, S. C. (2020a) — A louça de mesa no Hospital Real. In ALBERTO, E., coord. — *O Hospital Real de Todos-os-Santos: Lisboa e a saúde*. Lisboa: Câmara Municipal, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. p. 583-589.

BARGÃO, A.; FERREIRA, S. C. (2020b) — A cerâmica utilitária no Hospital Real. In ALBERTO, E., coord. — *O Hospital Real de Todos-os-Santos: Lisboa e a saúde*. Lisboa: Câmara Municipal, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, p. 591-599.

BARGÃO, A.; FERREIRA, S. C.; SILVA, R. B. (2021) — A faiança de um poço na Rua das Pedras Negras, n.ºs 22-28 (Santa Maria Maior): um significante conjunto seiscentista lisboeta. Comunicação proferida no âmbito do *III Encontro de Arqueologia de Lisboa*, promovido pelo Centro de Arqueologia de Lisboa, 18 de novembro.

BARGÃO, A.; FERREIRA, S.; DIAS, M. (2019) — O que relatam os objectos? Os materiais arqueológicos enquanto fonte para o estudo da cidade de Lisboa em Época Moderna (séculos XVI-XVIII). Comunicação apresentada ao *VI Encontro de Jovens Investigadores de História Moderna*, promovido pelo CHAM, Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 5 de junho.

BARGÃO, A.; FERREIRA, S.; SILVA, R. B. (2015) — De Sevilha para Lisboa: pratos com decoração de «corda-seca» dos finais dos séculos XV-XVI de dois contextos na Ribeira ocidental. *Al-Madan Online*, 20:1, p. 21-27.

BARGÃO, A.; FERREIRA, S.; SILVA, R. B. (2017) — Policromias e padrões: azulejos «de aresta» e «de corda-seca» do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (séculos XV-XVI). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., coord. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1781-1794.

BARGÃO, A.; FERREIRA, S.; SILVA, R. B. (2021) — Memórias de duas intervenções. O remanescente do Hospital Real de Todos-os-Santos em 1960-1961 e 1999-2001. *Scaena*. Lisboa. 2, p. 80-91.

BARGÃO, A.; SILVA, R. B.; FERREIRA, S.; TEIXEIRA, A. (2020) — A água e a arquitectura no Hospital Real de Todos-os-Santos, Lisboa (séculos XVI-XVIII): as estruturas claustrais no registo arqueológico. *Artis On*. Lisboa. 10, p. 59-74.

BARRADAS, A. I.; SILVA, R. B. (2017) — Cerâmicas quinhentistas vidradas de um poço medieval da Praça da Figueira (Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., coord. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1691-1702

BARRADAS, E.; FERREIRA, C.; MELO, L. (2018) — *Antigo Convento da Graça: trabalhos arqueológicos do projecto de reabilitação dos espaços existentes*. Conferência proferida no âmbito do projeto «Arqueologia no Bairro». Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, 4 de setembro.

BARROS, A. A. S. (2014) — Os canos de drenagem da rede de saneamento da cidade de Lisboa antes do terramoto de 1755. *Cadernos do Arquivo Municipal*. Lisboa. 2.ª série, 1, p. 85-106.

BATALHA, L. (2022) — A Quinta do Sargento-Mor — Um jardim de fresco no Vale de Alcântara. A magia da Água. In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; MARQUES, A.; CAMEIRA, L., coord. — *Água, dos Homens e dos Deuses... Captar, distribuir e conter...*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa; Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa. p. 94-105. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 4).

BATALHA, L.; CAMPÔA, A.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P.; SANTOS, R. (2012) — Vestígios de um centro produtor de faiança dos séculos XVII e XVIII: dados de uma Intervenção arqueológica na Rua de Buenos Aires, n.º 10, Lisboa. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 2, p. 951-962.

BATALHA, L.; CARDOSO, G. (2013) — Poço seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa). *Emérita. Estudos de Arqueologia e Património Cultural Online*. 1, p. 113-140.

BATALHA, L.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P.; SANTOS, R. (2016) — Portuguese Faience Found at 10 Buenos Aires Street Pits — Lisbon (17th-18th centuries). In GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V., ed. lit. — *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, 1, Lisboa, 2016. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa. p. 27-38.

- BATALHA, L.; MONTEIRO, M.; CARDOSO, G. (2021) — O Palácio Sant'Ana em Carnide: estruturas e cultura material entre o período moderno e o contemporâneo. Comunicação proferida no âmbito do III Encontro de Arqueologia de Lisboa, promovido pelo Centro de Arqueologia de Lisboa, 19 de novembro.
- BATALHA, L.; NETO, N.; PEÇA, P.; BRITO, S.; CARDOSO, G. (2017) — Os silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1751-1766.
- BATALHA, L.; PINHEIRO, H.; SANTOS, R.; (2021) — A cerâmica do século XVII recolhida no poço-lixeira da Rua dos Bacalhoeiros, em Lisboa. In ANTUNES, A. S.; NOZES, C.; CARVALHINHOS, M.; LEITÃO, V., coord. — *Arqueologia em meio urbano. Encontro de Arqueologia de Lisboa, 2*, Lisboa, 2018. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 352-381.
- BEAUVINK, A. G.-H. (2016) — *Ressuscitar a ópera do Tejo. Desvendar o mito*. Lisboa: Caleidoscópio.
- BETTENCOURT, J.; COELHO, I. P.; FONSECA, C.; LOPES, G.; CARVALHO, P.; SILVA, T. (2018) — Entrar e sair de Lisboa na Época Moderna: uma perspectiva a partir da arqueologia marítima. In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I., ed. lit. — *Meios, vias e trajectos... Entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa; Secção de Arqueologia, Sociedade de Geografia de Lisboa. p. 144-159. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 2).
- BETTENCOURT, J.; FONSECA, C.; COELHO, I. P.; LOPES, G.; CARVALHO, P.; SILVA, T. (2019) — A arqueologia da Interface nos meios húmidos da cidade de Lisboa: um balanço. *Arqueologia e História*. Lisboa. 69, p. 121-130.
- BETTENCOURT, J.; FONSECA, C.; SILVA, T.; CARVALHO, P.; COELHO, I.; LOPES, G. (2017) — Navios de Época Moderna em Lisboa: balanço e perspectivas de Investigação. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa, 1*, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 478-495.
- BOAVIDA, C. (2012) — Espólio vítreo de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa, Portugal). In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 1, p. 135-140.
- BOAVIDA, C. (2017a) — Entre copos e garrafas. Os vidros do Largo de Jesus. In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; MELO, A. A.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I., ed. lit. — *Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa; Secção de Arqueologia, Sociedade de Geografia de Lisboa. p. 131-137. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 1).
- BOAVIDA, C. (2017b) — Preparar, servir e comer. Vestígios arqueológicos metálicos do que se usava na cozinha e à mesa na Lisboa Moderna. Uma primeira abordagem. In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; MELO, A. A.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I., ed. lit. — *Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa; Secção de Arqueologia, Sociedade de Geografia de Lisboa. p. 122-130. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 1).
- BOAVIDA, C. (2017c) — Objectos do quotidiano num poço do Hospital Real de Todos-os-Santos. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa, 1*, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 440-457.
- BOAVIDA, C. (2017d) — Dos objectos inúteis, esquecidos ou perdidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1821-1834.
- BOAVIDA, C. (2020) — Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2020 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1801-1813.
- BOAVIDA, C.; CASIMIRO, T. M. (2019) — *Lisboa não é só subterrânea — 25 anos depois de uma exposição: Um roteiro arqueológico*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa.
- BOAVIDA, C.; COUTINHO, I. (2020) — Outros objectos dos quotidianos do Hospital Real. In ALBERTO, E., coord. — *O Hospital Real de Todos-os-Santos: Lisboa e a saúde*. Lisboa: Câmara Municipal, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. p. 601-605.
- BOAVIDA, C.; MEDICI, T. (2018) — Da importação à inspiração. Os vidros do Largo do Coreto, Carnide (Lisboa). In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I., ed. lit. — *Meios, vias e trajectos... Entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa; Secção de Arqueologia, Sociedade de Geografia de Lisboa. p. 177-194. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 2).
- BOLILA, C.; NETO, N. (2022) — Captação e contenção de água em Época Moderna: poços e cisternas identificados em Lisboa no âmbito das Intervenções da Neoépica, Lda. In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I., coord. — *Água, dos Homens e dos Deuses... Captar, distribuir*

e conter... Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Secção de Arqueologia, Sociedade de Geografia de Lisboa, p. 63-79. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 4).

BRAGA, M. L. (1994) — O 1.º de Novembro de 1755. Lisboa destruída. O olhar da História. In *Lisboa Subterrânea*. Milão: Electa; Lisboa 94. p. 112-117. Catálogo.

BRAZUNA, S.; ANTUNES-FERREIRA, N. (2007) — A Igreja de S. Martinho (Lisboa). *Era-Arqueologia*. Cruz Quebrada. 8, p. 51-69.

BRITO, S.; BARBOSA, R. (2012) — Vestígios modernos de uma intervenção de emergência na Rua Rafael Andrade (Lisboa). In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 1, p. 151-156.

BUGALHÃO, J. (2005) — Lisboa «sempre» ribeirinha. *Al-Madan*. Almada. S. II, 13, p. 151-154.

BUGALHÃO, J. (2008) — Lisboa e sua arqueologia: uma realidade em mudança. *Era-Arqueologia*. Cruz Quebrada. 8, p. 218-230.

BUGALHÃO, J. (2015a) — Um novo centro urbano, junto ao Tejo: contributos da Arqueologia. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B., coord. — *Lisboa 1415 Ceuta: história de dos cidades=história de duas cidades*. Ceuta: Cidade Autónoma de Ceuta; Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, FCSH, Universidade Nova de Lisboa. p. 45-47.

BUGALHÃO, J. (2015c) — Contextos Arqueológicos. In BUGALHÃO, J., coord. — *Uma casa pré-pombalina na Baixa Lisboaeta. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Centro de História de Aquém e Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. p. 21-29. (ArqueoArte; 3).

BUGALHÃO, J. (2016) — Arqueologia urbana em Lisboa: da Intervenção à divulgação pública. In COELHO, I. P.; TORRES, J. B.; GIL, L. S.; RAMOS, T., coord. — *Entre ciência e cultura: da Interdisciplinaridade à transversalidade. Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, 8, Lisboa, 2015. Actas. Lisboa: Centro de História Além-Mar, Instituto de Estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. p. 467-474.

BUGALHÃO, J. (2018) — A Baixa de Lisboa, antes e depois do Terramoto. *Arqueologia e História*. Lisboa. 68, p. 75-87.

BUGALHÃO, J. (2019) — Lisboa «sempre» Ribeirinha. Episódio 2. *Arqueologia e História*. Lisboa. 69, p. 19-28.

BUGALHÃO, J., coord. (2015b) — *Uma casa pré-pombalina na Baixa Lisboaeta. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Centro de História de

Aquém e Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: da Universidade dos Açores. (ArqueoArte; 3).

BUGALHÃO, J., coord. (2021) — *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Fundação Millennium BCP.

BUGALHÃO, J.; COELHO, I. P. (2017) — Cerâmica Moderna de Lisboa: proposta tipológica. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, 2016, Lisboa. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 106-145.

BUGALHÃO, J.; DUARTE, D. (2003) — Intervenção arqueológica na Igreja de Santa Catarina, Lisboa. In *Encontro de Arqueologia Urbana*, 4, Amadora, 2003. Amadora: Câmara Municipal, p. 147-162.

BUGALHÃO, J.; GAMEIRO, C.; MARTINS, A.; BRAZ, A. F. (2014) — Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros: da Intervenção à Investigação, gestão e apresentação pública. *Arqueologia e História*. Lisboa, 64/65, p. 191-202.

BUGALHÃO, J.; SABROSA, A.; MONTEIRO, J. L. (1994) — BCP — Rua Augusta, Rua dos Correeiros: campanha de 1993-94. *Al-Madan*. Almada, S. II, 3, p. 110.

BUGALHÃO, J.; TEIXEIRA, A. (2015) — Os canos da Baixa de Lisboa no século XVI: leitura arqueológica. *Cadernos do Arquivo Municipal*. Lisboa. S. II, 4, p. 89-122.

CAESSA, A.; BARGÃO, A.; MARQUES, A.; FERREIRA, S. (2016) — Cerâmicas finas de Idade Moderna do Pátio do Linheiro (Mouraria, Lisboa). In GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V., ed. lit. — *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, 1, Lisboa, 2016. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa. p. 111-124.

CAESSA, A.; MARQUES, A.; MOTA, N. (2017) — Casa da Severa. Memórias arqueológicas de um espaço (Largo da Severa n.º 2, Mouraria, Lisboa). In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, 2016, Lisboa. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 386-413.

CAESSA, A.; MOTA, N. (2013) — Redescobrimos a história de Carnide: a intervenção Arqueológica no Largo do Coreto e Envolvente. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1025-1032.

CAESSA, A.; MOTA, N. (2014) — O núcleo histórico de Carnide. O contributo da investigação arqueológica. In VEIGA, C. M.; REIS, M. F., coord. — *Quadros da história de Lisboa: a freguesia de Carnide*. Lisboa: Academia Portuguesa de História. p. 83-104.

- CAESSA, A.; MOTA, N. (2016) — A arqueologia em Carnide e a intervenção arqueológica no Largo do Coreto. *Rossio. Estudos de Lisboa*. Lisboa, 6, p. 96-107.
- CAESSA, A.; NOZES, C.; MOTA, N. (2016) — Uma mesquita no arrabalde ocidental de *al-Ušbûna*. In ANDRADE, A. A.; TENETE, C.; SILVA, G. M.; PRATA, S., ed. lit. — *Espaços e poderes na Europa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa; Castelo de Vide: Câmara Municipal, p. 521-535.
- CAETANO, C.; SILVA, R. B.; BETTENCOURT, J. (2015) — O comércio e vida marítima de Lisboa nos séculos XV e XVI. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B., coord. — *Lisboa 1415 Ceuta: historia de dos ciudades=história de duas cidades*. Ceuta: Cidade Autônoma de Ceuta; Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, p. 149-155.
- CALADO, M.; PIMENTA, J.; FERNANDES, L.; MARQUES, A. (2013) — Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 16, p. 383-392.
- CALADO, M.; PIMENTA, J.; SILVA, R. B. (2003) — Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda do Castelo de São Jorge em Lisboa. *Estudos/Património*. Lisboa, 5, p. 83-95.
- CAMPANACHO, V.; GONÇALVES, D.; DUARTE, C. (2014) — Análise osteobiográfica e paleopatológica do esqueleto da Fábrica dos Pastéis de Belém, Lisboa, Portugal. *Cadernos do Grupo de Estudo de Evolução Humana*. Coimbra, 3:2, p. 24-34.
- CAMPOS, R. P.; RODRIGUES, F.; COSTA, A.; VARUM, H. (2020) — As reformas pombalinas em Lisboa: modelo de organização das cidades iluministas portuguesas. *Al-Madan Online* 23:1, p. 137-149.
- CARDOSO, A., coord. (2017) — *A Cidade Global—Lisboa no Renascimento*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- CARDOSO, A. P. (2005) — *O Terrível Terramoto da cidade que foi Lisboa. Correspondência do Núncio Filippo Acciaiuoli*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- CARDOSO, F. A.; CASIMIRO, S.; ASSIS, S. (2013) — Panorama geral do espólio osteológico exumado na necrópole do extinto Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa, séculos XV a XVIII). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1103-1110.
- CARDOSO, G.; NETO, N.; BATALHA, L.; REBELO, P.; SANTOS, R. (2019) — Vestígios da produção de cerâmica no lado Ocidental de Lisboa durante os séculos XVII e XVIII. Dados de uma Intervenção arqueológica na Rua de Buenos Aires, n.º 10, Lisboa. *Arqueologia e História*. Lisboa, 69, p. 87-98.
- CARDOSO, G.; BATALHA, L. (2017) — Evidências de produção oleira dos finais do século XVI a meados do século XVII no Largo de Jesus (Lisboa). In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 146-181.
- CARDOSO, G.; BATALHA, L.; REBELO, P.; ROCHA, M.; NETO, N.; BRITO, S. (2017) — Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) — séculos XV e XVI. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., coord. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1715-1729.
- CARDOSO, G.; LEITÃO, E.; NETO, N.; REBELO, P.; PEÇA, P. (2019) — Evidências de produção de cerâmica fosca em Lisboa durante a Época Moderna. In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I., ed. lit. — *Extraír e produzir... Dos primeiros artefactos à Industrialização*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Secção de Arqueologia; Sociedade de Geografia de Lisboa, p. 122-132. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 3).
- CARDOSO, J. L. (2008) — Resultados das escavações arqueológicas realizadas no claustro do antigo Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa) entre Junho e Dezembro de 2004. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 11:1, p. 259-284.
- CARDOSO, J. L. (2011) — Resultado das escavações arqueológicas no claustro do antigo Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa: Classe de Ciências*. Lisboa. Tomo XLIII, vol. II (2006/2007), p. 243-282.
- CARITA, H. (1999) — *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*. Lisboa: Livros Horizonte (Cidade de Lisboa; 33).
- CARITA, H. (2015) — Lisboa: da cidade medieval à cidade manuelina. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B., da, coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autónoma de Ceuta/CEC; Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, DMC, DPC, p. 31-36.
- CARMONA, M. (1960) — O antigo Hospital de Todos-os-Santos e as actuais escavações na Praça da Figueira. *Olisipo*. Lisboa, 92, p. 135-137.
- CARVALHINHOS, M.; MOTA, N.; MIRANDA, P. (2017) — Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: o lanço oriental entre a Alcáçova do Castelo e o Miradouro de Santa Luzia (Santa Maria Maior, Lisboa). In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 298-336.
- CASIMIRO, S.; CARDOSO, F. A. (2020) — A morte no Hospital Real: testemunhos do século XVIII. In ALBERTO, E., coord. — *O Hospital Real de Todos-os-*

-*Santos: Lisboa e a saúde*. Lisboa: Câmara Municipal, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. p. 509-512.

CASIMIRO, T. M. (2011) — Estudo de espólio de habitação setecentista em Lisboa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. V, 1, p. 689-726.

CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (2019) — Ceramic Toys and Miniatures from 16th-18th Century Found in Lisbon. In BLAŽKOVÁ, G.; MATĚJKOVÁ, K., ed. lit. — *Europa Postmediaevalis 2018: Post-medieval pottery between (its) borders*. Oxford: Archaeopress. p. 261-268.

CASIMIRO, T. M.; ALMEIDA, M.; BARBOSA, T. (2018) — Largo Duque de Cadaval (Lisboa): evidências de uma catástrofe. *Arqueologia e História*. Lisboa. 68, p. 111-126.

CASIMIRO, T. M.; BARBOSA, T. M. (2017) — Palácio dos Duques de Cadaval. In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. p. 182-185.

CASIMIRO, T. M.; BOAVIDA, C. (2021a) — 16th and 17th centuries lead glazes from Carnide (Lisbon). In PETRIDIS, P.; YANGAKI, A. G.; LIAROS, N.; BIA, E.-E., ed. lit. — *Congress on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics — Proceedings*, 12, Athens, 2018. Athens: Institute of Historical Research, National Hellenic Research Foundation, AIECM3 — Associação Internacional para o Estudo da Cerâmica Medieval e Moderna no Mediterrâneo. vol. 1, p. 227-232.

CASIMIRO, T. M.; BOAVIDA, C. (2021b) — Blow your whistle: Ceramic Whistles in Early Modern Lisbon. In BLAŽKOVÁ, G.; MATĚJKOVÁ, K., ed. lit. — *Europa Postmediaevalis 2020: Post-Medieval Pottery in the Spare Time*. Oxford: Archaeopress. p. 171-176.

CASIMIRO, T. M.; BOAVIDA, C.; DETRY, C. (2017) — Cozinhar e comer: cerâmicas e alimentação em Carnide (1550-1650). In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; MELO, A. A.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I., ed. lit. — *Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Secção de Arqueologia; Sociedade de Geografia de Lisboa. p. 110-121. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 1).

CASIMIRO, T. M.; BOAVIDA, C.; MOÇO, A. M. (2017) — Louça «de fora» em Carnide (1550-1650). Estudo do consumo de cerâmica importada. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1 Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 56-67.

CASIMIRO, T. M.; BRANCO, A. A. (2022) — Castidade ou penitência? O «cinto» em ferro do Mosteiro de São Vicente de Fora. *Arqueologia e História*. Lisboa. 70/71, p. 219-224.

CASIMIRO, T. M.; DETRY, C.; PINHEIRO, H.; TEIXEIRA, H. L.; NETO, N.; NUNES, R. (2021) — Uma cozinha na Rua Nova da Trindade na primeira metade do século XVI. Comunicação proferida no âmbito do III Encontro de Arqueologia de Lisboa, promovido pelo Centro de Arqueologia de Lisboa, 18 de novembro.

CASIMIRO, T. M.; HENRIQUES, J. P.; FILIPE, V.; BOAVIDA, C. (2018) — Lead Glazed Ceramics in Lisbon (16th-18th centuries). In PEREIRA, S.; MENEZES, M.; RODRIGUES, J. D., ed. lit. — *Proceedings of the GlazeArt 2018 — International Conference Glazed Ceramics and Cultural Heritage*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil. p. 268-282.

CASIMIRO, T. M.; HENRIQUES, J. P.; FILIPE, V.; NEVES, D. (2019) — Pottery Use and Social Inequality in Mid-18th century Lisbon. An Initial Approach. In BLAŽKOVÁ, G.; MATĚJKOVÁ, K. ed. lit. — *Europa Postmediaevalis 2018: Post-medieval pottery between (its) borders*. Oxford: Archaeopress, p. 1-12.

CASIMIRO, T. M.; HENRIQUES, J. P.; FILIPE, V.; SIMÕES, S. (2020) — Mobility and identities: the case of the so-called African pots from Lisbon (Portugal). *International Journal of Historical Archaeology*. 24, p. 79-94.

CASIMIRO, T. M.; MOÇO, A.; BOAVIDA, C. (2021) — From simple decorations to complex ideologies. Cultural and Social Influences in Portuguese Tin Glaze Consumption in 16th and 17th century. Comunicação apresentada ao *XIII Congress AIECM3 on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics*, promovido pela Association Internationale pour l'Étude des Céramiques Médiévales et Modernes en Méditerranée (12 de novembro).

CASIMIRO, T. M.; VALONGO, A. (2017) — Uma lixeira nas Casas Nobres do Infantado. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1835-1848.

CASIMIRO, T. M.; VALONGO, A. (2019) — Size does matter: Early modern measuring cups from Lisbon. In BLAŽKOVÁ, G.; MATĚJKOVÁ, K., ed. lit. — *Europa Postmediaevalis 2018: Post-medieval pottery between (its) borders*. Oxford: Archaeopress. p. 253-260.

CASTILHO, J. (1937) — *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*. 2.^a ed. Lisboa: Câmara Municipal. vol. 8.

CASTILHO, J. (1975) — *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*. 3.^a ed. Lisboa: Câmara Municipal. vols. 5 e 6.

CASTRO, A.; PAULA, N. A.; TORRES, J. B.; CURADO, T.; TEIXEIRA, A. (2017) — Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado*

- da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1731-1750.
- CASTRO, L. F.; YAMAFUNE, K.; EGINTON, C.; DERRYBERRY, T. (2011) — The Cais do Sodré Shipwreck. *International Journal of Nautical Archaeology*. 40:2, p. 328-343.
- CHANTAL, S. (2005) — *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do Terramoto*. Lisboa: Editora Livros do Brasil. (Coleção Vida Quotidiana; 23).
- CODINHA, S. (2002) — Two cases of venereal syphilis from the cemetery of the Igreja do Convento do Carmo. *Antropologia Portuguesa*. Coimbra. 19, p. 29-40.
- COELHO, A. B. (2006) — *Ruas e gentes na Lisboa quinhentista*. Lisboa: Caminho.
- COELHO, I. P. (2013) — A Casa dos Bicos: estudo arqueológico de um espaço e quotidiano palaciano na Lisboa ribeirinha (séculos XVI-XVIII). Análise preliminar. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1085-1089
- COELHO, I. P.; BUGALHÃO, J. (2015) — Cerâmica. In BUGALHÃO, J., coord. — *Uma casa pré-pombalina na Baixa Lisboaeta. Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Centro de História de Aquém e Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. p. 33-54. (ArqueoArte; 3).
- COELHO, I. P.; SILVA, T.; TEIXEIRA, A. (2017) — Uma aproximação ao espaço vivencial da Casa dos Bicos: a cultura material de uma lixeira da primeira metade do século XVIII. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1 Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 366-385.
- COELHO, S. (2022) — D. João VI — um caso de envenenamento revisitado. *Arqueologia e História*. Lisboa. 70/71, p. 225-234.
- CORREIA, C. C. (2021) — *A Congregação do Oratório*. Lisboa: Edições Colibri.
- CORTEZ, M. C. (1994) — Alto de Santa Catarina. In SANTANA, F.; SUCENA, E., dir. — *Dicionário de História de Lisboa*. Sacavém: Carlos Quintas e Associados — Consultores. p. 50-52.
- COSTA, A. M.; FREITAS, M. C.; BUGALHÃO, J.; ANDRADE, C.; LOPES, V. (2021) — A contribuição da geologia na compreensão da evolução ambiental da margem norte do rio Tejo — resultados do projecto *Lisbon Stories*. In ANTUNES, A. S.; NOZES, C.; CARVALHINHOS, M.; LEITÃO, V., coord. — *Arqueologia em meio urbano. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 2, Lisboa, 2018. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 603-631.
- COSTA, A. M.; FREITAS, M. C.; INÁCIO, M.; FATELA, F.; LOPES, V.; ANDRADE, C.; CACHÃO, M.; MENDES, P. M.; SARRAZOLA, A.; MACEDO, M.; BETTENCOURT, J.; CARVALHO, R.; FREITAS, T. (2016) — Single events and century-scale evolution of the northern margin of the Tagus river before the Boavista landfill: a multidisciplinary approach to a natural and anthropic sediment record. *Estudos do Quaternário*. 14, p. 92-104.
- COSTA, A. M.; FREITAS, M. C.; LOPES, V.; ANDRADE, C.; BUGALHÃO, J.; BARROS, P. (2017) — Reconstrução paleoambiental da margem Norte do rio Tejo através da análise multiproxy de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados arqueológicos. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 765-780.
- COSTA, M. (1961) — A Igreja de S. Julião e o seu patrono. Uma freguesia que Lisboa perdeu. *Revista Municipal*. Lisboa. 88/89, p. 5-21 e 5-22.
- COUTINHO, I.; GRATUZE, B.; ALVES, L. C.; MEDICI, T.; VILARIGUES, M. (2017) — Wine Bottles from Lisbon: Archaeometric Studies of Two Archaeological Sites Dated from the 17th to the 19th Century. *Archaeometry*. Oxford. 59, p. 852-873.
- COUTINHO, I.; MEDICI, T.; ALVES, L. C.; VILARIGUES, M. (2017) — Potassium-rich glass in Lisbon in the 18th century. In COUTINHO, I.; PALOMAR, T.; COENTRO, S.; MACHADO, A.; VILARIGUES, M., ed. lit. — *Proceedings of the 5th GLASSAC International Conference*. [S. l.]: Universidade Nova. FCT Editorial. p. 129-131.
- CRAVO, J. C. (2018) — O terramoto como factor de aceleração de urbanismo do Cardal da Graça e do Vale de Cavalinhos — A Graça em 1755. *Arqueologia e História*. Lisboa. 68, p. 45-51.
- CUNHA, A. C.; MORGADINHO, S. M. C. (1991) — Estudo de uma artrose de um pé, de um caso de mumificação natural do século XVIII, aparecido na Igreja da Graça em Lisboa. In ARNAUD, J. M., dir. — *Jornadas Arqueológicas: Investigação e Defesa do Património*, 4, Lisboa, 1990. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 445-447.
- CUNHA, A. S.; FERREIRA, F. E. R.; NEVES, M. C. M. (2000) — A provável sepultura de D. Duarte Brandão. *Arqueologia e História*. Lisboa. 52, p. 53-58.
- DAVIS, S. (2009) — Animal remains from an 18th-19th century AD pit in the Palácio Centeno, Lisbon. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, p. 239-250.
- DAVIS, S. J. M.; ALBARELLA, U.; DETRY, C.; GINJA, C.; GÖTHERSTRÖM, A.; PIRES, A. E.; SENDIM, A.; SVENSSON, E. M. (2018) — An Osteometrical Method for Sexing Cattle Bones: the Metacarpals from 17th century Carnide, Lisbon, Portugal. *Annalen des Naturhistorischen Museums in Wien*. Wien. Serie A, 120, p. 367-387.

- DETRY, C.; SANTOS, A. B.; CASIMIRO, T.; CAESSA, A.; MOTA, N. (2021) — Animal Remains from 17th Century Carnide, Lisbon, Portugal. In ALBARELLA, U.; DETRY, C.; GABRIEL, S.; GINJA, C.; PIRES, A. E.; TERESO, J. P., ed. lit. — *Themes in Old World Zooarchaeology: From the Mediterranean to the Atlantic*. Oxford: Oxbow Books. p. 145-160.
- DIAS, M. I. (2014) — Datação, autenticidade, materiais e pigmentos. Estudos laboratoriais sobre faiança portuguesa e porcelana chinesa produzida para o mercado português (séculos XVI a XVIII). In FLOR, S. V., coord. — *A Herança de Santos Simões. Novas perspectivas para o estudo da azulejaria e a cerâmica*. Lisboa: Edições Colibri, Fernando Mão de Ferro. p. 127-159.
- DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I.; PAIS, A.; RODRIGUES, A. L.; MARQUES, R. (2016) — A chemical study of Portuguese archaeological faience by INAA as a valid tool to Investigate provenance. In GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V., ed. lit. — *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, 1, Zaragoza, 2016. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa. p. 59-64.
- DIAS, N.; FERNANDES, D.; SANTOS, R. (2021) — Uma cozinha de Época Moderna preservada na Baixa Lisboa. In ANTUNES, A. S.; NOZES, C.; CARVALHINHOS, M.; LEITÃO, V., coord. — *Arqueologia em meio urbano. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 2, Lisboa, 2018. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 382-406.
- DIOGO, A. D.; VITAL, N. F. (1998) — Estudo das moedas encontradas nos silos do Largo do Jogo da Bola, em Carnide, Lisboa. *Olisipo*. Lisboa. S. II, 6, p. 49-52.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1995a) — Duas intervenções arqueológicas em Lisboa (Rua da Madalena e Rua do Ouro). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa, 2, p. 63-74.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1995b) — Cerâmicas de Lisboa provenientes de contextos datados. Materiais de uma lareira de cozinha destruída pelo Terramoto de 1755. In ABRAÇOS, H. C.; DIOGO, J. M., coord. — *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval — Métodos e Resultados para o seu Estudo*, 1, Tondela, 1992. Actas. Tondela: Câmara Municipal. p. 163-170.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1998) — Intervenção arqueológica na Rua João do Outeiro, n.º 36-44, na Mouraria, em Lisboa. In ABRAÇOS, H. C.; DIOGO, J. M., coord. — *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval — Métodos e Resultados para o seu Estudo*, 2, Tondela, 1995. Actas. Tondela: Câmara Municipal. p. 257-265.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1999a) — Brinquedos populares de Lisboa em barro vermelho, à época do Marquês de Pombal. *Olisipo*. Lisboa. II Série, 10, p. 66-70.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1999b) — Estudos arqueológicos efectuados pelo G.T.T.R.L. no Martim Moniz e sua envolvente. *Olisipo*. Lisboa. II série, 8, p. 44-54.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2000a) — Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 201-235.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2000b) — Intervenção arqueológica na Rua de São Nicolau, n.º 107/111 (Lisboa). *Arqueologia e História*. Lisboa. 52, p. 231-253.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2001) — Intervenção arqueológica de emergência na Rua dos Correiros, Baixa de Lisboa. As sondagens n.º 3, 11, 26 e 27. *Arqueologia e História*. Lisboa. 53, p. 15-33.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2003) — Cerâmica de barro vermelho da intervenção arqueológica na Calçada de São Lourenço, n.º 17/19. In ABRAÇOS, H. C.; DIOGO, J. M., coord. — *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval — Métodos e Resultados para o seu Estudo*, 3, Tondela, 1997. Actas. Tondela: Câmara Municipal. p. 203-213.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2008) — Cerâmicas de barros vermelhos provenientes de entulhos dos terramotos de 1531, em Lisboa. In DIOGO, J. M., coord. — *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval — Métodos e Resultados para o seu Estudo*, 4, Tondela, 2000. Actas. Tondela: Câmara Municipal. p. 171-185.
- DUARTE, A. L.; AMARO, C. (1986) — Casa dos Bicos: a cidade e a arqueologia. In *Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, 1, Setúbal, 1985. Actas. Lisboa: Ministério da Cultura, SEC, IPPC. p. 143-154.
- DUARTE, C.; BRAGANÇA, F.; NETO, F.; PINHEIRO, V. (2001) — Ossadas humanas do Convento das Bernardas (Madragoa, Lisboa). Análise de restos humanos exumados entre 1996 e 1999. *Trabalhos do CIPA*. Lisboa. 22.
- ETCHEVARNE, C.; SARDINHA, O. (2007) — A cerâmica vermelha fina do Convento de Sant'Anna (Lisboa), no acervo do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. IV, 25, p. 345-372.
- FABIÃO, C. (1994) — Ler as cidades antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa. *Penélope*. Lisboa. 13, p. 147-162.
- FABIÃO, C. (2017) — A Arqueologia do sítio de Lisboa: um (novo) balanço crítico, vinte e um anos depois. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 16-22.
- FARIA, M. F., coord. (2012) — *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio. História de um espaço urbano*.

Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Universidade Autónoma de Lisboa.

FELÍCIO, C.; SOUSA, F.; GUIMARÃES, R.; GADANHIO, A. (2017) — A cerâmica italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1809-1820.

FERNANDES, J. M. (2004) — A propósito da Baixa e das malhas ortogonais: algumas reflexões. *Monumentos*. Lisboa, 21, p. 44-49.

FERNANDES, L. (1994) — Alguns dados acerca do dique da Ribeira das Naus. In ARNAUD, J. M., dir. — *Jornadas Arqueológicas*, 5, Lisboa, 1993. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 253-259.

FERNANDES, L. (1996) — Integração museológica de estruturas arqueológicas no Largo da Sé em Lisboa. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa, 8, p. 159-166.

FERNANDES, L. (2003) — A Muralha Fernandina de Lisboa: troço existente na Escola Gil Vicente — Largo da Graça. *Estudos/Património*. Lisboa, 5, p. 176-185.

FERNANDES, L. (2013) — Museu do Teatro Romano (2001-2013). Balanço de uma década de Intervenção e novos projectos para o espaço museológico. *Al-Madan*. Almada, S. II, 18, p. 51-62.

FERNANDES, L. (2014) — O Museu do Teatro Romano (Lisboa): um teatro, um museu e um projecto de Investigação. *Arqueologia e História*. Lisboa, 64/65, p. 109-123.

FERNANDES, L. (2015) — Habitar em Lisboa nos séculos XV e XVI: modos de vida e de construir. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B., da coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal, DMC, DPC. p. 54-56.

FERNANDES, L. (2016) — Estruturas arqueológicas no Largo da Sé (Lisboa). In COELHO, I. P.; TORRES, J. B.; GIL, L. S.; RAMOS, T., coord. — *Entre ciência e cultura: da Interdisciplinaridade à transversalidade. Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, 8, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de História Além-Mar, Instituto de estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. p. 475-482.

FERNANDES, L. (2017a) — A antiga estalagem do Beco do Bello (Largo da Sé). In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. p. 196-199.

FERNANDES, L. (2017b) — O caso da habitação junto ao antigo Celeiro da Mitra (pavimentos dos séculos XVII/XVIII). In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos*

pés. Pavimentos históricos de Lisboa. Lisboa: Câmara Municipal. p. 190-191.

FERNANDES, L. (2018) — Sinais de um quotidiano que o Terramoto de 1755 Interrompeu. Os vestígios detectados no Museu de Lisboa — Teatro Romano. *Arqueologia e História*. Lisboa, 68, p. 89-102.

FERNANDES, L., coord. (2021) — *Museu de Lisboa — Teatro Romano. Guia*. Lisboa: Museu de Lisboa — Teatro Romano, EGEAC.

FERNANDES, L.; ALMEIDA, R. F. (2012) — Um celeiro da Mitra no Teatro Romano de Lisboa: Inércias e mutações de um espaço do século XVI à actualidade. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 1, p. 111-122.

FERNANDES, L.; ALMEIDA, R. F. (2021) — Depois do teatro: o urbanismo pré-pombalino da área do Teatro Romano antes do Terramoto de 1755. In FERNANDES, L., coord. — *Museu de Lisboa — Teatro Romano. Guia*. Lisboa: Museu de Lisboa — Teatro Romano, EGEAC. p. 84-99.

FERNANDES, L.; ALMEIDA, R. F.; LOUREIRO, C. C. (2014) — Entre o Teatro Romano e a Sé de Lisboa. Evolução urbanística e marcos arquitectónicos da antiguidade até à reconstrução pombalina. *Revista de História da Arte*. Lisboa, 11, p. 18-33.

FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A. ed. lit. (2017) — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. Catálogo.

FERNANDES, L.; CALADO, M. (2017) — Pavimentos seiscentistas do antigo Arco de D. Tereza. In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. p. 200-203.

FERNANDES, L.; FERREIRA, M. (2004) — Intervenção arqueológica num dos quarteirões da Baixa Pombalina em Lisboa. Estudo do espólio vítreo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série IV, 22, p. 453-489.

FERNANDES, L.; GRILO, C. (2020) — Teatro Romano de Lisboa: para além do museu e do sítio arqueológico. In *Arqueologia 3.0. «Resgatar memórias» — Sítios, territórios e comunidades*. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança. p. 69-87.

FERNANDES, L.; MARQUES, A. (2003) — Praça Luís de Camões (Lisboa): Metodologia e primeiros resultados de uma Intervenção urbana. In *Encontro de Arqueologia Urbana*, 4, Amadora: Câmara Municipal. p. 31-43.

FERNANDES, L.; MARQUES, A.; FILIPE, V.; CALADO, M. (2006) — Intervenção arqueológica na Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa (2005-2006). *Al-Madan*. Almada, S. II, 14, p. 60-65.

FERREIRA, A. R. M. (2005/2006) — *Arqueozoologia num contexto prisional: Métodos e técnicas de trabalho do osso utilizados na prisão do Aljube-Lisboa na segunda metade do Século XVI*. Dissertação de Mestrado em Quaternário e Pré-História, apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Policopiado.

FERREIRA, F. (1994) — A escavação arqueológica da botica. In BASSO, M. P.; NETO, J., org. — *A botica de S. Vicente de Fora*. Lisboa: Associação Nacional de Farmácias. p. 26-32. Catálogo.

FERREIRA, F., coord. (2008) — *Causas da morte de D. João VI*. Lisboa: Câmara Municipal.

FERREIRA, F. E. R. (1983) — Escavação do ossário de São Vicente de Fora: seu relacionamento com a história de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa, S. II, 4, p. 5-36.

FERREIRA, F. E. R. (1998) — Ensaio para uma leitura económica e social do contexto arqueológico de S. Vicente de Fora. *Olisipo*. Lisboa, II série, 6, p. 11-37.

FERREIRA, F. E. R. (1999) — Escavações da igreja do Convento do Carmo. Relatório da escavação. *Arqueologia e História*. Lisboa, 51, p. 73-164.

FERREIRA, F. E. R. (2002) — As etapas do Moderno. *Arqueologia e História*. Lisboa, 54, p. 239-244.

FERREIRA, F. E. R. (2010) — S. Vicente de Fora (o espaço, o tempo, o contexto): breve abordagem. *Olisipo*. Lisboa, S. II, 31, p. 17-40.

FERREIRA, F. E. R. (2012) — *Edifícios desconhecidos na cerca do Mosteiro de São Vicente de Fora*. Conferência proferida em reunião da Comissão de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

FERREIRA, F. E. R.; MACHADO, C.; PIRES, N. (2016) — Faianças do Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa. Ensaio sobre uma leitura económica e social. In GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V., ed. lit. — *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, 1, Zaragoza, 2016. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa. p. 125-134.

FERREIRA, F. E. R.; NEVES, M. C. M. (2002) — Intervenção arqueológica de emergência no corredor do Carmo. *Olisipo*. Lisboa, S. II, 17, p. 113-117.

FERREIRA, F. E. R.; NEVES, M. C. M. (2005) — Intervenção arqueológica na Igreja do Convento do Carmo. In ARNAUD, J. M.; FERNANDES, C. V., coord. — *Construindo a Memória: As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 580-609.

FERREIRA, F. E. R.; NEVES, C. (2009) — Uma presumível fábrica de pólvora na Ribeira de Lisboa. *Olisipo*. Lisboa, S. II, 29/30, p. 63-67.

FERREIRA, L. F. V.; MACHADO, I. F.; CASIMIRO, T. M. (2017) — Cerâmica portuguesa azul sobre azul — séculos XVI e XVII. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1863-1872.

FERREIRA, M. A. (1997) — Seventeenth and eighteenth century glass drinking glasses and bottles from Lisbon — Portugal. *Conímbriga*. Coimbra, 36, p. 183-190.

FERREIRA, M.; MEDICI, T. (2010) — Mould-blown Decorative Patterns on Medieval and Post-Medieval Glass Beakers Found in Portugal (14th-18th century). In FONTAINE, C., ed. lit. — *D'Ennion au Val Saint-Lambert. Le verre soufflé-moulé. Rencontres de l'Association Française pour l'Archéologie du Verre*, 23, Bruxelles-Namur, 2008. Actes. Bruxelles: Institut Royal du Patrimoine Artistique, p. 401-409. (Scientia Artis. Actes de colloque; 5).

FERREIRA, S. C.; BARGÃO, A.; FELÍCIO, C.; SOUSA, F.; SILVA, R. B.; TEIXEIRA, A.; MARQUES, J. (2021) — Belos objectos para alguém rico e pobre: as porcelanas chinesas do século XVI da Ribeira das Naus — Pátio da Marinha (Santa Maria Maior). Comunicação proferida no âmbito do *III Encontro de Arqueologia de Lisboa*, promovido pelo Centro de Arqueologia de Lisboa (18 de novembro).

FERREIRA, S. C.; BARGÃO, A.; FELÍCIO, C.; SOUSA, F.; SILVA, R. B. (2021) — Ligurian maiolica from the 17th and 18th centuries in Lisbon (Portugal): the case study of Mercado da Ribeira. Poster apresentado ao *XIII Congress AIECM3 on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics*, promovido pela Association Internationale pour l'Étude des Céramiques Médiévales et Modernes en Méditerranée (8 de novembro).

FERREIRA, S. C.; SILVA, R. B.; BARGÃO, A. (2020) — Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa. In ARNAUD, J. M.; NEVES, C.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal 2020 — Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1747-1760.

FERREIRA, S. I. C. (2015) — *O sítio do forte de São Paulo: estudo arqueológico da Ribeira Ocidental de Lisboa na Época Moderna*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.

FERREIRA, S.; BARGÃO, A. (2016) — O sítio do Forte de São Paulo: estudo arqueológico da Ribeira Ocidental de Lisboa na época moderna. In COELHO, I. P.; TORRES, J. B.; GIL, L. S.; RAMOS, T., coord. — Entre ciência e cultura: da Interdisciplinaridade à transversalidade. In *Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, 8, Lisboa, 2015. Actas. Lisboa: Centro de História Além-Mar, Instituto de Estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. p. 243-250.

- FERREIRA, S.; BARGÃO, A.; SILVA, R. B.; (2019) — Interculturalidade Portugal-China: as evidências arqueológicas na Lisboa dos séculos XVI-XVII. Comunicação proferida no âmbito do II Congresso Internacional *Diálogos Interculturais Portugal-China*, promovido pela Universidade de Aveiro (14 de março).
- FERREIRA, S.; BARGÃO, A.; SILVA, R. B.; TORRES, J. B.; TEIXEIRA, A. (2021) — Um contexto dos inícios do século XVIII da Rua dos Correeiros (Baixa de Lisboa): revisão crítica dos dados da sondagem 14 (1991). In ANTUNES, A. S.; NOZES, C.; CARVALHINHOS, M.; LEITÃO, V., coord. — *Arqueologia em meio urbano. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 2, Lisboa, 2018. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal. p. 644-673.
- FERREIRA, S.; NEVES, C.; MARTINS, A.; TEIXEIRA, A. (2017) — Fragmentos da mesa nobre de uma cidade em transformação: porcelana chinesa num contexto de terramoto da Praça do Comércio (Lisboa). In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1 Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal. p. 458-477.
- FIGUEIREDO, M. O.; SILVA, T. P.; VEIGA, J. P.; DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2004) — Archaeology of Lisbon Old City: Ceramic Crucibles from pre-XVIII Century Metallurgical Foundries. *Applied Physics A. Materials Science and Processing*, 79, p. 327-329.
- FILIPPE, I. (2006) — Palácio dos Lumiares: Análise preliminar da ocupação moderna. *Era-Arqueologia*. Cruz Quebrada, 7, p. 110-125.
- FILIPPE, I.; FIGUEIREDO, A. (2007) — Necrópole do colégio de Santo Antão-o-Novo: síntese preliminar dos resultados arqueológicos e antropológicos. *Era-Arqueologia*. Cruz Quebrada, 8, p. 69-91.
- FILIPPE, V. (2013) — Sondagens arqueológicas de diagnóstico e avaliação no Largo Rafael Bordalo Pinheiro. *Al-Madan Online*, 18.1, p. 90-98.
- FILIPPE, V.; CALADO, M.; FIGUEIREDO, M.; CASTRO, A. (2013) — Intervenção arqueológica na Rua do Espírito Santo, Castelo (Lisboa). Do romano republicano à Época Contemporânea: dados preliminares. *Al-Madan Online*, 17.2, p. 6-12.
- FILIPPE, V.; HENRIQUES, J. P. (2018) — Cada sítio, uma história: a Arqueologia no projecto de Instalação de ilhas ecológicas em Lisboa. Conferência apresentada à Comissão de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses (15 de maio).
- FILIPPE, V.; HENRIQUES, J. P.; NEVES, D.; PARREIRA, C. (2021) — Tell Me Where You Eat, I Will Tell You How You Live. Late 15th Century Ceramic Consumption in the Mouraria Neighborhood, Lisboa. Comunicação apresentada ao *XIII Congress on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics*, promovido pela Association Internationale pour l'Étude des Céramiques Médiévales et Modernes en Méditerranée (12 de novembro).
- FILIPPE, V.; LEITÃO, M. (2017) — Um espaço, um pavimento da Casa dos Bicos no século XVI. In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, p. 164-167.
- FILIPPE, V.; SANTOS, R. (2017) — As termas romanas às Portas de Alfama. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 244-253.
- FLOR, P., coord. (2019) — *Praça Universal de todo o Orbe. Uma vista de Lisboa em 1619*. Lisboa: Museu de Lisboa, EGEAC, E. M.
- FLOR, P.; COUTINHO, M.; FERREIRA, S.; FLOR, S. (2014) — Grande panorama de Lisboa em azulejo: Novos contributos para a fixação da data, encomenda e autoria. *Revista de História da Arte*. Lisboa, 11, p. 87-105.
- FOLGADO, D. (2002) — O forno encontrado na escavação do Largo do Corpo Santo. In BARROS, L. M. B. V.; HENRIQUES, J. R., coord. — *Encontro de Arqueologia Urbana*, 3. Actas. Almada: Câmara Municipal. p. 177-192.
- FONSECA, C.; BETTENCOURT, J.; BRAZÃO, A.; CHOUZENOUX, C.; PINTO, M.; SILVA, T.; CARVALHO, P.; COELHO, I. P.; FREIRE, J. (2016) — Boa Vista 1 and Boa Vista 2: First Data on Two Early Modern Ships Discovered in Lisbon (Portugal). In NEGUERUELA MARTÍNEZ, I.; CASTILLO BELINCHÓN, R.; RECIO SÁNCHEZ, P., ed. lit. — *International Congress on Underwater Archaeology. A Heritage for Mankind*, 5, Cartagena, 2014. Proceedings. Cartagena: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. p. 957-967.
- FONSECA, C.; MIGUEZ, J.; BETTENCOURT, J.; QUILHÓ, T.; SIMÃO, I.; MATEUS, M.; FREITAS, T. (2017) — Portas de madeira reutilizadas em cofragens de época Pombalina (Campo das Cebolas, Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1873-1890.
- GARCIA, C.; BAPTISTA, B.; ALBUQUERQUE, A.; FRAGOSO, Í. (2021) — Campo das Cebolas e o seu património náutico. *Revista da Marinha*. [Em linha]. [Consult. fev. 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://revistadamarinha.com/>>.
- GARCIA, J. M. (1994) — Lisboa na Época dos Descobrimentos. *Al-Madan*. Almada. S. II, 3, p. 106.
- GARCIA, J. M. (2012) — A genealogia das imagens de Lisboa entre 1662 e 1707. *Rossio*. Lisboa, 0, p. 30-59.

- GARCIA, J. M. (2014) — A representação dos conventos de Lisboa cerca de 1567 na primeira planta de Lisboa. *Revista de História da Arte*. Lisboa. 11, p. 35-49.
- GARCIA, J. M. (2021) — Iconografia «da maior e mais nobre cidade do mundo»: observações sobre algumas imagens da Lisboa Quinhentista. *Mátria XXI*. Santarém. 10, p. 39-59.
- GARCIA, J. M., coord. (2005) — *História de Lisboa — Tempos Fortes*. Lisboa: Gabinete de Estudos Olistonenses, Câmara Municipal.
- GARCIA, S.; CAESSA, A.; MOTA, N. (2022) — Enteramentos no Largo do Coreto em Carnide: vestígios do cemitério da Ermida do Espírito Santo. *Arqueologia e História*. Lisboa. 70/71, p. 105-118.
- GASPAR, A. L.; GOMES, A. (2001) — Resultados preliminares das escavações arqueológicas no Castelo de S. Jorge. *Arqueologia Medieval*. Porto. 7, p. 95-102.
- GASPAR, A.; GOMES, A. (2012) — A cerâmica moderna do Castelo de S. Jorge: produção local de cerâmica comum, pintada a branco, moldada e vidrada e de faiança. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 2, p. 719-732.
- GASPAR, A.; GOMES, A. (2015a) — A alcáçova de Lisboa (séculos XIII a XVI). In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B., da coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autónoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, DMC, DPC. p. 79-81.
- GASPAR, A.; GOMES, A. (2015b) — Cerâmicas pintadas a branco do século XV/XVI encontradas no Castelo de São Jorge, Lisboa, Portugal. In GONÇALVES, M. J.; GÓMEZ-MARTÍNEZ, S., coord. — *Congresso Internacional A Cerâmica no Mediterrâneo*, 10, Silves. Actas. Silves: Câmara Municipal, p. 326-332.
- GASPAR, A.; GOMES, A.; MENDES, H. C.; PINTO, P.; GUERRA, S.; RIBEIRO, S.; PIMENTA, J.; VALONGO, A. (2009) — Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador — Castelo de S. Jorge, Lisboa. In ZOZAYA, J.; RETUERCE, M.; HERVÁS, M. Á.; JUAN, A. de, ed. lit. — *Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo*, 8, Ciudad Real, 2006. Actas. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. Tomo II, p. 653-672.
- GASPAR, A.; GOMES, A.; OLIVEIRA, T.; SERRA, S. (2014) — O Castelo de São Jorge de Lisboa — Escavação, musealização e gestão do património. *Arqueologia e História*. Lisboa. 64/65, p. 203-2016.
- GIL, A. C. C. (2016) — Memória Digital. Subtis permanências arquitectónicas conventuais. *Revista de História de Arte*. Lisboa. Série W. 5, p. 119-137.
- GOMES, A. (2015) — A dinâmica portuária da Ribeira ocidental de Lisboa. In SÁEZ DE LA FUENTE, I.; GARCÍA, C. T.; GONZÁLEZ DE ALAIZA, L. E.; HERNÁNDEZ BELOQUI, B.; ÁLVAREZ, C. H., coord. — *Arqueologías sociales. Arqueología en Sociedad. Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*, 7, Vitoria-Gasteiz, 2014. Atas. Vitoria-Gasteiz: Arkeogazte, IAS Arqueología. p. 17-26.
- GOMES, A. I. A. (2014) — *Os caes do sítio da Boavista no século XVIII: estudo arqueológico de estruturas portuárias*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Polycopiado.
- GOMES, A.; GASPAR, A.; VALONGO, A.; PINTO, P.; GUERRA, S.; RIBEIRO, S.; MENDES, H. C.; PIMENTA, J. (2009) — Cerâmicas medievais provenientes do Beco do Forno — Castelo de S. Jorge. In ZOZAYA, J.; RETUERCE, M.; HERVÁS, M. Á.; JUAN, A. de, ed. lit. — *Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo*, 8, Ciudad Real, 2006. Actas. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. Tomo II, p. 955-962.
- GOMES, A.; GASPAR, A.; PIMENTA, J.; GUERRA, S.; MENDES, H.; RIBEIRO, S.; VALONGO, A.; PINTO, P. (2003) — Castelo de São Jorge — balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Estudos/Património*. Lisboa. 4, p. 214-224.
- GOMES, M. V. (2021) — Marfins afro-portugueses em contexto arqueológico. In HORTA, J. S.; ALMEIDA, C.; MARK, P., ed. lit. — *African Ivories in the Atlantic World, 1400-1900*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. p. 503-533.
- GOMES, M. V. (2022) — Marfins afro-portugueses de São Vicente de Fora (séculos XV-XVI). *Arqueologia e História*. Lisboa. 70/71, p. 207-218.
- GOMES, M. V.; CASIMIRO, T. M.; MANSO, C. R. (2020) — Afro-portuguese ivories from Sierra Leone and Nigeria (Yoruba and Benin kingdoms) in archaeological contexts from Southern Portugal. *African Art. Los Angeles*. 53.4, p. 24-37.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (2007) — Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa — Resultados preliminares. *Olisipo*. Lisboa. Série II, 27, p. 75-92.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; BOAVIDA, C.; GONÇALVES, J. (2022) — Espólios funerários do Convento de Santana em Lisboa (campanha de 2002-2003). *Arqueologia e História*. Lisboa. 70/71, p. 73-90.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M. (2015) — Convents, Monasteries and Porcelain: a Case Study of Santana Convent, Lisbon. In BUXEDA I GARRIGÓS, J.; MADRID I FERNÁNDEZ, M.; IÑÁÑEZ, J. G., ed. lit. — *Global Pottery I. Historical Archaeology and Archaeometry for Societies in Contact*. Oxford: Archaeopress. p. 93-101. (British Archaeological Reports I.S.; 2761).
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M. (2016) — Portuguese Faience in Santana Convent,

- Lisbon. In GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V., ed. lit. — *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, 1, Zaragoza, 2016. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa. p. 79-90.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; GONÇALVES, J. (2017) — Objectos produzidos em matérias duras de origem animal, do Convento de Santana, de Lisboa. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal. p. 84-105.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; GONÇALVES, J. (2020) — Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa. *Arqueologia e História*. Lisboa. 70, p. 295-312.
- GOMES, P. V. (2003) — *Damnatio Memoriae*. A arquitectura dos marqueses de Castelo Rodrigo. In COLOMER, J. L., dir. — *Arte y Diplomacia de la Monarquía Hispánica en el siglo XVII*. Madrid: Fernando Villaverde Ediciones, Casa de Velásquez. p. 351-378.
- GOMES, R. V. (2006) — O ensino da Arqueologia na Universidade Nova de Lisboa. *Al-Madan*. Almada. S. II, 14, p. 124.
- GOMES, R. V. (2012) — A arqueologia da Idade Moderna em Portugal — contributos e problemáticas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 2, p. 13-75.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V.; ALMEIDA, M.; BOAVIDA, C.; NEVES, D.; HAMILTON, K.; SANTOS, C. (2023) — Convento de Santana (Lisboa). Estudo preliminar do espólio da fossa 7. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1057-1066.
- GOMES, S. M.; PONCE, M.; FILIPE, V. (2017) — A intervenção arqueológica no âmbito do Projecto de Arquitectura «Apartamentos Pedras Negras» (Lisboa). In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal. p. 348-365.
- GONÇALVES, J.; GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (2021) — Selos alfandegários do Convento de Santana de Lisboa. Comunicação proferida no âmbito do III Encontro de Arqueologia de Lisboa, promovido pelo Centro de Arqueologia de Lisboa (18 de novembro).
- GONÇALVES, J.; GOMES, R. V.; GOMES, M. V. (2020) — Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana de Lisboa (anéis, braceletes e contas). In ARNAUD, J. M.; NEVES, C.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal 2020 — Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1815-1836.
- GONÇALVES, V. S.; FABIÃO, C. (2006) — Faculdade de Letras de Lisboa: os primeiros ciclos de ensino da Arqueologia, de acordo como o modelo derivado dos «Protocolos de Bolonha». *Al-Madan*. Almada. 14, S. II, p. 122-123.
- GONZALEZ, C. (2012) — Os novos espaços da cidade moderna: uma aproximação à Ribeira de Lisboa através de uma Intervenção no Largo do Terreiro do Trigo. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 1, p. 85-94.
- GSCHWEND, A. J.; LOWE, K. J. P. (edit.) (2015) — *The Global City. On the Streets of Renaissance Lisbon*. Verona: Paul Holberton Publishing.
- HENRIQUES, A. C. (2003) — *Museu Nacional de Arte Antiga. Roteiro*. Lisboa: Instituto Português dos Museus, Edições Asa.
- HENRIQUES, I. C. (2021) — *Roteiro histórico de uma Lisboa Africana. Séculos XV-XXI*. Lisboa: Edições Colibri.
- HENRIQUES, J. P. (2012) — Do Oriente para Ocidente: contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de época moderna. Estudo de três contextos arqueológicos de Lisboa. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 2, p. 919-932.
- HENRIQUES, J. P.; CASIMIRO, T.; FILIPE, V.; VIEIRA, V. N.; NEVES, D. (2021) — O dia em que a casa foi abaixo: evidências de ambiente doméstico em meados do século XVIII. In ANTUNES, A. S.; NOZES, C.; CARVALHINHOS, M.; LEITÃO, V., coord. — *Arqueologia em meio urbano. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 2, Lisboa, 2018. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 408-441.
- HENRIQUES, J. P.; FILIPE, V. (2021) — Out of Context Objects and their Significance. Presence of Iranian ceramic in Lisbon. Poster apresentado ao *XIII Congress AIECM3 on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics*, promovido pela Association Internationale pour l'Étude des Céramiques Médiévales et Modernes en Méditerranée (13 de novembro).
- HENRIQUES, J. P.; FILIPE, V. coord. (2020) — *O dia em que a casa veio abaixo — roteiro da exposição*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa — Câmara Municipal.
- HENRIQUES, J. P.; FILIPE, V.; CASIMIRO, T. M.; KRUS, A. (2019) — Vestígios de produção oleira dos finais do século XV (Escadinhas da Barroca, Lisboa).

In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I., ed. lit. — *Extraire e produzir... Dos primeiros artefactos à Industrialização*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Secção de Arqueologia; Sociedade de Geografia de Lisboa. p. 109-121. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 3).

HENRIQUES, J. P.; FILIPE, V.; CASIMIRO, T. M.; KRUS, A. (2021) — By fire and clay. A late 15th century pottery workshop In Lisbon. In PETRIDIS, P.; YANGAKI, A. G.; LIAROS, N.; BIA, E.-E., ed. lit. — *Congress on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics — Proceedings*, 12, Athens, 2018. Athens: Institute of Historical Research, National Hellenic Research Foundation, AIECM3 — Associação Internacional para o Estudo da Cerâmica Medieval e Moderna no Mediterrâneo. vol. 1, p. 41-52.

HENRIQUES, P. (Int.) (2004) — *Lisboa antes do Terramoto. Grande vista da cidade, entre 1700-1725. Antologia de textos sobre Lisboa do século XV ao século XVII*. Miraflores: Gótica.

JOAQUINHO, A. (2017a) — A tijoleira quinhentista no Pátio José Pedreira (Rua do Recolhimento, freguesia de Santa Maria Maior). In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. p. 172-175.

JOAQUINHO, A. (2017b) — Estruturas pré-pombalinas e espólio associado no Pátio José Pedreira (Rua do Recolhimento e Beco do Leão, freguesia Santa Maria Maior). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1767-1780.

KRUS, A.; CAMEIRA, I.; MARTINGIL, M. (2017) — Rua do Comércio n.º 1 a 13, Lisboa: metamorfose espacial. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 414-425.

KRUS, A.; HENRIQUES, J. P.; VIEIRA, V. N. (2021) — «Cerca Fernandina»: Rua do Terreiro do Trigo, 6-26, Alfama. In ANTUNES, A. S.; NOZES, C.; CARVALHINHOS, M.; LEITÃO, V., coord. — *Arqueologia em meio urbano. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 2, Lisboa, 2018. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal. p. 285-300.

KRUS, A.; MANSO, C. M. (2016) — A faiança portuguesa — Testemunhos da produção oleira na Rua das Madres (Santos-o-Velho, Lisboa). In GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V., ed. lit. — *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, 1, Zaragoza, 2016. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa. p. 13-26.

LEITÃO, M. (2014) — Muralhas de Lisboa. *Rossio — Estudos de Lisboa*, Lisboa, 3, p. 66-79.

LEITÃO, M. (2015) — Um palácio na Ribeira de Lisboa. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B., da coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal, DMC, DPC. p. 86-88.

LEITÃO, M.; CALADO, M. (2015) — Banhos termais no século XVI: um exemplo em Alfama. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B., da coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal, DMC, DPC. p. 123-125.

LEITÃO, M.; GUERRA, S.; FILIPE, V. (2016) — A arqueologia e a sua convivência com o projecto de estruturas: o exemplo da Intervenção do Chafariz del'Rei e edificado envolvente. *Rossio — Estudos de Lisboa*. Lisboa, 6, p. 68-83.

LEITÃO, V.; HENRIQUES, J. P. (2014) — A ocupação Pré-histórica na Encosta de Sant'Ana. *Rossio — Estudos de Lisboa*. Lisboa, 3, p. 16-27.

LEITE, A. C. (1993) — O Hospital Real de Todos-os-Santos. In PEREIRA, P., dir. — *Hospital Real de Todos-os-Santos. Séculos XV a XVIII*. Lisboa: Câmara Municipal. p. 5-19.

LEITE, A. C. (2012) — Hospital Real de Todos-os-Santos. Uma obra moderna. In PENEDO, J., coord. — *Omnia Sanctorum. Histórias da História do Hospital Real de Todos-os-Santos e dos seus sucessores*. Lisboa: By the Book, Centro Hospitalar de Lisboa Central. p. 18-39.

LEITE, A. C. (2014) — Vestígios do Terramoto de 1755 em Lisboa. *Contributos da Arqueologia. Rossio — Estudos de Lisboa*. Lisboa, 3, p. 88-101.

LEITE, A. C.; RIJO, D.; GARCIA, J. M.; SILVA, M. F. (2019) — Uma vista desconhecida de Lisboa antes do Terramoto: problemáticas e possibilidades. In CARITA, H.; GARCIA, J. M., coord. — *A imagem de Lisboa. O Tejo e as Leis Zenonianas da Vista do Mar*. Lisboa: Gabinete de Estudos Olisiponenses, CML. p. 7-45.

LEMOS, F. S. (2002) — Arqueologia Urbana em Portugal: A cidade, o poder e o conhecimento. *Arqueologia e História*. Lisboa, 54, p. 245-253.

LEMOS, F. S.; MARTINS, M. (1992) — A Arqueologia Urbana em Portugal. *Penélope* 7, p. 93-103.

LEÓNIDAS, J.; MATEUS, M.; NETO, N.; DETRY, C. (2021) — Segredos do Palácio da Inquisição (Lisboa): contextos, espólio e restos faunísticos. Comunicação proferida no âmbito do III Encontro de Arqueologia de Lisboa, promovido pelo Centro de Arqueologia de Lisboa (19 de novembro).

LIMA, M. C.; NETO, M. J. B. (2017) — Duas catástrofes históricas: o Grande Incêndio de Londres e o Terramoto de Lisboa de 1755 — efeitos no património artístico e atitudes de recuperação. *Conservar Património*. Lisboa, 25, p. 37-41.

- LISBOA SUBTERRÂNEA (1994). Milão: Electa; Lisboa 94.
- LOPES, F. M. P.; BASTOS, M. A. (2019) — *Devoção e Fé. Registo em azulejo na cidade de Lisboa*. Lisboa: EGEAC, EM, Museu de Lisboa.
- LOPES, L. A.; CARDOSO, H. F. V. (2000) — Possível caso de sífilis em fémur e tibia direitos de um indivíduo proveniente do carneiro da segunda capela da epístola do Convento do Carmo de Lisboa (séculos XVI-XIX?). In ABREU, M. S.; ALONSO MATHIAS, F.; BADAL GARCIA, E.; CUNHA, E.; ETXEBERRIA, F.; FIGUEIRAL, I.; JUAN I TRESSERRES, J.; RIVERO, P.; RUBINOS PÉREZ, A., coord. — *Contributos das ciências e das tecnologias para a Arqueologia da Península Ibérica. Congresso de Arqueologia Peninsular*, 3, Vila Real, 1999. Actas. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação da Arqueologia Peninsular. vol. 9, p. 459-468.
- LOPES, L.; NETO, M. C. (1999) — Notas sobre alguns aspectos antropológicos dos restos humanos exumados na igreja do antigo Convento do Carmo de Lisboa. *Arqueologia e História*. Lisboa. 51, p. 205-219.
- LOPES, M.; MESQUITA, T. (2020) — Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2020 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1733-1746.
- LOURENÇO, M. A. (2011) — Algumas reflexões acerca dos objectos religiosos encontrados nas escavações no claustro da Academia das Ciências de Lisboa. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa: Classe de Ciências*. Lisboa. Tomo XLIII, vol. II (2006/2007), p. 49-76.
- LOURENÇO, M.; SIMÃO, I.; EVANGELISTA, L. S.; FURTADO, C. (2022) — Debaixo do vão de escada: O inusitado conjunto osteológico humano do extinto Tribunal da Boa Hora, Lisboa. *Arqueologia e História*. Lisboa. 71/72, p. 119-129.
- MACEDO, M. L.; SILVA, I. M.; LOPES, G. C.; BETTENCOURT, J. (2017) — A dimensão marítima do Boqueirão do Duro (Santos, Lisboa) nos séculos XVIII e XIX: primeiros resultados arqueológicos. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1915-1924.
- MAGALHÃES, J. R., ed. lit. (1997) — *Cartografia de Lisboa. Séculos XVII a XX*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Catálogo.
- MANGUCCI, C. (2015) — O painel de azulejos de composição geométrica do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros. In BUGALHÃO, J., coord. — *Uma casa pré-pombalina na Baixa Lisboeta. Núcleo arqueológico da Rua dos Correiros*. Lisboa: Centro de História de Aquém e Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. p. 69-71. (*ArqueoArte*; 3).
- MANSO, C. R.; FILIPE, V. (2019) — A importação de majólica em Lisboa — o caso do Largo do Chafariz de Dentro. *Arqueologia e História*. Lisboa. 69, p. 55-64.
- MANSO, C. R.; OLIVEIRA, J. M. (2018) — *Muralha Fernandina do Quartel da Graça: novos elementos*. Conferência proferida no âmbito do projecto «Arqueologia no Bairro». Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa (25 de setembro).
- MANSO, C. R.; OLIVEIRA, J. M.; GARCIA, A. C. (2017) — O mercado da Ribeira Velha do século XVI: revestimentos e argamassas. In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. p. 160-163.
- MANSO, C.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V. (2021) — Afro-Portuguese ivories from Campo das Cebolas (Lisbon, Portugal). In HORTA, J. S.; ALMEIDA, C.; MARK, P., ed. lit. — *African Ivories in the Atlantic World, 1400-1900*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. p. 535-550.
- MARQUES, A. A. C.; BASTOS, M. A. (2013) — Subsídios arqueológicos para a História do Convento do Carmo (Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1091-1101.
- MARQUES, A. A. C.; MURALHA, J.; FERNANDES, L.; LEITÃO, M.; CARVALHINHOS, M.; SILVA, R. B. (1999) — Serviço de Arqueologia no Museu da Cidade de Lisboa: escavações e projectos de Intervenção. *Al-Madan*. Almada. S. II, 8, p. 87-92.
- MARQUES, A.; FERNANDES, L. (2006) — Palácio dos Marqueses de Marialva. Intervenção Arqueológica na Praça Luís de Camões (Lisboa, 1999-2000). *Estudos/Património*. Lisboa. 9, p. 195-206.
- MARQUES, A.; LEITÃO, E.; BOTELHO, P. (2012) — Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa — Mouraria/Intendente): entre a nova e a velha cidade, aspectos da sua evolução urbanística. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 1, p. 123-134.
- MARQUES, A.; SANTOS, R. (2022) — As necrópoles da Igreja e Convento do Carmo: Intervenção arqueológica (2013/2015). *Arqueologia e História*. Lisboa. 70/71, p. 91-104.
- MARQUES, J. A. F.; LOPES, G. A. S. G. (2019) — Ribeira das Naus: apontamentos da intervenção efectuada em 1995. *Arqueologia e História*. Lisboa. 69, p. 81-86.

MARQUES, J. A.; SANTOS, V. M. (1996) — Intervenção arqueológica de emergência na Baixa de Lisboa. *Al-Madan*. Almada. S. II. 5, p. 201.

MARQUES, J.; FELÍCIO, C.; SOUSA, F.; BARGÃO, A.; FERREIRA, S. C.; SILVA, R. B. (2021) — A majólica italiana na intervenção arqueológica de 1995 na Ribeira das Naus — Pátio da Marinha (Santa Maria Maior). Comunicação proferida no âmbito do III Encontro de Arqueologia de Lisboa, promovido pelo Centro de Arqueologia de Lisboa (18 de novembro).

MARTINGIL, M. (2017) — Testemunhos arqueológicos na Rua do Jardim do Regedor n.º 10 a 32, Lisboa. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 426-439.

MARTINGIL, M.; ALMEIDA, M. (2021) — Diacronias ocupacionais na Calçada do Combro, n.º 71/75, Lisboa — vivências e materialidades. Comunicação proferida no âmbito do III Encontro de Arqueologia de Lisboa, promovido pelo Centro de Arqueologia de Lisboa (19 de novembro).

MARTINS, A. C. R. (2000) — *Tampas de Faiança e de Porcelana do Convento de Santa Ana*. Trabalho apresentado à Universidade Nova de Lisboa (policopiado, não publicado).

MASCARENHAS, A. J. M., coord. (2005) — *Os engenhos militares e o Terramoto de 1755. Trabalhos e consequências*. Lisboa: Direcção dos Serviços de Engenharia. Roteiro.

MASCARENHAS, J. (2002) — A Baixa Pombalina em Lisboa. In BARROS, L. M. B. V.; HENRIQUES, J. R., coord. — *Encontro de Arqueologia Urbana*, 3. Actas. Almada: Câmara Municipal. p. 333-334.

MATA, V.; NETO, N.; REBELO, P. (2017) — Construções em taipa de época Medieval e Moderna: o exemplo do Chiado. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1539-1550.

MATEUS, J. E. (2003) — Arqueologia ambiental sob a tutela da cultura: uma experiência com 20 anos, um desafio para a Arqueologia. In MATEUS, J. E.; MORENO-GARCÍA, M., ed. lit. — *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a arqueologia sob tutela da Cultura*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. p. 21-32. (Trabalhos de Arqueologia; 29).

MATEUS, J. M., coord. (2004) — *A Baixa Pombalina e a sua importância para o Património Mundial*. Lisboa: Câmara Municipal.

MATEUS, M.; SIMÃO, I.; OLIVEIRA, F.; SOUTA, R. (2017) — Os potes *martaban* provenientes da antiga Ribeira Velha, Lisboa. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1849-1862.

MATOS, J. S.; PAULO, J. F. (2013) — *Um sítio na Baixa. A sede do Banco de Portugal*. Lisboa: Museu do Dinheiro, Banco de Portugal.

MATOS, M. A. P., coord. (2019) — *Memórias de uma oficina esquecida. Uma intervenção arqueológica no Largo das Olarias*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo. Catálogo.

MEDICI, T. (2011) — O espólio vítreo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, p. 313-353.

MEDICI, T. (2014) — *Vidros da Terra. O vidro tardomedieval e moderno em Portugal (séculos XIV-XVII). O contributo da Arqueologia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2 vol. Policopiado.

MIGUEL, C. (2009) — Almofarizes de Época Moderna: estudo dos exemplares do antigo Palácio dos Marqueses de Marialva (Praça Luís de Camões, Lisboa). *Olisipo*. Lisboa. S. II, 29/30, p. 114-131.

MIGUEZ, J.; FONSECA, C.; QUILHÓ, T.; BETTENCOURT, J.; SILVA, T. (2021) — Estudo arqueológico das fundações dos edifícios de Época Moderna da Baixa de Lisboa: a estacaria de madeira do Campo das Cebolas. In ANTUNES, A. S.; NOZES, C.; CARVALHINHOS, M.; LEITÃO, V., coord. — *Arqueologia em meio urbano. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 2, Lisboa, 2018. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 490-523.

MIGUEZ, J.; SARRAZOLA, A. (2017) — Rua de Santiago: tanques romanos na requalificação do edifício sito no n.º 10-14. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 70-83.

MIMOSO, J. M.; PAIS, A.; MARQUES, A.; ESTEVES, M. L.; PEREIRA, S. R. M.; ANTUNES, M. A.; CARDOSO, A. M.; CANDEIAS, A. (2020) — 16th Century Azulejos Excavated in Lisbon: a Tile with Arabesque Designs Found at Terraços do Carmo. *Studies in Heritage Glazed Ceramics*. Lisboa. 2, p. 35-50.

MIMOSO, J. M.; PEREIRA, S. R. M.; PAIS, A.; ANTUNES, M. A.; CARDOSO, A. M.; ESTEVES, M. L.; CANDEIAS, A. (2019) — A Comparison of the Earliest Faience Tiles Produced in Lisbon with Earlier and Later Types. *Studies in Heritage Glazed Ceramics*. Lisboa. 1, p. 25-45.

MOITA, I. (1964-1966) — Hospital Real de Todos-os-Santos — I. Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960. *Revista Municipal*. Lisboa. N.º 101-102, 104-105, 106-107, 108-109, 110-111, p. 76-100, 25-103, 7-57, 7-55, 41-59.

MOITA, I. (1972) — Noticiário arqueológico e artístico. *Revista Municipal*. Lisboa. 134-135, p. 92-94.

- MOITA, I. (1993) — O Hospital Real de Todos-os-Santos. Enfermarias — Aposentadorias — Serviços. In PEREIRA, P., dir. — *Hospital Real de Todos-os-Santos. Séculos XV a XVIII*. Lisboa: Câmara Municipal. p. 40-48.
- MOITA, I. (1994a) — O Hospital Real de Todos-os-Santos. In *Lisboa Subterrânea* (1994). Milão: Electa; Lisboa 94. p. 118-125.
- MOITA, I., coord. (1994b) — *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MONTEIRO, J. S.; NASCIMENTO, M., coord. (2019) — *O Lugar do Torreão: imagem de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, EGEAC. Catálogo.
- MONTEIRO, M.; ANTÓNIO, T. (2013) — Vestígios arqueológicos na Casa Portela Santos (Carnide, Lisboa). *Emérita. Estudos de Arqueologia e Património Cultural*. Oeiras. 1, p. 74-112.
- MONTEIRO, M.; CARDOSO, G. (2016) — Vestígios arqueológicos identificados no Largo da Praça (Carnide, Lisboa). *Emérita. Estudos de Arqueologia e Património Cultural*. Oeiras. 2, p. 46-62.
- MONTEIRO, P. A. R. (2005) — Efeitos do Terramoto de 1755 nos conventos de Lisboa: Os casos dos conventos de Sant'Ana e de Nossa Senhora da Conceição das Agostinhas Descalças (Grilas). *Olisipo*. Lisboa. S. II, 22/23, p. 50-61.
- MOTA, N. M. (2006) — Uma casa de pasto do século XIX no Palácio dos Marquês de Marialva. Evolução e reaproveitamento de um espaço. *Estudos/Património*. Lisboa. 9, p. 213-217.
- MURALHA, J.; COSTA, C.; CALADO, M. (2011) — Intervenções arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). *Al-Madan*. Almada. S. II, 11, p. 245-246.
- MURTEIRA, H. (2004) — Lisboa antes de Pombal: crescimento e ordenamento urbanos no contexto da Europa Moderna (1640-1755). *Monumentos*. Lisboa. 21, p. 50-57.
- NABAIS, A. J. C. M. (1994) — O estuário do Tejo: duas margens do mesmo rio. In *Lisboa Subterrânea* (1994). Milão: Electa; Lisboa 94. p. 100-104.
- NASCIMENTO, R. (2012) — Ribeira das Naus hoje: a perene relação de Lisboa com o Tejo. Dos estaleiros navais do Renascimento ao antigo Arsenal da Marinha. Subsídios da arqueologia. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 2, p. 627-632.
- NETO, J. L. (2005) — O palácio dos Duques de Bragança: as glórias e as vicissitudes. *Olisipo*. Lisboa. 2.ª Série. 22/23, p. 62-72.
- NETO, M. C.; SERRÃO, E. da C.; SANTANA, F. (1993) — Escavações de dois carneiros nas ruínas da Igreja de N.ª Sr.ª do Vencimento do Monte do Carmo. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série 10, 3, p. 223-228.
- NETO, M.ª C.; LOPES, L. (1989) — Algumas considerações sobre os achados ósseos da 2.ª capela da Epístola da Igreja do Carmo de Lisboa. In *Actas do Colóquio Comemorativo dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo em Lisboa*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 149-153.
- NETO, N.; REBELO, P.; MATA, V. (2017) — A Cerca Fernandina: Das Portas de Santa Catarina ao Postigo do Duque — Lisboa. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 286-297.
- NEVES, C. A. (2014) — Identificação de uma estrutura portuária no Terreiro do Paço (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 17, p. 263-272.
- NEVES, C. A.; MARTINS, A.; LOPES, G.; BLOT, M. L. (2012) — Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio (Lisboa): identificação de vestígios arqueológicos de natureza portuária num subsolo urbano. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 2, p. 613-626.
- NEVES, C.; MARTINS, A. (2017) — Andar no Terreiro do Paço: identificação de pavimentos pré-pombalinos na Praça do Comércio. In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. Lisboa: Câmara Municipal. p. 156-159.
- NEVES, C.; MARTINS, A.; LOPES, G. (2014) — Lisboa pré-pombalina: vestígios do Terreiro do Paço no subsolo da Praça do Comércio. *Rossio — Estudos de Lisboa*. Lisboa. 3, p. 52-65.
- NEVES, C.; MARTINS, A.; LOPES, G. (2017) — Identificação e caracterização de uma estrutura seiscentista: O Baluarte do Terreiro do Paço. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal, p. 496-509.
- NOZES, C.; SILVA, R. B.; MIRANDA, P. (2007) — Beco do Espírito Santo, n.º 12-14 (Santo Estêvão, Alfama) — 2005/2006. In FERNANDES, L., coord. — *A Arqueologia de Lisboa: Sessões no Museu da Cidade*. Lisboa: Divisão de Museus e Palácios. p. 23. [Em linha]. [Consult. maio 2009]. Disponível em WWW: URL: <http://www.museudacidade.pt-Museu da Cidade: Arqueologia>.
- NOZES, C.; SOUSA, M. M.; BARGÃO, A.; FERREIRA, S. C.; PIMENTA, J.; SILVA, R. B.; MIRANDA, P. (2021) — Os objectos singulares seiscentistas do Beco do Espírito Santo (Santa Maria Maior) e a expressão material dos pescadores e mareantes lisboetas de

Alfama. Comunicação proferida no âmbito do III Encontro de Arqueologia de Lisboa, promovido pelo Centro de Arqueologia de Lisboa (19 de novembro).

NUNES, M. A. M. (2020) — *A Mouraria de Lisboa no século XV: o sítio arqueológico do Beco de São Marçal*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.

NUNES, T.; FILIPE, I. (2012) — Quarteirão dos Lagares: contributo para a história económica da Mouraria. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 1, p. 141-150.

OLIVEIRA, F. A. S. (2012) — Espólio de Idade Moderna, proveniente do Beco das Barrelas, Alfama, Lisboa. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.

OLIVEIRA, F. S. (2016) — O consumo de faiança numa habitação lisboeta, do século XVI à primeira metade do século XVIII (Beco das Barrelas, Lisboa). In GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V., ed. lit. — *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, 1, Zaragoza, 2016. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa. p. 101-110.

OLIVEIRA, F. S. (2019) — Produção de cachimbos de barro na Rua Damasceno Monteiro (Olarias de São Gens), Lisboa: um contributo para o seu estudo. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 13, p. 67-73.

OLIVEIRA, F. S.; BROCHADO, S. V. (2016) — Produções cerâmicas manuais do Período Moderno — um contributo para o seu estudo. In COELHO, I. P.; TORRES, J. B.; GIL, L. S.; RAMOS, T., coord. — *Entre ciência e cultura: da Interdisciplinaridade à transversalidade. Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, 8, Lisboa, 2015. Actas. Lisboa: Centro de História Além-Mar, Instituto de Estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. p. 251-260.

OLIVEIRA, F. S.; SILVA, R. B. (2016a) — Comercialização de subprodutos do fabrico de faiança: o caso do Beco das Barrelas (Lisboa). In GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V., ed. lit. — *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, 1, Zaragoza, 2016. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa. p. 39-48.

OLIVEIRA, F. S.; SILVA, R. B. (2016b) — Faiança portuguesa dos contextos de abandono do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os dados do poço SE do claustro Nordeste. In GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V., ed. lit. — *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, 1, Zaragoza, 2016. Lisboa: Instituto

de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa. p. 91-100.

OLIVEIRA, F.; MIGUEZ, J.; FURTADO, C.; COSTA, C. (2017) — Caracterização da ocupação Tardo-medieval na Rua da Prata 221-231 e Rua dos Correeiros 158-168, Lisboa. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1567-1580.

OLIVEIRA, F.; VIEIRA, V. (2013) — A evolução de um contexto habitacional de Idade Moderna, no Beco das Barrelas, Alfama. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1033-1040.

OLIVEIRA, N. (Frei) (1620) — *Livro das Grandezas de Lisboa*. Lisboa: Jorge Rodrigues.

PAIS, A.; SEQUEIRA, M. J.; MONGE, M. J.; ESTEVES, M. L.; CASTANHEIRA, I.; VALONGO, A.; MANSO, C.; FILIPE, V.; CARDOSO, A. M.; MIMOSO, J. M. (2018) — 16th Century Azulejos — What Lies Beneath the Ground of Lisbon? In PEREIRA, S.; MENEZES, M.; RODRIGUES, J. D., ed. lit. — *Proceedings of the GlazeArt 2018 — International Conference Glazed Ceramics and Cultural Heritage*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil. p. 298-312.

PAIS, J.; MONIZ, C.; CABRAL, J.; CARDOSO, J. L.; LEGOINHA, P.; MACHADO, S.; MORAIS, M. A.; LOURENÇO, C.; RIBEIRO, M. L.; HENRIQUES, P.; FALÉ, P. (2006) — *Notícia explicativa da Folha 34-D Lisboa. Carta Geológica de Portugal na escala 1:50000*. Lisboa: Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação.

PAULA, N. M. A. (2019) — *A produção oleira na Lisboa dos séculos XVI e XVII: um forno cerâmico no Largo das Olarias (Mouraria)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.

PEREIRA, F. A. B. (1994) — Lisboa porta do Atlântico. A construção da imagem da capital do Império Português nos séculos XV e XVI. In *Lisboa Subterrânea* (1994). Milão: Electa; Lisboa 94. p. 92-99. Catálogo.

PEREIRA, P. (2020) — A arquitetura do edifício: antecedentes, comparações e paralelos. In ALBERTO, E., coord. — *O Hospital Real de Todos-os-Santos: Lisboa e a saúde*. Lisboa: Câmara Municipal, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. p. 73-118.

PEREIRA, P., dir. (1993) — *Hospital Real de Todos-os-Santos — séculos XV a XVIII*. Lisboa: Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Catálogo.

PIMENTA, J.; CALADO, M.; SILVA, R. B. (2008) — Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge, em Lisboa. In DIOGO, J. M., coord. — *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval — Métodos e Resultados para o seu Estudo*, 4, Tondela, 2000. Actas. Tondela: Câmara Municipal. p. 335-353.

- PINHEIRO, H. I. H. (2015) — *Arqueologia urbana em Lisboa: o Convento do Carmo entre os séculos XIV e XIX*. Relatório de Estágio de Mestrado em Arqueologia apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.
- PINTO, A. S. (2009) — A utilização de cerâmica doméstica na arquitectura: a propósito do antigo Palácio dos Marques de Marialva (Praça Luís de Camões, Lisboa). *Olisipo*. Lisboa. S. II, 29/30, p. 90-113.
- PINTO, M.; FILIPE, I.; MIGUEL, L. (2011) — Os cachimbos de caulino provenientes do Mercado da Ribeira: contributo para a história sócio-económica da Lisboa Moderna. *Apointamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 7, p. 41-47.
- PIRES, N. F. P. (2022) — S. Vicente de Fora — meio século de actividade arqueológica. *Arqueologia e História*. Lisboa. 70/71, p. 235-248.
- PONCE, M.; MACEDO, M. L.; SARRAZOLA, A.; FREITAS, T. A. (2017a) — A rampa dos escaleréis reais da Cordoaria Nacional: primeiros sinais do fim do Império. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 510-515.
- PONCE, M.; OLIVEIRA, F.; NUNES, T.; PINTO, M.; LOURENÇO, M. (2017b) — O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1703-1714.
- PONCE, M.; SARRAZOLA, A. (2018) — Uma rampa entre Lisboa e o Mundo. In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I., ed. lit. — *Meios, vias e trajectos... Entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa; Secção de Arqueologia, Sociedade de Geografia de Lisboa. p. 200-204. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 2).
- PRATA, S.; DIAS, D.; CUESTA-GÓMEZ, F. (2013) — A memória de um espaço urbano: trabalhos de acompanhamento arqueológico na reabilitação do n.º 2 da Rua da Saudade (Freguesia de Santiago, Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1041-1048.
- QUEIROZ, P. F.; MATEUS, J.; PEREIRA, T. (2005) — *Estudo Arqueobotânico preliminar de um depósito de entulho quinhentista do edifício do Aljube — Lisboa*. Lisboa: Centro de Investigação e Paleoecologia e Arqueociências, Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos do CIPA; 93).
- RAGGI, G. (2020) — *O projecto de D. João V. Lisboa Ocidental, Mafra e o urbanismo cenográfico de Filippu Juvara*. Lisboa: Caleidoscópio.
- RAMALHO, M. M. (2004) — Intervenção arqueológica no jardim do Mosteiro dos Jerónimos. *Estudos/Património*. Lisboa. 7, p. 168-174.
- RAMALHO, M. M. (2011) — Arqueologia da arquitectura no Convento do Santíssimo Sacramento — primeiros resultados. *Revista Património/Estudos*. Lisboa. 11, p. 86-89.
- RAMALHO, M. M. (2015a) — Uma casa pré-pombalina na Baixa lisboeta: história e urbanismo. In BUGALHÃO, J., coord. — *Uma casa pré-pombalina na Baixa Lisboeta. Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Centro de História de Aquém e Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. p. 13-18. (ArqueoArte; 3).
- RAMALHO, M. M. (2015b) — O Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B., da coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, DMC, DPC. p. 82-85.
- RAMALHO, M. M. (2016) — Memórias e vestígios arqueológicos de quatro casas religiosas de Lisboa: Convento de São Francisco, Casa Professa de São Roque, Casa do Espírito Santo da Pedreira e Convento do Santíssimo Sacramento. *Revista de História de Arte*. Lisboa. Série W, 5, p. 138-159.
- RAMALHO, M. M. B. M.; FOLGADO, D. (2002) — Cerâmica modelada ou o requinte à mesa do Convento de S. Francisco de Lisboa. In BARROS, L. M. B. V.; HENRIQUES, J. R., coord. — *Encontro de Arqueologia Urbana*, 3. Actas. Almada: Câmara Municipal. p. 247-288.
- RAMALHO, M. M. B. M.; LOPES, C. C. (2002) — Real Barraca e Patriarcal da Ajuda (1756-1843). Estudo histórico e arqueológico. In BARROS, L. M. B. V.; HENRIQUES, J. R., coord. — *Encontro de Arqueologia Urbana*, 3, Almada, 1997. Actas. Almada: Câmara Municipal. p. 231-245.
- RAMALHO, M. M. B. M.; SOROMENHO, M.; NUNES, A.; SERPA, C.; SANTOS, A. L.; UMBELINO, C. (1999) — Da antiga Ermida à Igreja e Casa Professa de São Roque. Alguns vestígios arqueológicos e antropológicos. In BRANDÃO, E., coord. — *A Ermida Manuelina de São Roque*. Lisboa: Museu de São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. p. 17-35.
- RAMALHO, M. M.; SEQUEIRA, J. (2017a) — Os pavimentos perdidos do Convento de S. Francisco de Lisboa. In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. p. 168-171.
- RAMALHO, M. M.; SEQUEIRA, J. (2017b) — Caminhando sobre criptas e sepulturas: os pavimentos da Igreja de São Roque de Lisboa. In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. p. 176-179.

- RAMALHO, M. M.; VIEGAS, C. (1994) — Intervenção arqueológica nos armazéns do Chiado. In ARNAUD, J. M., dir. — *Jornadas Arqueológicas*, 5, 1993, Lisboa. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 243-252.
- RAMOS-PEREIRA, A.; ARAÚJO-GOMES, J.; TRINDADE, J. (2014) — Vestígios do *tsunami* de 1755, na zona de Belém ou o que esconde o novo Museu dos Coches. *Rossio — Estudos de Lisboa*. Lisboa. 3, p. 102-107.
- RAPOSO, M.; MUSSO, S. F. (2020) — Os programas decorativos dos interiores domésticos na Lisboa Pombalina: papel das fontes documentais para a sua leitura e conservação. *Al-Madan*. Almada. S. II, 23, p. 114-123.
- REMA, H. P. (2005) — O Convento de São Francisco da cidade de Lisboa nas contingências do Terramoto de 1755 — Testemunho de uma testemunha presencial. *Olisipo*, Lisboa. 2.ª Série, p. 44-49.
- RIBEIRO, F. (2013) — Vestígios da Lisboa romana encontrados entre a Rua dos Douradores e a Rua dos Fanqueiros. *O Corvo — Sítio de Lisboa*. [Em linha]. [Consult. nov. 2013]. Disponível em WWW: URL: <<https://ocorvo.pt/2013/06/17/vestigios-da-lisboa-romana-encontrados-entre-a-rua-dos-douradores-e-a-rua-dos-fanqueiros/>>.
- RIBEIRO, I.; POLICARPO, R. (2015) — *Segredos de Lisboa*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- RIBEIRO, J. A., coord. (2005) — *Memórias de uma cidade destruída. Testemunhos das igrejas da Baixa-Chiado*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- RIBEIRO, R. A.; NETO, N.; REBELO, P. (2017) — Os pavimentos de época Moderna dos antigos Armazéns Sommer. Lisboa. In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. p. 186-189.
- RIBEIRO, R. A.; NETO, N.; REBELO, P. (2019) — As mil e uma cidades de Lisboa nos antigos Armazéns Sommer. *Rossio — Estudos de Lisboa*. Lisboa. 8, p. 156-169.
- RIBEIRO, R. A.; NETO, N.; REBELO, P.; ROCHA, M. (2017) — Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos Armazéns Sommer (2014-2015). Três mil anos de história da cidade de Lisboa. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 222-245.
- ROCHA, A. (2014) — Uma muralha, vários percursos. *Rossio — Estudos de Lisboa*. Lisboa. 3, p. 80-87.
- ROCHA, A. (2015) — *A muralha de D. Dinis e a cidade de Lisboa: fragmentos arqueológicos e evolução histórica*. Lisboa: Banco de Portugal.
- ROCHA, A. (2017) — *Tempus Fugit. Vida, morte e memória na Igreja de São Julião*. Lisboa: Museu do Dinheiro, Banco de Portugal. Roteiro.
- ROCHA, A.; REPRESAS, J.; MIGUEZ, J.; INOCÊNCIO, J. R. (2013) — Edifício sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1011-1018.
- ROCHA, A.; REPRESAS, J. (2014) — (Re)fundações de Lisboa. Sobre um conjunto de estacaria pombalina. *Rossio — Estudos de Lisboa*. Lisboa. 3, p. 108-121.
- RODRIGUES, M. C. (2003a) — As contas de vidro como elemento de identidade do africano no passado cultural de Lisboa dos meados do século XV ao terramoto de 1755 — Um estudo sobre contas tipo «Nueva Cádiz» e «Chevron». *Zephyrus. Revista de Prehistória e Arqueologia*. Salamanca. LX, p. 279-301.
- RODRIGUES, M. C. (2003b) — A importância das contas longas de vidro de origem mediterrânica recolhidas na «Baixa Pombalina» de Lisboa. Contribuição para o estudo de contas tipo «Nueva Cadiz». *Zephyrus. Revista de Prehistória e Arqueologia*. Salamanca. LVI, p. 207-233.
- RODRIGUES, P. J. P. (2019) — *Estudo do cavername do navio do Cais do Sodré da 2.ª metade do século XV/inícios do século XVI*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural.
- RODRIGUES, P. J. P.; VALE, A. (2000) — Os navios de Lisboa. In JORGE, V. O., coord. — *Congresso de Arqueologia Peninsular*, 3, Vila Real, 1999. Actas. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação da Arqueologia Peninsular. vol. 8, p. 453-467.
- RODRIGUES, P.; ALVES, F.; RIETH, E.; CASTRO, L. F. (2001) — L'épave d'un navire de la deuxième moitié du XV^{ème} siècle/début du XVI^{ème}, trouvé au Cais do Sodré (Lisbonne). Note préliminaire. In ALVES, F., ed. lit. — *Proceedings of the International Symposium on Archaeology of Medieval and Modern Ships of Iberian-Atlantic Tradition — Hull Remains, Manuscripts and Ethnographic Sources: A Comparative Approach*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. p. 347-380 (Trabalhos de Arqueologia; 18).
- ROLLO, M. F.; BUESCU, A. I.; CARDIM, P., coord. (2007) — *História e ciência da catástrofe. 250.º Aniversário do Terramoto de 1755*. Lisboa: Edições Colibri, Instituto de História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa.
- ROSA, A.; RAMOS, R.; SILVA, I. M.; FREITAS, T.; SILVA, T.; BETTENCOURT, J. (2021) — Novos dados para o conhecimento das actividades portuárias no eixo ribeirinho de Lisboa (séculos XVIII-XIX): síntese dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos durante a

- construção do Hospital CUF Tejo. In ANTUNES, A. S.; NOZES, C.; CARVALHINHOS, M.; LEITÃO, V., coord. — *Arqueologia em meio urbano. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 2, Lisboa, 2018. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 535-545.
- ROSSA, W. (2004) — Do plano de 1755-1758 para a Baixa-Chiado. *Monumentos* Lisboa. 21, p. 22-43.
- ROSSA, W. (2015) — Lisboa: da busca de imagem de capital. *Rossio — Estudos de Lisboa*. Lisboa. 5, p. 28-43.
- SÁ, A.; SILVA, I. M. (2022) — Águas de Santana: as estruturas hidráulicas do Palácio Vaz de Carvalho. In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I., coord. — *Água, dos Homens e dos Deuses... Captar, distribuir e conter...* Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Secção de Arqueologia; Sociedade de Geografia de Lisboa. p. 80-93. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 4).
- SABROSA, A. (2008) — As faianças da Casa Corte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa. In DIOGO, J. M., coord. — *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval — Métodos e Resultados para o seu Estudo*, 4, Tondela, 2000. Actas. Tondela: Câmara Municipal. p. 109-142.
- SALGADO, A. M. (2015) — *O Hospital de Todos-os-Santos. Assistência à pobreza em Portugal no século XVI. A irradiação da assistência médica para o Brasil, Índia e Japão*. Lisboa: By the Book, Edições Especiais.
- SANTANA, F. (2004) — De São Francisco à Politécnica. *Olisipo*, Lisboa. 2.^a Série, 20/21, p. 157-159.
- SANTANA, F.; SUCENA, E., dir. (1994) — *Dicionário de História de Lisboa*. Sacavém: Carlos Quintas e Associados — Consultores.
- SANTOS, F. T.; COSTA, P. (2018) — *A Lisboa subterrânea do Marquês de Pombal: Em busca dos segredos das Águas Livres*. Lisboa: Caleidoscópio.
- SANTOS, F. T.; COSTA, P. (2020) — *A Lisboa subterrânea na Lisboa dos Hospitais: Roteiro das Águas Livres de Campolide ao Intendente*. Lisboa: Caleidoscópio.
- SANTOS, M. J. (2006) — O Largo Vitorino Damásio (Santos-o-Velho, Lisboa): Contributo para a história da zona ribeirinha de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, p. 369-399.
- SANTOS, M. J. (2007) — Largo de Jesus: contributo para a história incógnita de Lisboa antiga. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, p. 381-399.
- SANTOS, M. J. C. (2017) — Pavimentos antigos no Largo de Jesus (Mercês, Lisboa). In FERNANDES, L.; BUGALHÃO, J.; FERNANDES, P. A., ed. lit. — *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. p. 192-196.
- SANTOS, P. A. (2008) — Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, p. 324-345.
- SANTOS, R.; REBELO, P.; NETO, N. (2013) — Intervenção arqueológica no Beco do Loureiro. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1067-1078.
- SANTOS, V. L. (2006) — Copa e área de Serviço do palácio Marqueses de Marialva. *Estudos/Património*. Lisboa. 9, p. 207-212.
- SANTOS, V. P. (1994) — A Casa do Bicos de Quinhentos. In *Lisboa Subterrânea* (1994). Milão: Electa; Lisboa 94. p. 105-109.
- SANTOS, V.; MARQUES, J. A. (2002a) — Acompanhamento das obras do metropolitano de Lisboa: Intervenção arqueológica na Avenida da Ribeira das Naus. In BARROS, L. M. B. V.; HENRIQUES, J. R., coord. — *Encontro de Arqueologia Urbana*, 3. Actas. Almada: Câmara Municipal. p. 165-176.
- SANTOS, V.; MARQUES, J. A. (2002b) — Intervenção de emergência num edifício da Baixa de Lisboa CNN — Companhia Nacional de Navegação. In BARROS, L. M. B. V.; HENRIQUES, J. R., coord. — *Encontro de Arqueologia Urbana*, 3. Actas. Almada: Câmara Municipal. p. 145-159.
- SARDINHA, O. (1990/1992) — Olarias pedradas portuguesas: Contribuição para o seu estudo. Os objectos procedentes do Convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-Santos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. IV, 8/10, p. 487-512.
- SARRAZOLA, A. (2013) — Orla ribeirinha de Lisboa: contextos náuticos de Época Moderna (recentes descobertas). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1193-1196.
- SARRAZOLA, A. (2014) — A grade de maré da Praça D. Luís I. *Rossio — Estudos de Lisboa*. Lisboa. 3, p. 46-51.
- SARRAZOLA, A.; BETTENCOURT, J. A.; FREITAS, T. A.; MACEDO, M. L. (2019) — O estaleiro naval da actual Praça D. Luís I. Contributo arqueológico para a Olisipografia e para a história da Diáspora. *Arqueologia e História*. Lisboa. 69, p. 29-32.
- SARRAZOLA, A.; BETTENCOURT, J. A.; FREITAS, T. A.; TEIXEIRA, A.; MACEDO, M. L.; PARREIRA, J.; NASCIMENTO, R.; GARCIA, C.; FONSECA, C.; LOPES, G.; COELHO, I.; FREIRE, J.; CARVALHO, P.; SILVA, T. (2013) — Notícia dos últimos achados arqueológicos na Zona Ribeirinha de Lisboa: evidências de vocação marítima milenar. *Al-Madan*. Almada. S. II, 18, p. 171-172.
- SARRAZOLA, A.; BETTENCOURT, J.; TEIXEIRA, A. (2014) — Lisboa, o Tejo e a expansão portuguesa. Os mais recentes achados da zona ribeirinha. In CARVALHO, A.; FERNANDES, M. A., coord. — *O Tempo res-*

gatado ao mar. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Imprensa Nacional-Casa da Moeda. p. 111-116.

SARRAZOLA, A.; PONCE, M.; FREITAS, T.; MACEDO, M. (2015) — A rampa de escaleres à Real Cordoaria, Belém/Junqueira (século XVIII). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 10, p. 77-82.

SEBASTIAN, L. (2010) — *A produção oleira de faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Dissertação de Doutoramento em História com especialidade em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas — Universidade Nova de Lisboa. Policopiada.

SENOS, N.; ALBERTO, E. M. (2015) — Os espaços do poder em Lisboa nos séculos XV e XVI. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B. da, coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal, DMC, DPC. p. 69-73.

SEQUEIRA, M. J.; VALE, A. P. (2012) — A majólica a escavação do Largo do Corpo Santo. Conferência proferida no âmbito do *Ciclo de Conferências — Temas de Arqueologia*, promovido pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (25 de maio).

SIANTO, L.; LEITÃO, S.; MATOS, V.; LOURENÇO, A. M.; ROCHA, A. J. F. (2015) — Estudo paleoparasitológico de sedimentos associados a enterramentos humanos da necrópole da Igreja de São Julião. *Lisboa. Al-Madan Online*. Almada. 20:1, p. 110-111.

SILVA, A. V. (1937) — *O Castelo de S. Jorge em Lisboa: Estudo histórico-descritivo*. 2.ª ed. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.

SILVA, A. V. (1939) — *A cerca moura de Lisboa: Estudo histórico-descritivo*. 2.ª ed. Lisboa: Câmara Municipal.

SILVA, A. V. (1940) — *As muralhas da Ribeira*. 2.ª ed. Lisboa: Câmara Municipal. 2 vol.

SILVA, A. V. (1948-1949) — *A cerca Fernandina*. 1.ª ed. Lisboa: Câmara Municipal. 2 vol.

SILVA, I. M.; NASCIMENTO, R. C.; NUNES, T. (2019) — O dique da Ribeira das Naus: construção e reparação naval. *Arqueologia e História*. Lisboa. 69, p. 33-42.

SILVA, I. M.; PINTO, M. (2017) — Uma Intervenção em pleno Bairro das Olarias: novos dados sobre a produção oleira no século XVII. In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B., coord. — *Uma cidade em escavação. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 1, Lisboa, 2016. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 182-188.

SILVA, I. M.; ROSA, A. (2018) — Rua da Vitória — A Lisboa de antigamente. In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I., ed. lit. — *Meios, vias e trajectos... Entrar e sair*

de Lisboa. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa; Secção de Arqueologia, Sociedade de Geografia de Lisboa. p. 160-167. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 2).

SILVA, M. F.; FONSECA, N. (2019) — As tercenas régias de Lisboa: D. Dinis a D. Fernando. In MAIA, J. S., coord. — *O mar como futuro de Portugal (c. 1223-1448). A propósito da contratação de Manuel Pessanha como Almirante por D. Dinis*. Lisboa: Academia da Marinha. p. 257-274.

SILVA, R. B. (2015) — Fragmentos de composição escultórica em terracota. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B., da coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal, DMC, DPC. p. 109.

SILVA, R. B.; BARGÃO, A.; BARRADAS, A.; FERREIRA, S. (2021) — Small Vessels, Great Significance: 16th-17th Centuries Portuguese Fine Redware from the «Royal Hospital of All-Saints», Lisbon. In PETRIDIS, P.; YANGAKI, A. G.; LIAROS, N.; BIA, E.-E., ed. lit. — *Congress on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics — Proceedings*, 12, Athens, 2018. Athens: Institute of Historical Research, National Hellenic Research Foundation, AIECM3 — Associação Internacional para o Estudo da Cerâmica Medieval e Moderna no Mediterrâneo. vol. 1, p. 223-226.

SILVA, R. B.; GUINOTE, P. (1998) — *O quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos. Roteiro arqueológico e documental dos espaços e objectos*. Lisboa: Ministério da Educação.

SILVA, R. B.; LEITE, A. C. (2015) — O Hospital Real de Todos-os-Santos. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B., da, coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal, DMC, DPC. p. 49-52.

SILVA, R. B.; MIRANDA, P.; NOZES, C. (2019) — O Largo do Chafariz de Dentro e a frente ribeirinha. *Arqueologia e História*. Lisboa. 69, p. 43-54.

SILVA, R. B.; MIRANDA, P.; VIEIRA, V. N.; VICENTE, A. M.; LOPES, G. C.; NOZES, C. (2012) — Largo do Chafariz de Dentro: Alfama em Época Moderna. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 1, p. 71-84.

SILVA, R. B.; RODRIGUES, A. F. (2015) — Cerâmicas finas barrocas de um contexto de finais do século XVII-inícios do século XVIII de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa). *Estudos e Relatórios de Arqueologia Tagana*. Lisboa. 1.

SILVA, R. H. (2007) — Da destruição de Lisboa ao arrasamento da Baixa: terramoto urbanístico de Lisboa. In ROLLO, M. F.; BUESCU, A. I.; CARDIM, P., coord. — *História e Ciência da Catástrofe. 250.º Aniversário do Terramoto de 1755*. Lisboa: Edições

Colibri, Instituto de História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa. p. 103-111.

SILVA, R. N.; SILVA, R. B. (2017) — O contexto do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos: os contentores para líquidos. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1795-1808.

SILVEIRA, A. (2014a) — O navio do Largo do Corpo Santo, Lisboa, século xv. In CARVALHO, A.; FERNANDES, M. A., coord. — *O Tempo resgatado ao mar*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional-Casa da Moeda. p. 180.

SILVEIRA, A. (2014b) — O navio do Cais do Sodré, Lisboa, séculos xvi-vii. In CARVALHO, A.; FERNANDES, M. A., coord. — *O Tempo resgatado ao mar*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional-Casa da Moeda. p. 181.

SIMÃO, I. (2010) — *Palácio Mesquitela: espaço habitacional da Lisboa Moderna e Contemporânea. Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 6, p. 83-89.

SIMÃO, I.; FURTADO, C.; LOURENÇO, M.; EVANGELISTA, L. S. (2017) — Um olhar sobre a evolução do extinto Tribunal da Boa Hora. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 12, p. 49-57.

SIMÃO, I.; MIGUEZ, J. (2017) — O conjunto de selos de chumbo proveniente do Campo das Cebolas, Lisboa. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1891-1900.

SIMÃO, I.; MIGUEZ, J.; MACEDO, M.; FREITAS, T. A.; FONSECA, C.; BETTENCOURT, J. (2017) — Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. Alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1901-1914.

SIMÃO, I.; PINTO, M.; PIMENTA, J.; FERREIRA, S. C.; BARGÃO, A.; SILVA, R. B. (2020) — Os cachimbos dos séculos xvii e xviii do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa). In ARNAUD, J. M.; NEVES, C.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal 2020 — Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1761-1774.

SIMÕES, S. T. (2009) — *Os potes martabã. Contributo para o seu conhecimento*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.

SIMÕES, S. T. (2012) — Os potes «martabã»: um conceito em discussão. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta

Delgada: Universidade dos Açores. vol. 2, p. 909-932.

SIMÕES, S. T. (2015a) — A brief study concerning Martaban jars. In TRIPATI, S., ed. lit. — *Maritime Contacts of the Past: Deciphering Connections Amongst Communities*. New Delhi: Delta Book World. p. 252-274.

SIMÕES, S. T. (2015b) — Uma panela na Rua da Saudade, Lisboa. Legado de populações escravas em Portugal? In SÁEZ DE LA FUENTE, I.; GARCÍA, C. T.; GONZÁLEZ DE ALAIZA, L. E.; HERNÁNDEZ BELOQUI, B.; ÁLVAREZ, C. H., coord. — *Arqueologías sociales. Arqueología en Sociedad. Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*, 7, Vitoria-Gasteiz, 2014. Atas. Vitoria-Gasteiz: ArkeoGazte, JAS Arqueología. p. 151-160.

SIMÕES, S. T. (2019) — Novos dados sobre os potes orientais na Lisboa Ribeirinha. *Arqueologia e História*. Lisboa. 69, p. 99-108.

SOARES, C. M.; DIONÍSIO, A. (2019) — *A Igreja de Santa Engrácia no Campo de Santa Clara: os tempos do lugar*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural, Panteão Nacional. Catálogo.

SOROMENHO, M. (2015) — O capitel tardo-gótico do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. In BUGALHÃO, J., coord. — *Uma casa pré-pombalina na Baixa Lisboeta. Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Centro de História de Aquém e Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. p. 63-66. (ArqueoArte; 3).

SOROMENHO, M. coord. (2016) — *Joyeuse Entrée. A vista de Lisboa do Castelo de Weilburg*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.

SOROMENHO, M.; SANTOS, M. H. R. (2004) — O Convento do Corpus Christi: um caso de estudo. *Monumentos*. Lisboa. 21, p. 116-131.

SOUSA, M. M.; BARGÃO, A.; FERREIRA, S. C.; PIMENTA, J.; SILVA, R. B. (2021) — Os cachimbos cerâmicos do sítio do Hotel Vincci (Santa Maria Maior). Poster apresentado ao *III Encontro de Arqueologia de Lisboa — Arqueologia na Cidade*, promovido pelo Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa (19 de novembro).

SOUSA, M. M.; HENRIQUES, J. P.; FILIPE, V. G. (2020) — *Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*. Estudo de Cachimbos provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa. In ARNAUD, J. M.; NEVES, C.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal 2020 — Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1775-1786.

SOUSA, M. M.; HENRIQUES, J. P.; FILIPE, V. G. (2021) — Two Types of Smoking Pipes and a Global Perspective in Rua do Terreiro do Trigo, Lisbon. In BLAŽKOVÁ, G.; MATĚJKOVÁ, K., ed. lit. — *Europa Postmediaevalis 2020: Post-Medieval Pottery in the Spare Time*. Oxford: Archaeopress. p. 77-82.

- SUCENA, E. (1986) — A Capela de Nossa Senhora de Soledade anexa à primitiva igreja de São Jorge. *Olisipo*. Lisboa. 149, p. 65-73.
- TABORDA, H. (2020) — O Metropolitano de Lisboa e a redescoberta do Hospital Real. In ALBERTO, E., coord. — *O Hospital Real de Todos-os-Santos: Lisboa e a saúde*. Lisboa: Câmara Municipal, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. p. 209-2013.
- TAVARES, R. (2005) — *O pequeno livro do Grande Terramoto*. Lisboa: Tinta-da-China.
- TEIXEIRA, A.; CASTRO, A.; TORRES, J. B.; CURADO, T.; PAULA, N. A. (2021) — Pottery kilns in Mouraria (Lisbon, Portugal): Archaeological evidences of the 16th and 17th centuries Workshop. In PETRIDIS, P.; YANGAKI, A. G.; LIAROS, N.; BIA, E-E., ed. lit. — *Congress on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics — Proceedings*, 12, Athens, 2018. Athens: Institute of Historical Research, National Hellenic Research Foundation, AIECM3 — Associação Internacional para o Estudo da Cerâmica Medieval e Moderna no Mediterrâneo. vol. 1, p. 53-62.
- TEIXEIRA, A.; FRAGOSO, I.; MEDEIROS, L. (2020) — Arqueologia, recuperação da memória e afirmação da identidade: o caso do Bairro da Mouraria, Lisboa. *Revista Memória em Rede*. Pelotas, Brasil. 12:23, p. 19-48.
- TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B., coord. (2015) — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, DMC, DPC. Catálogo.
- TERESO, J. P.; FERNANDES, L. (2021a) — Fodder in the city: rye for animals in the 1755 earthquake In Lisbon. In ALBARELLA, U.; DETRY, C.; GABRIEL, S.; GINJA, C.; PIRES, A. E.; TERESO, J. P., ed. lit. — *Themes in Old World Zooarchaeology: From the Mediterranean to the Atlantic*. Oxford: Oxbow Books. p. 219-226.
- TERESO, J. P.; FERNANDES, L. (2021b) — Palha para animais numa casa de Lisboa, no dia 1 de novembro de 1755. In ANTUNES, A. S.; NOZES, C.; CARVALHINHOS, M.; LEITÃO, V., coord. — *Arqueologia em meio urbano. Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 2, Lisboa, 2018. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 573-595.
- TIÇÃO, A.; DIAS, A.; BARREIROS, H.; FERNANDES, L.; BASTOS, M.; TEIXEIRA, P.; MATOS, R. (2001) — As muralhas de Lisboa. Novos dados. In FERNANDES, I. C. F., coord. — *Mil Anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre os Castelos*. Lisboa: Edições Colibri; Palmela: Câmara Municipal de Palmela. p. 849-854.
- TOBRINER, S. (2004) — A gaiola pombalina: o sistema de construção anti-sísmico mais avançado do século XVIII. *Monumentos*. Lisboa. 21, p. 160-167.
- TORRES, A. (2007) — Contas exumadas na intervenção arqueológica do Palácio dos Marqueses de Marialva: uma tipologia usada no trato colonial. *Anais de História de Além-Mar*. Lisboa. 8, p. 181-237.
- TORRES, A. (2012) — O mobiliário do Palácio Marialva (Lisboa). In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 2, p. 95-110.
- TORRES, J. (2012) — Convento de São Francisco de Lisboa: fragmentos e documentos na reconstrução de quotidianos. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., ed. lit. — *Velhos e novos mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. vol. 1, p. 539-550.
- TORRES, J. B. (2011) — *Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.
- TORRES, J. B. (2019) — A história do convento de S. Francisco de Lisboa contada por peças. *Arqueologia e História*. Lisboa. 69, p. 109-120.
- TOSTÕES, A.; ROSSA, W., coord. (2008) — *Lisboa 1758. O plano da Baixa hoje*. Lisboa: Câmara Municipal. Roteiro.
- TRINDADE, L. e DIOGO, A. M. D. (1998) — Cerâmicas da época do terramoto de 1755 provenientes de Lisboa. In ABRAÇOS, H. C.; DIOGO, J. M., coord. — *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval — Métodos e Resultados para o seu Estudo*, 2, Tondela, 1995. Actas. Tondela: Câmara Municipal. p. 349-353.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. D. (1997) — Intervenção arqueológica na Travessa da Madalena, n.º 18 (Lisboa). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 3, p. 67-80.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (2000) — Elementos sobre o cemitério do adro da Igreja de S. Domingos. *Arqueologia e História*. Lisboa. 52, p. 59-72.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. D. (2001a) — Intervenção arqueológica de emergência na Rua dos Correios em Lisboa. As sondagens n.º 2, 6, 7, 9 e 10. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 187-204.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (2001b) — Elementos para o estudo do Baluarte do Livramento. *Arqueologia e História*. Lisboa. 53, p. 125-134.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (2003) — Elementos para o estudo da Igreja de Nossa Senhora do Livramento, em Alcântara, Lisboa. *Arqueologia e História*. Lisboa. 55, p. 89-96.

- TRINDADE, L.; LOPES, L.; NETO, J. L.; DIOGO, A. M. D. (2001) — Elementos para o estudo dos restos humanos da intervenção arqueológica de 1991 no cemitério do adro da Igreja de São Domingos em Lisboa. *Arqueologia e História*. Lisboa. 53, p. 109-124.
- VALE, A. (2015) — A intervenção arqueológica no Largo do Corpo Santo e a Ribeira de Lisboa no século XVI. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B. da, coord. — *Lisboa 1415 Ceuta — História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autonoma de Ceuta, CEC; Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, DMC, DPC. p. 162-165.
- VALE, A. L. D. P.; FERNANDES, L. M. M. (1994) — Intervenção arqueológica no Largo de St.º António da Sé. *Al-Madan*. Almada. S. II, 3, p. 109.
- VALE, A.; MARQUES, J. (1997) — Escavações arqueológicas no Largo do Corpo Santo (Lisboa): Estruturas do Palácio Corte-Real. In *Colóquio Temático Lisboa Ribeirinha*, 2, Lisboa, 1997. Lisboa: Câmara Municipal. p. 123-132.
- VALENTE, M. F. V. R. P. (2013) — *Estudo de dois conjuntos de cálices em vidro provenientes da escavação arqueológica da Casa dos Bicos, Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Conservação e Restauro apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.
- VALONGO, A. (2017) — Rua do Arsenal 148, Lisboa. Resultados da escavação arqueológica. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1551-1566.
- VALONGO, A. (2018) — Leitura do passado. Uma epígrafe Moderna da Rua do Arsenal 148, Lisboa. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 6, p. 270-275.
- VALONGO, M.; CALADO, M. (2013) — A fonte setecentista da Quinta de Santo António da Boiça — Olivais Velho (Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., ed. lit. — *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1079-1084.
- VAN LEEUWAARDEN, W.; QUEIROZ, P. F. (2000) — *Identificação de um conjunto de fragmentos de amostras de madeira recolhidas em elementos da estrutura da embarcação do Corpo Santo*. Lisboa: Centro de Investigação e Paleoecologia e Arqueociências, Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos do CIPA; 6).
- VAN LEEUWAARDEN, W.; QUEIROZ, P. F. (2002) — *Identificação de um conjunto de peças de madeira provenientes do estaleiro da Ribeira das Naus na Praça do Município (Lisboa)*. Lisboa: Centro de Investigação e Paleoecologia e Arqueociências, Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos do CIPA; 34).
- VAN LEEUWAARDEN, W.; QUEIROZ, P. F.; MATEUS, J. E.; PIMENTA, C. M.; RUAS, J. P. (1999) — *Estudo Paleoetnobotânico e Paleoecológico dos depósitos argilo-turfosos da Estação Arqueológica da Praça do Município (sob a antiga Patriarcal)*. Lisboa: Centro de Investigação e Paleoecologia e Arqueociências, Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos do CIPA; 2).
- VIANA, M. (2015) — Dois recipientes de medida para líquidos em cerâmica. In BUGALHÃO, J., coord. — *Uma casa pré-pombalina na Baixa Lisboaeta. Núcleo arqueológico da Rua dos Correiros*. Lisboa: Centro de História de Aquém e Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Ponta Delgada: Universidade dos Açores. p. 57-60. (ArqueoArte; 3).
- VIEIRA, V. N. (2019) — Fragmentos de céladon de Longquan do Largo do Chafariz de Dentro (Alfama). *Arqueologia e História*. Lisboa. 69, p. 65-80.

Legislação

- Decreto Regulamentar n.º 28/97, de 2 de julho, *Diário da República*, Série I-B, n.º 166/1997 — *Estatuto das carreiras de pessoal específicas na área funcional da Arqueologia* (REVOGADO).
- Decreto-Lei n.º 164/2014, de 4 de novembro, *Diário da República*, I.ª Série, n.º 213/2014 — *Regulamento de Trabalhos Arqueológicos*.
- Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de julho, *Diário da República*, Série I-A, n.º 163/1999 — *Regulamento de Trabalhos Arqueológicos*.
- Decreto-Lei n.º 287/2000, de 10 de novembro, *Diário da República*, Série I-A, n.º 260/2000 — *Altera o Regulamento de Trabalhos Arqueológicos aprovado pelo Decreto-Lei 270/99 de 15 de Julho*.
- Decreto-Lei n.º 69/90, de 2 de março, *Diário da República*, I.ª Série, n.º 51/1990 — *Regime jurídico dos planos municipais de ordenamento do território*.
- Decreto-Lei n.º 117/97, de 14 de maio, *Diário da República*, Série I-A, n.º 111/1997 — *Orgânica do Instituto Português de Arqueologia* (REVOGADO).
- Decreto-Lei n.º 164/97, de 27 de junho, *Diário da República*, Série I-A, n.º 146/1997 — *Normas relativas ao Património Cultural Subaquático*.
- Lei n.º 13/85, de 6 de julho, *Diário da República*, I.ª Série, n.º 153/1985 — *Lei do Património Cultural Português*.

Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, *Diário da República*, Série I-A, n.º 209/2001 — *Lei de Bases do Património Cultural*.

Resolução do Conselho de Ministros 94/94, de 29 de setembro, *Diário da República*, n.º 226/1994, Série I-B — *Plano Director Municipal de Lisboa*.